

Contingentia

Revista do Setor de
Alemão da UFRGS

V. 13 n. 2

Gerson Roberto Neumann
Helano Jader Cavalcante Ribeiro
Eduardo Spieler de Oliveira
(Orgs.)

Contingentia

Contingentia vol. 13 n. 2

Editores: Gerson Roberto Neumann, UFRGS; Helano Ribeiro, UFPB; Eduardo Spieler, UFRGS

Editoração Digital-SEER

Eduardo Spieler, UFRGS

Amanda Timmen Mello, UFRGS

Assistentes Editoriais

Amanda Timmen Mello, UFRGS

Marianna Ilgenfritz Daudt, UFRGS

Conselho Editorial (Nacional)

Bernardo K. Limberger, UFCSPA

Celeste H. M. Ribeiro de Sousa, USP

Cléo V. Altenhofen, UFRGS

Elcio Loureiro Cornelsen, UFMG

Felix Valentin Bugueno Miranda, UFRGS

Gabriel Sanches Teixeira, UFSC

Helmut Galle, USP

Karen Pupp Spinassé, UFRGS

Márcia Ivana Lima e Silva, UFRGS

Paulo Soethe, UFPR

Rosani Úrsula Ketzer Umbach, UFSM

Tito Lívio Cruz Romão, UFC

Conselho Editorial (Internacional)

Arne Ziegler, Universität Graz

Dirk Niefanger, Friedrich-Alexander-Universität

Elóide Kilp, Universität Salzburg

Göz Kaufmann, Universität Freiburg

Joachim Born, Universität Giessen

Jürgen Fohrmann, Universität Bonn

Ligia Chiappini Moraes Leite, Freie Universität Berlin

Mechthild Habermann, Friedrich-Alexander-Universität

Sebastian Kuerschner, Katholische Universität Eichstätt-Ingolstadt

Susanne Klengel, Universität Mainz/Germersheim

Zinka Ziebell-Wendt, Universität Bremen/Freie Universität Berlin

CONTINGENTIA / Instituto de Letras/ Setor de Alemão. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2025. v. 13, n. 2, Ago-Dez (p. 01-125) ISSN 1980-7589

Contingentia. Org. Gerson Neumann, Helano Ribeiro e Eduardo Spieler.

1. Letras –Periódicos. 2. Literatura. 3. Linguística. 4. Línguas estrangeiras. 5. Tradução. I. Neumann, Gerson Roberto; Ribeiro, Helano Jader Cavalcante; Spieler, Eduardo. II. Mello, Amanda Timmen; Daudt, Marianna Ilgenfritz.

Contingentia

Gerson Roberto Neumann
Helano Jader Cavalcante Ribeiro
Eduardo Spieler de Oliveira
(Orgs.)

Vol. 13, No. 2, Ago-Dez 2025 | ISSN 1980-7589

Apresentação

Gerson Neumann, Helano Ribeiro, Eduardo Spieler,
Amanda Timmen Mello, Marianna Ilgenfritz Daudt 5

Artigos

Literatura

Reflexos benjaminianos na peça *Wie der Wind im Ei*, de Yoko Tawada 8
Eduardo Spieler

Ideal | fracassado: a casa de recreio nas *Afinidades eletivas*, de Goethe 23
Lina Sens (tradução de Daniel Martineschen)

Tradução

Original ou Falsificada?
A tradução de *O refúgio da arte*, de Eckhart Nickel (2025) 42
Robert Schade

**“Colonização alemã no Brasil” e “Bem-intencionados avisos aos emigrantes”,
de Friedrich Gerstäcker (1862)** 59
Elisa Haizler, Gerson Roberto Neumann

Traduzindo memórias afetivas: as delícias da *Oma* e da *Tante* 76
Erica Schultz, Graziela Martins da Silva, Guilherme Torres da Trindade,
Maria Aparecida Machado de Deus, Tiago Serafini Farias

Linguística

**Dicionários de línguas minoritárias de matriz alemã:
características, finalidades e contribuições** 88
Rafaela Radünz Lazzari, Cléo Vilson Altenhofen

**Pertencimento e memória no discurso sobre o Hunsrückisch em Ivoti (RS):
uma análise textual discursiva de fragmentos memorialísticos locais** 105
Luciana Sanguiné, Vera Lucia Felicetti

Resenhas

O tempo e a sala, de Botho Strauss 122
Francisco Cenci Dal Ponte, Gerson Roberto Neumann

Apresentação

Ao finalizarmos o ano de 2025, temos o prazer de apresentar o número dois do volume 13 da Revista Contingentia, revista do Setor de Alemão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O presente número é de temática livre e é composto por três sessões: dois artigos na área da Literatura, três que abordam questões relativas à Tradução e dois da área da Linguística. Ao final, ainda temos uma resenha de um livro traduzido do alemão para o português.

Iniciamos o número com o artigo intitulado “Reflexos benjaminianos na peça *Wie der Wind im Ei*, de Yoko Tawada”, de autoria de Eduardo Spieler. No artigo, Eduardo Spieler busca uma aproximação da peça *Como o vento no ovo* [*Wie der Wind im Ei*], de Yoko Tawada, com os conceitos centrais da reflexão de Walter Benjamin sobre narrativa, experiência e modernidade, especialmente aqueles ligados à crise da experiência comunicável e ao declínio da figura do narrador. A análise concentra-se na constelação formada pelas personagens Mulher, Poeta e Menina, entendidas não como sujeitos psicológicos individualizados, mas como figuras alegóricas que dramatizam diferentes modos de relação com a linguagem, a memória e a escrita. Nesse sentido, a peça de Tawada dialoga criticamente com o diagnóstico benjaminiano da modernidade, encenando a perda da sabedoria narrativa, a fragmentação do sujeito e a dissociação entre vivência e linguagem. A peça faz da escrita teatral um espaço de resistência poética diante da crise da experiência moderna.

Daniel Martineschen traz a tradução do texto “Ideal | verfehlt: das Lusthaus in Goethes Wahlverwandtschaften”, de Lina Sens, para o português. O texto trata da dedicação de Johann Wolfgang von Goethe aos estudos de arquitetura. Seus ensaios sobre arquitetura são prova disso, assim como suas inúmeras contribuições para o planejamento de edifícios em Weimar. Além disso, seu interesse se reflete na literatura, particularmente no romance *Afinidades eletivas*, de 1809. O ensaio em questão se concentra no tema da *Lusthaus* (“casa de recreio”) no romance e nas suas implicações para a narrativa. As atenções estão centradas nas conversas entre Charlotte e Ottilie, que planejam e discutem seu futuro curso de ação na casa de recreio. O artigo mostra que a casa de recreio é o espaço ideal para as discussões das mulheres devido à sua

constituição material e simbólica. O fato de nenhuma das decisões delas ter sido colocada em prática também pode ser atribuído a essa construção.

“Original ou Falsificada? A tradução de *O refúgio da arte*, de Eckhart Nickel (2025)” é o título do artigo de Robert Schade, em que analisa a tradução coletiva do romance *Spitzweg* (2022; *O refúgio da arte*, 2025), do escritor alemão Eckhart Nickel. A proposta é abordar aspectos hermenêuticos, lexicais e sintáticos da tradução. O objetivo é a preservação da artificialidade da linguagem e das inúmeras referências intertextuais à cultura clássica e pop, para que o leitor brasileiro possa seguir ao máximo os caminhos que o romance fornece. Pretende-se justificar as estratégias de tradução em coletivo e dar exemplos das decisões que foram tomadas, situando-as entre os polos clássicos de domesticação e estrangeiridade.

Segundo na área da Tradução, Elisa Haizler, acompanhada de Gerson Roberto Neumann, traz ao público leitor brasileiro dois textos informativos do escritor alemão Friedrich Gerstäcker sobre a temática da migração das regiões de língua alemã para o Brasil. Trata-se da tradução de “Deutsche Colonisation in Brasilien” e “Wohlgemeinte Warnung für Auswanderer”, publicados em 1862, na revista *Die Gartenlaube: Illustriertes Familienblatt*.

Erica Sofia Luisa Foerthmann Schultz, acompanhada de Graziela Martins da Silva, Guilherme Torres da Trindade, Maria Aparecida Machado de Deus e Tiago Serafini Farias, traz o texto “Traduzindo memórias afetivas: as delícias da *Oma* e da *Tante*”, em que se relata a experiência de traduzir para o português receitas culinárias manuscritas em língua alemã, realizada no âmbito da disciplina Tradução do Alemão II do Bacharelado em Letras (Tradução Português-Alemão) da UFRGS, no primeiro semestre de 2025. As receitas, provenientes do acervo familiar de Simone Schultz, escritas pela *Oma* Maria Krapf e pela *Tante* Zilca Ewald, constituem registros de práticas alimentares transmitidas entre gerações no contexto da imigração europeia em Blumenau (SC) e outras cidades brasileiras.

Dois artigos de abordagem linguística compõem o próximo bloco. Rafaela Radünz Lazzari e Cléo Vilson Altenhofen apresentam o artigo “Dicionários de línguas minoritárias de matriz alemã: características, finalidades e contribuições”, no qual se apresenta a importância de dicionários de línguas minoritárias. Dicionários são uma ferramenta de registro e ensino de línguas e podem, além disso, auxiliar na manutenção de línguas minoritárias. Segundo Lazzari e Altenhofen, no Brasil, além das línguas indígenas e afro-brasileiras, estão entre as línguas minoritárias as chamadas línguas de imigração, incluindo as de matriz alemã. Tanto aqui no Brasil quanto em outros países existem esforços para compilar dicionários dessa natureza, que servem ao propósito

comum de subsidiar a escrita e o registro do léxico da língua. Com o intuito de identificar a amplitude com que se têm disponíveis essas ferramentas, busca-se, no artigo, fazer um levantamento de alguns dicionários publicados. Seus componentes são analisados a partir de fundamentos da Lexicografia, de forma a melhor entender o trabalho feito pelos compiladores. Apesar de a maioria dos dicionários abordados precisar de um melhor embasamento teórico lexicográfico, isso não diminui o tamanho dos esforços dos compiladores ao querer apresentar sua língua e cultura para o mundo.

O segundo artigo da área da Linguística é de autoria de Luciana Sanguiné e Vera Lucia Felicetti, intitulado “Pertencimento e memória no discurso sobre o Hunsrückisch em Ivoti (RS): uma análise textual discursiva de fragmentos memorialísticos locais”. Nele, as autoras investigam como os moradores da cidade se relacionam com essa herança linguística, considerando seu valor simbólico como expressão de pertencimento e identidade. A análise baseia-se em depoimentos da série *Ivoti 70+* e em narrativas do livro *Dramas, comédias e tragédias nas Picadas de Bom Jardim/Ivoti: ecos do passado*, sendo feito por meio da Análise Textual Discursiva (ATD), com foco na seleção, unitarização e categorização dos dados. Os resultados indicam que, embora o uso ativo da língua seja limitado, ela permanece como traço afetivo e cultural, acionado em memórias que reforçam vínculos familiares e comunitários. O estudo destaca o papel das línguas de imigração na preservação da identidade local e no fortalecimento da memória coletiva em contextos marcados pela diversidade linguística.

Ao final deste número da revista, Francisco Cenci Dal Ponte apresenta a resenha “*O tempo e a sala*, de Botho Strauss”. *O tempo e a sala* foi publicado em 1989 e levado aos palcos pela primeira vez no mesmo ano, com a direção do cineasta suíço Luc Bondy (1948-2015). Comenta-se aqui uma tradução para o português da Profa. Dr.^a Fernanda Boarin Boechat, docente da Universidade Federal do Pará (UFPR), que foi lançada em 2024 pela Editora da UFPR.

Desejamos uma boa leitura!

A equipe editorial.

Gerson Neumann – UFRGS (ed.)

Helano Ribeiro – UFPB (ed.)

Eduardo Spieler – UFRGS (ed.)

Amanda Timmen Mello – UFRGS (assist. ed.)

Marianna Ilgenfritz Daudt – UFRGS (assist. ed.)

Reflexos benjaminianos na peça *Wie der Wind im Ei*, de Yoko Tawada

Eduardo Spieler¹

Resumo: O artigo busca uma aproximação da peça *Como o vento no ovo* [*Wie der Wind im Ei*], de Yoko Tawada, com os conceitos centrais da reflexão de Walter Benjamin sobre narrativa, experiência e modernidade, especialmente aqueles ligados à crise da experiência comunicável e ao declínio da figura do narrador. Partindo especialmente do ensaio “O narrador”, de Benjamin, o estudo investiga de que modo a estrutura fragmentária da peça, a ausência de um enredo linear e a justaposição de discursos heterogêneos — como as interrupções do noticiário radiofônico — encenam a crise moderna da experiência comunicável. A análise concentra-se na constelação formada pelas personagens Mulher, Poeta e Menina, entendidas não como sujeitos psicológicos individualizados, mas como figuras alegóricas que dramatizam diferentes modos de relação com a linguagem, a memória e a escrita. Nesse sentido, a peça de Tawada dialoga criticamente com o diagnóstico benjaminiano da modernidade, encenando a perda da sabedoria narrativa, a fragmentação do sujeito e a dissociação entre vivência e linguagem. *Como o vento no ovo* não apenas reflete essas questões teoricamente, mas as reinscreve formalmente no próprio tecido dramático, fazendo da escrita teatral um espaço de resistência poética diante da crise da experiência moderna.

Palavras-chave: Yoko Tawada; Walter Benjamin; teatro contemporâneo; modernidade.

Zusammenfassung: Der Artikel sucht eine Annäherung an das Theaterstück *Wie der Wind im Ei* von Yoko Tawada im Dialog mit zentralen Begriffen aus Walter Benjamins Reflexionen zu Narration, Erfahrung und Moderne. Ausgehend insbesondere von dem Essay *Der Erzähler* untersucht die Studie, inwiefern die fragmentarische Struktur des Stücks, das Fehlen einer linearen Handlung sowie die Juxtaposition heterogener Diskurse — etwa die Unterbrechungen durch Radionachrichten — die moderne Krise der mitteilbaren Erfahrung inszenieren. Die Analyse konzentriert sich auf die Konstellation der Figuren Frau, Dichter und Mädchen, die nicht als individualisierte psychologische Subjekte verstanden werden, sondern als allegorische Figuren, welche unterschiedliche Weisen der Beziehung zu Sprache, Erinnerung und Schrift dramatisieren. In diesem Sinne tritt Tawadas Stück in einen kritischen Dialog mit Benjamins Diagnose der Moderne, indem es den Verlust narrativer Weisheit, die Fragmentierung des Subjekts sowie die Entkoppelung von Erfahrung und Sprache szenisch darstellt. *Wie der Wind im Ei* reflektiert diese Fragestellungen nicht nur theoretisch, sondern schreibt sie formal in das eigene dramaturgische Gefüge ein und macht das theatrale Schreiben zu einem Raum poetischen Widerstands gegenüber der Krise der modernen Erfahrung.

Schlüsselwörter: Yoko Tawada; Walter Benjamin; zeitgenössisches Theater; Moderne.

¹ Doutorando em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestre em Literatura pela UFRGS com bolsa Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Graduado em Licenciatura em Letras (Língua e Literatura Português-Alemão) na UFRGS. É membro do grupo de pesquisa Cosmos Littera. E-mail: eduardo.spieler@gmail.com. ORCID ID: 0000-0001-9998-7674.

Introdução

O percurso acadêmico de Yoko Tawada inicia-se na Universidade Waseda, localizada na cidade de Tóquio. Tawada realizou sua graduação em Literatura com especialização em Literatura Russa, concluindo-a em 1982. Já em Hamburgo, em 1990, a autora obteve o título de mestre em Literatura Alemã Contemporânea pela Universidade de Hamburgo. Em 2000, ela concluiu seu doutorado em Literatura Alemã pela Universidade de Zurique, sob orientação de Sigrid Weigel – uma das principais teóricas feministas contemporâneas de língua alemã –, com a tese: *Spielzeug und Sprachmagie in der europäischen Literatur* [Brinquedo e magia da língua na literatura europeia] (Tawada, 2000), uma abordagem etnológica e poética de autores alemães.

A autora escreveu cerca de 60 livros,² realizou inúmeras performances, leituras, além do texto-musical lançado com a pianista de jazz, Aki Takase, intitulado *Diagonal*, no ano de 2002. Sua obra literária foi agraciada com diversos prêmios literários, entre eles estão: o prêmio Adelbert von Chamisso, da Fundação Robert Bosch, outorgado a escritores estrangeiros que escrevem em língua alemã; a Medalha Goethe, prêmio dado pelo Instituto Goethe a estrangeiros por seu mérito no sentido de difundir a língua e a cultura alemãs; e o prêmio Kleis-Preis de literatura alemã, prêmio maior da literatura alemã, consolidando sua obra dentro da Literatura Contemporânea em língua alemã e posicionando-a ao lado de grandes escritores aos quais o prêmio foi concedido como: Anna Seghers, Bertold Brecht, Ernst Jandl, Herta Müller e Robert Musil. Desde 2012, Yoko Tawada é membro da Academia Alemã de Língua e Poesia [Akademie der deutschen Sprache und Dichtung – DASD]. No Japão, a autora também é detentora de outros 9 prêmios, entre eles o Prêmio Izumi Kyôka, em 2000, o Prêmio Itô Sei, em 2003, e o Prêmio Literário Yomiuri, em 2013.

A dimensão da carreira acadêmica e do reconhecimento advindo da comunidade científica, tanto alemã como japonesa, é importante para compreender a aproximação de sua pesquisa com sua obra literária. Afinal, um dos movimentos da poética tawadiana envolve o uso de personagens literários de outros autores, reescrita de textos literários sob novos contextos e, ainda, a inserção da teoria literária e da teoria linguística em seus textos.

Um primeiro exemplo desse movimento se mostra na peça “Sancho Pança” [Sancho Panza] (Tawada, 2013, p. 123-146). Escrita em alemão, japonês e espanhol, o texto faz referência ao personagem do romance de Miguel de Cervantes, *O engenhoso*

² Informações acessadas no site oficial da autora. Disponível em: <http://yokotawada.de/http://bio-bibliographie/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2025.

fidalgo Dom Quixote de la Mancha (Cervantes, 1983). Em um processo permeado por intertextualidades, a autora propõe uma releitura do texto original de Cervantes em formato dramático. Logo no prólogo o leitor se depara com a descrição de personagens que, além de femininos, são zoomorfizados: Sancho Panza é uma burra e Dom Quixote é uma égua. No que diz respeito à nova generificação proposta por Tawada, o próprio Dom Quixote explica o fato de ser uma mulher: “Die Haut einer Frau ist die härteste Rüstung. Wenn man eine weibliche Haut angezogen hat, muss man sich vor nichts mehr fürchten” [“A pele de uma mulher é a armadura mais dura. Depois de colocá-la você não precisa mais ter medo de nada”] (Tawada, 2013, p. 130).

Segundo a pesquisadora Christine Ivanovic (2010, p. 56): “O texto é uma adaptação do famoso romance de Cervantes reposicionado no contexto do final do século XX, como é indicado por várias referências a problemas ambientais cruciais e eventos políticos e suas consequências, como a queda da bomba atômica em Hiroshima”. Autores como Franz Kafka e Walter Benjamin propuseram leituras críticas do texto de Cervantes; também Jorge Luís Borges, no conto *Pierre Menard, autor del Quijote* (Borges, 1995). As leituras críticas de Benjamin e Kafka possibilitaram com que novos olhares e perspectivas fossem lançados para a história, assim como a referência de Borges. Na peça, Tawada faz o mesmo movimento ao remontar o famoso texto de Cervantes em um contexto moderno de contato entre culturas, que absorve em seu universo poético ícones culturais e, assim, transformando-os.

Um segundo exemplo é a peça *Kafka Kaikoku* (Tawada, 2013, p. 271-288). Já em seu título, há um jogo de palavras: além do sobrenome do escritor Franz Kafka, há a palavra *Kaikoku* significa “abertura de países”, em japonês. O termo se relaciona com a abertura do Japão para o oeste, mais precisamente para a Europa, ocorrida a partir de 1861, quando Japão e a Prússia assinaram um tratado comercial: um momento que representa a modernização do Japão e a influência européia durante o processo.

Além do contexto relacionado à abertura comercial japonesa, há, no texto, um debate sobre a palavra *Ungeziefer*, palavra utilizada por Franz Kafka ao narrar a metamorfose sofrida por *Gregor Samsa* em seu livro *A Metamorfose* (Kakfa, 2023). É possível encontrar na literatura traduções da palavra como “parasita” ou “verme”, significando pequenos animais nocivos, ou conjunto de insetos. Tawada, como tradutora de *A Metamorfose* para o japonês, traz para a peça um debate sobre o termo escrito por Kafka. Em entrevista concedida para a Fundação Cultura japonesa-alemã de Berlim, Tawada reflete sobre a peça:

Trata-se da palavra “Ungeziefer”. Na metamorfose de Kafka Gregor Samsa se transforma em um verme. Em um ótimo dicionário etimológico, encontramos o significado original da palavra como “um bicho sujo”, provavelmente, “um bicho não adequado para se sacrificar”. Como verme, Samsa não poderia mais trabalhar como vendedor. Ou ainda: eu não deveria mais trabalhar. Isso significa que os débitos de seus pais deveriam ser totalmente pagos, no entanto, mais tarde, quando ele não trabalhava mais, não parecia mais ser um problema para seus pais. Como poderíamos entender isso? A história termina com a esperança de um casamento de sua irmã. Como essa seria uma imagem para o futuro? Trata-se da pergunta em minha peça de teatro, a adaptação da Metamorfose de Kafka.³

Na peça também há a presença de personagens kafkianos, como o próprio Gregor Samsa, e, em outro momento, um personagem de *O Médico Rural* (Kafka, 1999). Sobre a peça, a pesquisadora Iris Hermann (2015, p. 289) descreve que os “personagens saem de livros e fotos, eles vencem uma fisicalidade que liga intimamente como imagens escritas, imagens e até textos com experiências sensoriais físicas”⁴.

O trabalho de Tawada sobre a obra de Kafka tem sido evidente pelo menos desde a sua dissertação, na qual ela tratou, entre outras coisas, da história “*Blumfeld, um solteiro mais velho...*” [Blumfeld ein älterer Junggeselle...](Kafka, 2010). Além do trabalho sobre Kafka, também nota-se em suas leituras sobre o autor uma influência importante para Tawada: “Inspirada na leitura de Kafka feita por Walter Benjamin, ela interpreta a caixa de costura que aparece na história do campo de flores de Kafka como uma imagem poetológica, e também coloca os brinquedos (pião e bola) nessa dimensão” (Hermann, 2015). Ou seja, em seu trabalho científico Tawada analisa as imagens kafkianas para a composição de sua tese sobre brinquedos, para a qual as reflexões benjaminianas servem de base teórica.

A partir dos exemplos acima citados, intenciona-se, neste artigo, acentuar uma característica presente na obra de Tawada: a reformulação, ou o movimento de “pegar para si” aquilo que é do cânone, tanto teórico como literário, e transformar em algo que é próprio à sua poética. Seja pela incorporação de personagens de outros autores, seja pela apropriação de fragmentos textuais, Tawada os reelabora segundo uma

³ Es geht um das deutsche Wort ‘Ungeziefer’. In Kafkas *Verwandlung* verwandelte sich Gregor Samsa in ein Ungeziefer. In Kluges etymologischem Wörterbuch bedeutete das Wort ursprünglich ‘ein unreines Tier’, wahrscheinlich ‘ein nicht zum Opfer geeignetes Tier’. Als Ungeziefer konnte Samsa nicht mehr als Kaufmann arbeiten. Oder: Er musste nicht mehr arbeiten. Es hieß, dass er die Schulden seiner Eltern abzahlen müsse, aber später, als er nicht mehr arbeitete, ist das anscheinend kein Problem mehr für die Eltern. Wie können wir das verstehen? Die Geschichte endet mit der Hoffnung auf die Hochzeit seiner Schwester. Wie ist dieses Bild der Zukunft zu verstehen? Es geht um diese Fragen in meinem Theaterstück, das eine Adaption von Kafkas *Verwandlung* ist [tradução minha]. Cf: Disponível em: <https://jdz.de/de/node/137>. Acesso em: 2 de julho de 2024.

⁴ Figuren treten aus Büchern und Bildern heraus, sie gewinnen eine Körperlichkeit, die Schriftbilder, Bilder, auch Texte mit körperlich sinnlichen Erfahrungen eng verknüpft.

abordagem transcultural e transtextual, que articula textos tradicionais e formas modernas, referências orientais e técnicas ocidentais, bem como elementos antigos e novos, línguas e práticas.

Como o vento no ovo

Escrita em 1997, a peça de teatro *Como o vento no ovo* [*Wie der Wind im Ei*] (Tawada, 2013) teve sua estreia no mesmo evento do primeiro texto dramático da autora (A máscara de grou que brilha à noite [*Die Kranichmaske, die bei nacht strahlt*]): o festival Steirischer Herbst, em Graz, na Áustria.⁵

No arquivo do festival Steirischer Herbst, é possível ter acesso a um vídeo da apresentação,⁶ acompanhado pelo seguinte texto de divulgação da peça:

O segundo drama de Yoko Tawada é uma excursão elegíaca por mundos poéticos e mágicos. A peça é atmosfericamente carregada por uma tensão intangível entre fantasia e realidade, proximidade e distância. As distâncias e as lacunas já desempenhavam um papel importante na primeira peça teatral de Tawada, *Die Kranichmaske die bei Nacht strahlt* [A máscara do grou que brilha à noite]. Na tradição do teatro Nô japonês, a fronteira entre a vida e a morte ocupou o centro do palco nessa peça, mas na nova peça a autora assume uma posição contrária em termos de conteúdo: é uma alegoria leve sobre a escrita como um ato de criação feminina, uma ponte asiático-europeia entre o nascimento fantástico e a experiência épica da realidade.⁷

No palco, apresentam-se quatro personagens: a Mulher [*die Frau*], uma escritora que se propõe a escrever uma autobiografia; a Menina [*das Mädchen*], uma criança de nacionalidade estrangeira; o Poeta [*der Dichter*], personagem que propõe debates sobre a escrita; e a Cunhada [*die Schwägerin*], que mantém uma relação conflituosa

⁵ A peça foi dirigida por Ernst M. Binder, iluminação por Lukas Kaltenbäck, figurino por Christina Budniewski, coreografia por Dieter Baumann, música por Wolfgang Bley-Borkowski e atuação das atrizes: Jutta Hell, Imma Sarries-Zgonc, Lucie Teisingerova e Yoko Tawada. A peça também foi encenada, posteriormente, em Frankfurt pela companhia de dança Rubato, em 1997, e em 2007, pelo ator e diretor grego Kosmas Chatziioannidis em 2007 no teatro "Landungsbrücken Frankfurt".

⁶ Disponível em: <https://archiv.steirischerherbst.at/de/mediathek/28028/yoko-tawada>. Acesso em: 12 de dezembro de 2025.

⁷ *Wie der Wind im Ei, das zweite Drama der in Hamburg lebenden Japanerin Yoko Tawada, ist eine elegisch anmutende Exkursion in poetisch-magische Welten. Atmosphärisch aufgeladen wird das Stück von einer ungreifbar bleibenden Spannung zwischen Phantasie und Wirklichkeit, Nähe und Distanz. Entfernungen, Abstände spielten schon in Tawadas im steirischen herbst 93 uraufgeführten ersten Bühnenstück Die Kranichmaske die bei Nacht strahlt eine wesentliche Rolle. Stand darin in der Tradition des japanischen Nô-Theaters die Grenze zwischen Leben und Tod im Mittelpunkt, so bezieht die Autorin im neuen Stück eine inhaltliche Gegenposition: Wie der Wind im Ei ist eine leichtfüßige Allegorie über das Schreiben als weiblicher Schöpfungsakt, ein asiatisch-europäischer Brückenschlag zwischen phantastischer (Kopf-)Geburt und epischer Realitätserfahrung* [tradução minha]. Disponível em: <https://archiv.steirischerherbst.at/de/projects/3538/wie-der-wind-im-ei>. Acesso em: 12 de dezembro de 2025.

com a Mulher. Um recurso bastante comum dentro da escrita dramática de Tawada é os nomes dos personagens representarem “entidades” abstratas, mais do que sujeitos com identidade e nomes próprios. Na peça, suas falas parecem enigmáticas, metafóricas, como pistas através das quais se pode estabelecer uma ligação entre sexualidade, fertilidade e produtividade na escrita. Ovos, garrafas, folhas, papéis com manuscritos, sangue e vasos sagrados, são alguns dos objetos cênicos propostos no texto. Eles são apresentados na peça através das falas, e participam da construção poética da peça.

É importante mencionar que o enredo não é composto por um arco dramático e a peça se desenvolve apenas através das discussões e falas dos personagens. O prólogo descreve a primeira personagem, a Mulher [die Frau], personagem que está no processo de escrever uma autobiografia. Para tanto, ela se retira e vive sozinha em uma pequena casa com dois cômodos, um dos quais está vazio, e pertencia ao “[...] homem que morou lá com ela até dois anos atrás”⁸ (Tawada, 2013, p. 37). A casa, por sua vez, “[...] fica em um buraco, ao redor da casa crescem árvores subtropicais cujos galhos conversam em linguagem de sinais como mãos humanas”⁹ (Tawada, 2013, p. 37). Esse isolamento deve-se também ao fato de ela buscar por uma proteção para sua escrita: “Longe de todas as criaturas bípedes, protegido de todas as questões antropófagas, queria passar nove meses escrevendo minha autobiografia” (Tawada, 2013, p. 38).

O isolamento da Mulher é perturbado, primeiramente, pela presença da personagem Cunhada [die Schwägerin], que é anunciada no monólogo inicial, junto com os outros personagens: “Desde que construí meu ninho neste buraco verde, nunca me senti tão inquieta como hoje” e “[infelizmente], não é bem verdade que ninguém me visita. Há três pessoas que sempre podem me visitar”¹⁰ (Tawada, 2013, p. 38).

Há uma relação entre a sua propriedade, que a protege das perguntas intrusivas de outras pessoas, com o tema da corporeidade. De sua casa, protegida, é onde nasce sua autobiografia, no entanto, este espaço não é bem definido para o leitor, isto é, não é possível dizer quais processos ocorrem “dentro” e quais ocorrem “fora”, onde o corpo começa e onde ele termina. No entanto, o “interior” parece encontrar seu reflexo no “exterior”:

Algo se moveu na minha barriga, como se uma parte da minha carne quisesse se libertar de mim. Não, não era a minha barriga, mas o

⁸ *Das eine gehörte dem Mann, der bis vor zwei Jahren dort lebt* [tradução minha].

⁹ *Weit entfernt von jedem Zweibeinigen, geschützt vor jeder menschenfresserischen Frage, wollte ich neun Monate lang an meiner Autobiografie schreiben* [tradução minha].

¹⁰ *Es gibt drei Menschen, die mich immer besuchen können* [tradução minha].

jardim, que de repente abriu um novo espaço. Para quem, afinal? Eu não preciso de espaço, só de papel (Tawada, 2013, p. 38).¹¹

A primeira personagem a entrar na casa, a Cunhada, faz justamente aquilo de que a Mulher tentava se proteger: “pergunta(s) devoradora(s) de homens”. Conforme evidenciado nos trechos abaixo:

CUNHADA: Você não abre nada?

[...]

CUNHADA: Por que outra razão ele se tornaria tão covarde?

[...]

CUNHADA: Por que você permanece aqui?
(Tawada, 2013, p. 39-40).¹²

A comunicação entre as duas é conflituosa. As perguntas se referem ao paradeiro do marido da Mulher, e ações da Cunhada, como limpar a casa, contrastam com os desejos da Mulher:

CUNHADA: A poeira deixa o chão dormente. As janelas nubladas trazem pobreza. As pessoas devem ser picadas pela luz da manhã como a carne na grelha. O sol nos recebe brilhante e quente (Tawada, 2013, p. 40).¹³

As perguntas da Cunhada, que desafiam as decisões da Mulher, são também a deixa a partir da qual a autora reflete e se posiciona, no texto, sobre a questão da escrita:

CUNHADA: Assim como eu sempre giro uma chave, você gira as palavras. Ao girá-las, abro as portas das casas do tesouro onde o interesse dá origem a novos interesses e os ratos a novos ratos. Mas qual porta você abre quando gira as palavras? (Tawada, 2013, p. 40).¹⁴

¹¹ *Etwas hat sich in meinem Bauch bewegt, als wollte sich ein Teil meines Fleisches von mir befreien. Nein, es war nicht mein Bauch, sondern der Garten, der plötzlich einen neuen Raum öffnete. Für wen eigentlich. Ich brauche keinen Raum, sondern nur Papier* [tradução minha].

¹² SCHWÄGERIN: *Du öffnest nichts? [...] SCHWÄGERIN: Warum ist er sonst so feige geworden? [...] SCHWÄGERIN: Warum bleibst du hier?* [tradução minha].

¹³ SCHWÄGERIN: *Der Staub macht den Boden taub. Trübe Scheiben bringen Armut. Menschen müssen von Morgenlicht gestochen werden wie das Fleisch auf dem Grill. Hell und heiß begrüßt uns die Sonne* [tradução minha].

¹⁴ SCHWÄGERIN: *So wie ich immer einen Schlüssel umdrehe, drehst du an den Worten. Durch das Drehen öffne ich die Türen der Schatzhäuser, in denen die Zinsen neue Zinsen gebären und Mäuse neue Mäuse. Welche Tür öffnest du aber, wenn du die Worte verdrehst?* [tradução minha].

É possível perceber, no entanto, que as falas da Cunhada não são colocadas de forma bastante metafórica. Depois do diálogo inicial, no qual a relação entre as duas personagens é estabelecida, um segundo personagem adentra a casa: o Poeta [der Dichter].

O poeta entra na casa. A cunhada o olha de cima a baixo criticamente e sai da casa sem dizer uma palavra. O poeta olha para ela com cautela e um pouco de medo. Mas quando ele olha novamente para a mulher, seu rosto se ilumina de alegria. (Tawada, 2013, p. 40).¹⁵

As falas do Poeta [der Dichter] também são de uma natureza poética, mesmo que, concomitante às ações da Cunhada, ele alveja a Mulher de perguntas e de críticas:

POETA: É possível ver através de um casulo sem destruí-lo? Com palavras confusas e olhos fechados?

[...]

POETA: Sua voz treme entre duas alturas porque ainda não consegue decidir qual tom adotar: uma não é profunda o suficiente para um homem, e a outra ainda é muito grave para uma mulher. Mas não vai demorar muito para que você fale com a voz do meu amigo (Tawada, 2013, p. 41).¹⁶

O Poeta comenta o encontro com seu “amigo”, o homem que anteriormente morava naquela mesma casa. Sua ausência na casa provoca profundas mudanças na Mulher, segundo o Poeta. O debate entre os dois se aprofunda, no decorrer da peça, a respeito da questão da escrita, e destaca uma característica importante a respeito do Poeta: este já não consegue escrever. O personagem, que acaba de regressar de uma viagem, na qual encontrou o amigo mencionado, tem seu interesse voltado, não na escrita, mas na leitura da autobiografia escrita pela Mulher.

Há ainda um outro elemento importante na peça: o coro. Em uma linguagem rítmica e poética, o coro aparece cinco vezes na peça e, a cada vez, parece antecipar algo que os protagonistas ainda não sabem. O coro de Tawada, nesse texto, não opera como o coro do drama antigo, espécie de representante do autor, ou responsável por

¹⁵ *Der Dichter betritt das Haus. Die Schwägerin betrachtet ihn kritisch von oben bis unten und verlässt das Haus ohne ein Wort. Der Dichter betrachtet sie vorsichtig und etwas ängstlich. Als er aber erneut einen Blick auf die Frau wirft, strahlt sein Gesicht vor Freude* [tradução minha].

¹⁶ *DICHTER: Kann man einen Kokon, ohne ihn zu zerstören, durchschauen? [...] DICHTER: Deine Stimme zittert zwischen zwei Höhen, denn sie kann sich noch nicht entscheiden, welche Höhe sie annehmen soll: Die eine ist nicht tief genug für einen Mann, und die andere ist noch zu tief für eine Frau. Es wird aber nicht mehr lange dauern, bis du mit der Stimme meines Freundes sprichst* [tradução minha].

expressar opiniões, levantar questões sociais, ou criticar valores morais. Na verdade, ele comenta os eventos de um lugar de “conhecimento múltiplo”, antecipando a chegada da última personagem a entrar em cena: Menina [das Mädchen].

A Menina é um personagem bastante simbólico na peça, sua entrada na casa é descrita da seguinte forma:

Ouve-se a tempestade, o vento forte e a chuva forte. As árvores dançam na escuridão como viciados em drogas. A porta se abre silenciosamente. Uma menina estranha está ali, iluminada pela lanterna (Tawada, 2013, p. 42).¹⁷

As falas da personagem “Menina” são repetições das últimas frases ditas pela personagem “Mulher”. Assim como os demais personagens, esta também não possui um nome; quem nos fala de sua aparência, roupas e desejos são é a Mulher:

MULHER: Um dia, uma criança bateu à minha porta. Ela estava com a cabeça enfaixada. O curativo estava sujo e tinha uma cor vermelho-azulada semelhante à de sua pele. Você é uma menina ou um menino? A criança estava vestindo um uniforme de soldado rasgado que pendia até os calcanhares. Consegue entender o que estou lhe dizendo? Era o início de um inverno gelado. A criança estava sem sapatos e seus pés pareciam cimento. Ela cheirava a fruta podre. Dei banho na criança, vesti-a e penteei seu cabelo. Era uma menina. Os lábios da menina estavam secos e seus olhos estavam bem abertos porque ela estava com fome. Mas a menina não comeu a sopa de feijão que eu havia preparado. Ela cuspiu a sopa. Ela cuspiu o pão, os biscoitos e o macarrão. Ela não conseguia comer nada disso. O que você gostaria de comer? Você está com fome. Diga o que você quer. A menina não disse uma palavra. Ela foi até uma cesta, tirou um pedaço de fruta ovo e o mordeu, cru e sujo como estava (Tawada, 2013, p. 43).¹⁸

¹⁷ *Man hört das Gewitter, den starken Wind und den heftigen Regen. Bäume tanzen in der Finsternis wie Drogensüchtige. Die Tür öffnet sich lautlos. Ein fremdes Mädchen steht da, vom Blitzlicht beleuchtet [tradução minha].*

¹⁸ *FRAU: Eines Tages stand da ein Kind vor meiner Tür. Es hatte seinen Kopf verbunden. Der Verband war verreckt und hatte eine ähnlich rotblaue Farbe wie seine Haut. Bist du ein Mädchen oder ein Junge? Das Kind hatte eine zerrissene Soldatenuniform an, die ihm bis auf die Fersen hing. Kannst du verstehen, was ich dir sage? Es war der Anfang eines eisigen Winters. Das Kind hatte keine Schuhe an, und seine Füße waren wie aus Zement. Es roch nach faulem Obst. Ich badete das Kind, zog es an und kämmte ihm das Haar. Es war ein Mädchen. Das Mädchen hatte trockene Lippen und weit aufgerissene Augen, weil es Hunger hatte. Aber das Mädchen aß nicht die Bohnensuppe, die ich gekocht hatte. Es spuckte die Suppe aus. Es spuckte Brot, Kekse und Nudeln aus. All das konnte es nicht essen. Was möchtest du essen? Du hast Hunger. Sag, was du möchtest. Das Mädchen sprach kein Wort. Es ging zu einem Korb, holte ein Stück Eierfrucht heraus und biss hinein, roh und ungewaschen, wie sie war [tradução minha].*

Um último elemento importante a se destacar são as notícias de rádio inseridas na peça. A linguagem sóbria e objetiva do noticiário, comprometida com um nível de racionalidade, contrasta fortemente com o estilo discursivo dos personagens e acentua ainda mais a disparidade entre a realidade externa e as vivências internas dos protagonistas, que parece ser um dos assuntos principais da peça. Ao relatar eventos com precisão e imparcialidade, o noticiário de rádio sublinha a fragmentação e a desumanização do mundo exterior, um mundo de guerra e catástrofes naturais.

Este contraste entre a comunicação racional e factual das notícias e o discurso subjetivo e metafórico dos personagens cria uma tensão que ecoa a análise benjaminiana sobre a modernidade e a narrativa. A presença do rádio sugere uma possibilidade de leitura da realidade externa, que, no caso, é violenta e caótica. As notícias funcionam não apenas como um pano de fundo contextual, mas também como um elemento narrativo que contextualiza a chegada da Menina na peça, dando pistas sobre o mundo externo que esta enfrenta antes de adentrar a casa da Mulher.

O narrador de Benjamin e a constelação de personagens

Na primeira parte de “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (2023), Walter Benjamin descreve aquilo que considera a experiência moderna. O relato sobre o quão raro é o encontro de pessoas dotadas da habilidade de narrar é feito por Benjamin ao descrever a privação da faculdade de intercambiar experiências relacionado com as transformações sociais e experiências radicalmente desmoralizadas: “a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra de material e a experiência ética pelas governantes” (Benjamin, 2023, p. 198).

A contraposição entre o moderno e o tradicional evidencia que a teoria benjaminiana da narrativa está intrinsecamente ligada a uma teoria da modernidade, marcada pelo desaparecimento da figura tradicional do narrador. A perda da habilidade de narrar é emblemática da crise da modernidade, na qual a fragmentação e a desintegração das experiências tradicionais tornam-se predominantes. Esse tema tornou-se central em diversas discussões nas ciências sociais e na filosofia contemporâneas. O ensaio de Walter Benjamin, ao antecipar muitas dessas formulações, consolidou-se como um clássico em vários campos do saber, incluindo a filosofia, a teoria da literatura e a historiografia.

Através de duas alegorias, a do camponês sedentário e a do marinheiro comerciante, Benjamin distingue a figura do narrador entre dois grupos que se relacionam de formas diferentes. O primeiro, o camponês, como aquele que narra sua

história sem ter saído do país, alguém que conhece sua história de sua região, suas tradições, e a partir de uma perspectiva pessoal consegue ser significativo para a narrativa da história de seu povo. O segundo, o marinheiro, é aquele que viaja, que vem de longe e narra aquilo que observou, que vivenciou. Embora o autor apresente essas duas representações, há, em sua escrita, o entendimento da importância da interpenetração desses dois tipos e seus eventuais desdobramentos na competência de narrar.

O autor descreve que o narrador tem como matéria a vida humana e estabelece com ela uma relação artesanal. Por isso, ele sabe dar conselhos (no sentido de conselho verdadeiro, um “*Rat*”) como um sábio, podendo basear-se na experiência (*Erfahrung*) de toda uma vida, de uma vida de todos. Seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida, existe no narrador a capacidade de aconselhar. Algo que se torna raro e antiquado na era moderna. Para o autor, aconselhar está relacionado ao ato de narrar a medida que ela pode ser percebida como uma continuação da história que está sendo narrada. No entanto, para que ocorra essa continuidade narrativa, é necessário primeiramente que haja narrativa. Para Benjamin (2023, p. 198) “o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria”. O conceito de sabedoria, ou o lado épico da verdade, portanto, está intimamente relacionado ao ato de narrar. Sua extinção, assim, está vinculada à evolução secular das forças de produção.

A fim de aproximar o texto de Benjamin com a peça aqui analisada, é necessário apresentar brevemente o contexto no qual as personagens estão inseridas. Como mencionado anteriormente, um dos elementos que dá uma noção de exterioridade para o contexto dos personagens são as inserções de notícias de rádio, que ocorrem duas vezes na peça. As emissões possibilitam uma leitura sobre aquilo que ocorre do lado de fora. O cenário descrito pelo rádio contém, em alguns momentos, desastres naturais e táticas relacionadas a um contexto de guerra, como manobras da marinha, deslocamento de soldados, escombros na cidade, pessoas feridas e desaparecidas, de forma sóbria e prática, como nos exemplos abaixo:

A marinha iniciou a maior manobra em nossa baía desde 1979. 57.000 soldados e 180 navios de guerra serão mobilizados por uma semana.

[...]

Apesar das esperanças cada vez menores de encontrar sobreviventes nos escombros das lojas de departamento que desabaram, as equipes de resgate colocaram câmeras e microfones em dois poços expostos para tentar localizar qualquer sinal de vida das pessoas presas. Até o

momento, 117 pessoas morreram e mais de 340 pessoas ainda estão desaparecidas, incluindo muitos jovens e crianças (Tawada, 2013, p. 42-47).¹⁹

Dada a contextualização que a peça apresenta daquilo que ocorre para além do ambiente ao qual os personagens interagem, destaco o seguinte trecho de Benjamin (2003, p. 1998), que trata justamente da guerra e da experiência de comunicação:

É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. Uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo. Basta olharmos um jornal para percebermos que seu nível está mais baixo que nunca, e que da noite para o dia não somente a imagem do mundo exterior mas também a do mundo ético sofreram transformações que antes não julgaríamos possíveis. Com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável.

Introduzindo nesse momento a relação dos personagens com o texto de Benjamin, começo minha análise com a personagem Menina [das Mädchen]. Sua relação com o cenário descrito na peça é feita pela Mulher. A personagem chega na casa como se ela tivesse escapado de uma zona de guerra: vestindo um "uniforme de soldado rasgado que pendia até os calcanhares", "sem sapatos", seus "pés pareciam cimento", "cheirava a frutas podres", seus "lábios estavam secos e seus olhos estavam bem abertos porque ela estava com fome". E ainda mais importante: ela não fala. Tudo que ela consegue fazer em termos linguísticos é repetir frases ditas ou copiar algo que já foi escrito. A personagem, desse modo, não é capaz de descrever seus desejos, de falar nome, de contar sua história, de recuperar sua memória. Como nos trechos da peça:

A mulher está em sua mesa escrevendo. Ela está perdida em seus pensamentos. A menina está sentada no chão brincando com um lápis. A menina encontra uma folha de papel, observa os caracteres nela contidos e os copia em outra folha de papel. Logo a mulher se vira

[...]

MULHER: Você também pode falar?!

¹⁹ RADIONACHRICHTEN: Die Marine hat das größte Manöver in unserer Bucht seit 1979 begonnen. 57000 Soldaten sowie 180 Kriegsschiffe sind eine Woche lang im Einsatz. [...] RADIONACHRICHTEN: Trotz schwindender Hoffnung, überlebende in den Trümmern des eingestürzten Kaufhaus zu finden, haben Rettungsmannschaften Kameras und Mikrofone in zwei freigelegte Schächte hinabgelassen, um möglich Lebenszeichen Verschütteter zu orten. Bisher wurden 117 Todesopfer geboren, mehr als 340 Menschen werden noch vermisst, darunter viele Jugendliche und Kinder [tradução minha].

MENINA: Você também pode falar?!

MULHER: Ou você está apenas repetindo o que eu lhe digo?

MENINA: Ou você está apenas repetindo o que estou lhe dizendo?

MULHER: Você poderia me dizer de onde é?

MENINA: Você poderia me dizer de onde é? (Tawada, 2013, p. 44).²⁰

O contraste entre a Mulher [die Frau] e o Poeta [der Dichter] e suas reflexões sobre a escrita também possibilitam uma aproximação com o texto de Benjamin. A antítese pode ser descrita de forma simples: ela é capaz de escrever, isola-se do mundo para compor sua autobiografia; ele já não escreve, chega de uma viagem recém feita à uma ilha, no entanto, não consegue escrever sobre essa experiência.

Na Mulher, é possível ver uma narradora de sua vida, o relato da experiência vivencial do indivíduo, incluindo suas tradições, perspectivas pessoais advindas do lugar onde vive e possivelmente de um povo. O poeta não está envolvido no processo de escrita, está mais ligado ao prestígio social de ser "rotulado como poeta". Ele diz preferir ler ao invés de escrever.

POETA: Mas eu leio. Ler é minha maior paixão. Escrever, por outro lado, acho muito chato. Eu preferiria apenas ler e não escrever mais nada. Não consigo deixar de lado o rótulo de "poeta". É por isso que continuo escrevendo algumas linhas. É fácil para você porque não tem um rótulo (Tawada, 2013, p. 45).²¹

O Poeta, que coloca seu interesse agora na leitura, está diretamente interessado na escrita autobiográfica da Mulher: "Mas quero saber o que você consegue lembrar de todos os eventos que flutuam livremente em sua memória. Quando leio sua autobiografia, aprendo tanto sobre você quanto você mesma" (Tawada, 2013, p. 47). Ao ler a biografia, o poeta espera ter acesso às "memórias" ocultas e, portanto, ao "eu interior" da mulher. Outro fato relevante é a surpresa sobre a memória, sobre o fato da

²⁰ Die Frau ist am Schreibtisch und schreibt. Sie ist in ihre Gedanken versunken. Auf dem Boden sitzt das Mädchen und spielt mit einem Bleistift. Das Mädchen findet ein Blatt Manuskriptpapier, betrachtet die Schriftzeichen, die darauf stehen, und schreibt sie auf einem anderen Papier ab. Bald dreht sich die Frau um. [...] FRAU: Du kannst auch sprechen?! / MÄDCHEN: Du kannst auch sprechen?! / FRAU: Oder wiederholst du nur, was ich dir sage? / MÄDCHEN: Oder wiederholst du nur, was ich dir sage? / FRAU: Kannst du mir vielleicht doch sagen, wo du herkommst? / MÄDCHEN: Kannst du mir vielleicht doch sagen, wo du herkommst? [tradução minha].

²¹ DICHTER: Aber ich lese. Das Lesen ist meine größte Leidenschaft. Das Schreiben dagegen empfinde ich als sehr langweilig. Ich möchte am liebsten nur noch lesen und nichts mehr schreiben. Ich kann mich nur nicht von der Bezeichnung „Dichter“ trennen. Deshalb schreibe ich immer wieder einige Zeilen. Du hast es leicht, da du ja gar keine Bezeichnung hat [tradução minha].

Mulher ser capaz de contar os eventos que experienciou. A sugestão que esse trecho apresenta é de que o Poeta não apenas perdeu a capacidade de escrita, mas também a memória sobre o que vivenciou.

Considerações finais

Tawada nos apresenta, portanto, uma constelação de personagens que refletem sobre a escrita. Dado o contexto que ocorre fora da casa e dos personagens apresentados, é possível fazer uma aproximação com o narrador benjaminiano. Primeiramente com a Menina, que chega possivelmente de um cenário de guerra e não consegue falar, assim como os soldados combatentes que voltavam mudos. Depois a Mulher, que escreve sua história e, nessa escrita de si, abrange suas memórias e seu interior, assim como o camponês sedentário. Por fim, o Poeta, profissão ligada ao processo de escrita, nesse caso também aquele viaja e condensa suas vivências em versos, assim como o marinheiro comerciante. A leitura aqui proposta é de que Tawada constrói personagens relacionados às alegorias e ao contexto de Benjamin em sua crítica à modernidade.

A Mulher, como narradora de sua própria história, encapsula a figura do camponês sedentário, cuja narrativa está enraizada em suas experiências e tradições locais. Sua escrita autobiográfica sugere uma tentativa de preservar e comunicar uma sabedoria que está em risco de desaparecer no contexto da crise moderna da transmissibilidade da experiência. A narrativa dela se torna um ato de resistência contra a efemeridade da experiência comunicável que Benjamin lamenta.

Por outro lado, o Poeta, com sua inclinação a ler em vez de escrever, e seu fascínio pelas memórias da Mulher, pode ser visto como uma figura que busca capturar e entender as experiências alheias, similar ao marinheiro comerciante que Benjamin descreve. Ele está interessado não apenas na superfície das histórias, mas nas profundezas das memórias que formam a identidade da Mulher. Essa busca sugere uma tentativa de recuperar a sabedoria perdida através da compreensão das experiências dos outros.

O texto de Tawada revela uma intersecção profunda com as alegorias de Benjamin, destacando o impacto da modernidade sobre a narrativa e a comunicação de experiências. A peça, ao incorporar notícias de rádio sobre desastres e conflitos externos, estabelece um paralelo com a observação de Benjamin sobre a transformação do mundo ético e exterior. Essas inserções de eventos caóticos e perturbadores enfatizam a desconexão entre os personagens e o mundo em que vivem, refletindo a alienação e a fragmentação da experiência moderna. A constatação de Benjamin de

que "as ações da experiência estão em baixa" é evidenciada pela representação desses eventos, que sublinham a desintegração da narrativa tradicional e da capacidade de trocar experiências significativas.

Referências

ARENS, Hiltrud. "Die Toten erzählen grundsätzlich anders": Yoko Tawadas postdramatischer Text *Die Kranichmaske, die bei Nacht strahlt*. In: LÜTZELER, Paul Michael; SCHINDLER, Stephan K. (org.). **Nach der Postmoderne – Jüdisch-deutsche Themen – Nation und Vergangenheit**. Tübingen: Stauffenburg, 2010. p. 59-81. (Gegenwartsliteratur. Ein germanistisches Jahrbuch, 9).

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BORGES, Jorge Luis. **Ficciones**. Madrid: Biblioteca Borges Alianza Editorial, 1995.

CERVANTES, Miguel de. **O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha**. Tradução de Conde de Azevedo e Visconde de Castilho. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

COHEN, Keith; COHEN, Paula. The laugh of the Medusa. **Signs: journal of women in culture and society**, v. 1, n. 4, p. 875-893, 1976.

GELZER, Florian. Wenn ich spreche, bin ich nicht da: Fremdwahrnehmung und Sprachprogrammatik bei Yoko Tawada. **Recherches germaniques**, v. 29, n. 1, p. 67-91, 1999.

HERMANN, Iris. **Hybride Relektüren in Yoko Tawadas Theaterstück Kafka Kaikoku**. Bamberg: Opus, 2015.

KAFKA, Franz. **[Blumfeld ein älterer Junggeselle...]**. Frankfurt a.M.: S. Fischer Verlag, 2010.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução de Celso Cruz. São Paulo: Hedra, 2023.

KAFKA, Franz. **Um médico rural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

IVANOVIC, Christine (org.). **Yoko Tawada. Poetik der Transformation: Beiträge zum Gesamtwerk – mit dem Stück Sancho Pansa von Yoko Tawada**. Tübingen: Stauffenburg, 2010.

TAWADA, Yoko. **Mein kleiner Zeh war ein Wort: Theaterstücke**. Tübingen: Konkursbuch Verlag, 2013.

TAWADA, Yoko. **Spielzeug und Sprachmagie in der europäischen Literatur. Eine ethnologische Poetologie**. Tübingen: Konkursbuch Verlag, 2000.

Ideal | fracassado: a casa de recreio nas *Afinidades eletivas* de Goethe¹

Lina Sens²

Daniel Martineschen (tradutor)³

Resumo: Ao longo de sua vida, Goethe se dedicou aos estudos de arquitetura. Seus ensaios sobre arquitetura são prova disso, assim como suas inúmeras contribuições para o planejamento de edifícios em Weimar. Seu interesse pela arquitetura também se reflete na literatura, particularmente no romance *Afinidades eletivas*, de 1809. Este ensaio se concentra no tema da *Lusthaus* (“casa de recreio”) no romance e em suas implicações para a narrativa. Estão no foco das atenções, especialmente, as conversas entre Charlotte e Ottilie, que planejam e discutem seu futuro curso de ação na casa de recreio. O artigo mostra que a casa de recreio é o espaço ideal para as discussões das mulheres devido à sua constituição material e simbólica. O fato de nenhuma das decisões delas ter sido colocada em prática também pode ser atribuído a essa construção.

Palavras-chave: Goethe; *Afinidades eletivas*; arquitetura; narratologia; topografia.

Zusammenfassung: Sein Leben lang widmete sich Goethe dem Studium der Architektur. Davon zeugen seine Aufsätze zur Architektur ebenso wie seine zahlreichen Beiträge zur Gebäudeplanung in Weimar. Sein Interesse an Architektur spiegelt sich auch in der Literatur wider, insbesondere im Roman *Die Wahlverwandtschaften* (1809). Vorliegender Aufsatz beschäftigt sich mit dem Thema „Lusthaus“ im Roman und dessen Auswirkungen auf die Erzählung. Er konzentriert sich insbesondere auf die Gespräche zwischen Charlotte und Ottilie, die im Lusthaus ihr weiteres Vorgehen planen und besprechen. Der Aufsatz zeigt, dass das Lusthaus aufgrund seiner materiellen und symbolischen Beschaffenheit der ideale Ort für die Gespräche der Frauen ist. Auf dieses Gebäude ist auch die Tatsache zurückzuführen, dass keine ihrer Entscheidungen umgesetzt wurde.

Schlüsselwörter: Goethe; *Wahlverwandtschaften*; Architektur; Narratologie; Topografie.

¹ SENS, Lina. Ideal | verfehlt: das Lusthaus in Goethes *Wahlverwandtschaften*. **Publications of the English Goethe Society**, v. 94, n. 2, p. 126-141, 4 de maio de 2025.

Publicação vencedora do prêmio *Goethe Prize* da English Goethe Society como melhor ensaio de 2024 (mais informações em: <https://englishgoethesociety.org/Goethe-Prize>).

² Doutoranda na Technische Universität Braunschweig, com pesquisa sobre as implicações narrativas da arquitetura em gênero, sociedade e relacionamentos no *Anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe. E-mail: lina.sens@outlook.de. ORCID ID: 0009-0003-3170-2726.

³ Professor adjunto de língua e literatura alemãs e tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). ORCID ID: 0000-0002-2909-1861.

Em 23 de março de 1829, Goethe, em conversa com Eckermann, faz uma comparação entre sua antiga acomodação em Karlsbad e o escritório em sua casa no Frauenplan, em Weimar:

Em uma casa suntuosa como a que eu tinha em Karlsbad, torno-me logo preguiçoso e inativo. Aposentos pequenos como esse quarto ruim em que estamos, [...] são, ao contrário, o que me convém; dão à minha natureza interior total liberdade para agir e para criar a partir de mim mesmo” (Eckermann, 2016, p. 321).⁴

Goethe descreve aqui uma relação causal entre atividade e ambiente espacial: enquanto o magnífico apartamento em Karlsbad supostamente o deixa “preguiçoso e inativo”, o simples escritório em sua casa no Frauenplan concentra o olhar em sua própria criação e se torna uma fonte de atividade e produtividade. Esta casa passa a ser propriedade de Goethe em 1792 e é reformada de acordo com seus projetos. Entre outras coisas, portas são mudadas, paredes são derrubadas e uma nova escadaria é construída.⁵ Seu design final, com uma subida suave de três lances de escada com degraus planos e largos, deixa ao morador da casa pouca escolha a não ser subir a escadaria com dignidade para chegar aos seus aposentos.⁶ Torna-se evidente aqui o caráter de encenação e autoestilização de Goethe por meio do espaço arquitetônico.

No andar superior, a escadaria dá acesso a uma sala de recepção, seguida por salas de convívio e de coleções. Na parte de trás da casa fica a área de trabalho de Goethe, acessível apenas a poucas pessoas de seu círculo. Goethe atribui funções específicas às salas de sua casa; salas selecionadas, como a sala Juno ou a sala Urbino, devem servir a fins sociais, enquanto a sala Majolika ou o *Deckenzimmer* são destinadas ao estudo da arte – e é nessas funções que as salas são utilizadas, como se pode depreender de alguns relatos de visitantes de Goethe.⁷ No geral, esta breve digressão

⁴ N.T.: A citação original é “(MA [Münchner Ausgabe], XIX, p. 298)”. Sempre que possível, será usada uma tradução já publicada em português. Citaremos a tradução de *Afinidades eletivas* de Tercio Redondo (Goethe, 2014), apenas mencionando o número da página. As demais traduções são minhas.

⁵ Cf. Ewald (1999, p. 110-112).

⁶ Cf. Piealman (1998, p. 178-179).

⁷ Por exemplo, Eckermann, em 17 de janeiro de 1827: “Hoje a mesa foi posta mais uma vez na chamada Sala Urbino, o que eu recebi como um bom sinal. Através da porta que dá para o assim chamado *Deckenzimmer*, vi o sr. chanceler Von Müller debruçado sobre uma grande gravura; ele logo veio se juntar a nós e alegrou-me saudá-lo como a um agradável comensal. A sra. von Goethe ainda era esperada, mas enquanto isso nos sentamos à mesa. Falou-se com admiração a respeito da gravura, e Goethe disse-me tratar-se de uma obra do famoso Gérard, de Paris, que a enviara como um presente a ele havia poucos dias” (Eckermann, 2016, p. 206-207); e em 5 de julho de 1827: “Sentamo-nos na chamada Sala de Juno, diante de uma mesa redonda. Não havia ainda muito tempo que estávamos conversando quando o chanceler veio juntar-se a nós” (*idem*, p. 249).

sobre a residência de Goethe em Weimar mostra que ele pensava intensamente sobre arquitetura – entendida a seguir como espaço concreto construído pelo ser humano –, se preocupava com seu design, efeito e impacto, reconhecia sua importância e seus potenciais, e a instrumentalizava para seus próprios fins. Esse interesse pela arquitetura é comprovado pelos repetidos ensaios de Goethe sobre a arte da construção, bem como suas numerosas participações no planejamento de edifícios em Weimar, investigadas a fundo primeiramente pelo estudo *Goethes Architektur: Des Poeten Theorie und Praxis* de Rainer Ewald (1999). E, por fim, a obra literária de Goethe também é marcada pelo mesmo interesse, já que as descrições arquitetônicas constituem uma parte não insignificante da *Viagem à Itália* (Goethe, 2017), publicada a partir de 1816, enquanto nos *Anos de aprendizagem de Wilhelm Meister* (Goethe, 2006 [1795–1796]) os castelos se tornam etapas importantes no percurso formativo de Wilhelm Meister, ocasionalmente com descrições detalhadas de seus interiores, como a sala do passado. Em *As afinidades eletivas* (Goethe, 2014 [1809]), por sua vez, a arquitetura de jardins e edifícios está apenas surgindo: os personagens se empenham em criar um jardim paisagístico inglês e construir uma casa de recreio [*Lusthaus*⁸]. Segundo Jan Büchsenschuß, este último remete especialmente às experiências arquitetônicas anteriores de Goethe na Itália, bem como às suas teorias de construção (Büchsenschuß, 2021, p. 138-139). As afinidades eletivas seriam, portanto, o “legado poético-arquitetônico de Goethe” e conteriam “a quintessência poeticamente encenada de seus estudos teóricos de arquitetura” (Büchsenschuß, 2021, p. 140). Por isso, esse romance se mostra predestinado a uma investigação exemplar da arquitetura na obra literária de Goethe.

No trabalho literário da arquitetura em *As afinidades eletivas*, até hoje o jardim e sua remodelação têm sido o foco de interesse, embora também existam estudos sobre os edifícios do romance.⁹ A análise da casa de recreio é, neste contexto, predominantemente negligenciada ou, pelo menos, marginalizada e, com frequência, limitada ao desrespeito das regras de construção durante a edificação ou ao conteúdo simbólico da pedra fundamental. O processo de construção da casa de recreio será apresentado aqui, pois nele reside a base necessária para a análise posterior de um aspecto que a pesquisa até agora pouco levou em consideração. Assim, o artigo examina a relação entre a casa de recreio como cenário (supostamente) concluído e a

⁸ N.T.: O termo *Lusthaus* pode ser traduzido como “casa de veraneio”, “casa de passeio”, “casa de diversão”, etc. Optamos pelo termo utilizado na tradução de Tercio Redondo, “casa de recreio”.

⁹ Sobre o jardim e seu design nas *Afinidades eletivas*, cf. Kaiser (2012); sobre os edifícios no romance, cf. Mandelartz (1999; reimpressão em Mandelartz, 2011); sobre ambos, cf. Tausch (2010).

ação dentro dele, que, por sua vez, é influenciada pela localização e pelo estilo arquitetônico do edifício.

A seguir, serão contemplados como enredo sobretudo as conversas entre as protagonistas femininas Charlotte e Otilie que, perto do final do romance, após todo o desgaste da “intromissão de um terceiro” (p. 59), do “duplo adultério” (p. 259) e do trágico acidente no lago, planejam, discutem e negociam seu possível curso de ação futuro na casa de recreio. Isso se estende desde a decisão de Otilie pela renúncia até a decisão de Charlotte pelo divórcio. As discussões das mulheres se transformam, assim, em uma verdadeira reflexão sobre diferentes opções de relacionamento. Isso resulta na restauração das constelações originais, ou seja, das situações que prevaleciam antes de o casamento de Eduard e Charlotte ser desafiado pela “intromissão” do capitão e de Otilie, ou em novas constelações de relacionamento, com Eduard e Otilie como casal, nas quais um caso de Charlotte com o capitão também não é excluído. O artigo também mostra que a casa de recreio é o espaço ideal para essas discussões devido às suas características simbólicas, que decorrem de sua materialidade específica, ao expor, em sentido prefigurativo, as razões pelas quais nenhuma das decisões tomadas na casa de recreio foi posteriormente colocada em prática. Isso também pode ser atribuído às características do edifício, de modo que, no final das contas, ele acaba se revelando um espaço fracassado.

Primeiramente, em um sentido heurístico, serão apresentados os pressupostos básicos de teoria do espaço do artigo, que se baseiam principalmente na teoria espacial de Yuri M. Lotman. Ela permite descrever tanto os espaços arquitetônicos em si quanto seu entorno, no sentido de relações, deduzir daí sua semântica e, com base nisso, derivar sua função e significado para a trama do romance. Aplicar essa teoria à casa de recreio em *As afinidades eletivas* faz sentido justamente porque as características desse edifício só podem ser explicadas completamente em relação ao castelo, referindo-se aqui principalmente às suas características arquitetônicas e simbólicas. A partir delas, no passo seguinte, serão deduzidas implicações para as decisões tomadas na casa de recreio, precedidas por um breve resumo do conteúdo dessas decisões. As considerações finais resumem os resultados.

Arquitetura na literatura: premissas básicas da teoria do espaço

A arquitetura se expressa na literatura das mais diversas e, ao mesmo tempo, singulares formas: a casa de Therese nos *Anos de aprendizado* de Goethe (2006) é um edifício diferente do enorme castelo em seus *Anos de peregrinação* (*Wanderjahre*), que,

por sua vez, é novamente um espaço diferente das ruínas do castelo na *Novela* (*Novelle*). Por isso, a narratologia frequentemente aponta para a dificuldade de se analisar espaços (arquitetônicos) em textos narrativos, pois, devido a essas inúmeras formas de manifestação, ainda não existe uma sistemática abrangente para sua análise, como é conhecida, por exemplo, em relação à representação do tempo.¹⁰ Isso é ainda mais problemático, pois, ao mesmo tempo, aponta-se repetidamente que “a representação do espaço na literatura não tem apenas caráter ornamental, que os espaços não funcionam apenas como cenários”, como afirma Nünning (2013, p. 636). Na verdade, eles vão muito além da simples disponibilização de um cenário decorado e se tornam constitutivos da ação, pois possuem características materiais que podem prefigurar a ação.¹¹ No caso em questão, isso resulta em considerar a casa de recreio em *As afinidades eletivas* como um espaço arquitetônico concreto, ou seja, sensorial e visivelmente presente para as personagens, cujo nível material resulta de suas características tanto em termos construtivos quanto de localização. As características construtivas no plano material, por sua vez, produzem um conteúdo simbólico específico como outro momento constitutivo da ação.¹² Isso fica evidente, por exemplo, na fundação pouco sólida da casa de recreio, que acaba fazendo com que as decisões tomadas por Charlotte e Otilie também não tenham uma base sólida e as mulheres mudem de ideia mais tarde. No geral, isso mostra a complexa interação entre a materialidade e o simbolismo simultâneo da arquitetura na literatura, que Elias Zimmermann enfatiza: a arquitetura em textos literários, “apesar de sua dimensão simbólica, nunca pode ser totalmente reduzida ao seu caráter simbólico”, pois uma casa, por exemplo, “além de uma variedade de significantes não arquitetônicos, sempre significa também a si mesma” (Zimmermann, 2019, p. 8).

O conhecimento sobre o significado de espaços (arquitetônicos) concretos na literatura não é novidade. Já na década de 1970, o estruturalista Yuri M. Lotman,¹³ em seu tratado sobre *A estrutura dos textos literários*, reúne espaços concretos da literatura

¹⁰ Cf. Nünning (2013). Também citamos Katrin Dennerlein, que com seu *Narratologie des Raumes* deu uma contribuição decisiva à pesquisa de espaço em textos narrativos (Dennerlein, 2009).

¹¹ Cf. Neumann e Weber (2016, p. 23). Outro texto sobre a relação de materialidade e literatura é Kimmich (2014).

¹² O conteúdo simbólico de espaços deve ser salientado justamente aqui com relação às *Afinidades eletivas*, pois toda a concepção do romance se baseia em “representar relações sociais e os conflitos das mesmas de modo simbolicamente capturado”, como Goethe expressa em 28 de agosto de 1808 em conversa com Riemer (MA, IX, p. 1215). Se Goethe segue estritamente essa concepção, o romance ainda assim é atravessado por símbolos. Sobre a simbologia nas *Afinidades eletivas*, cf. Engel (2011).

¹³ N.T.: Obra sem tradução no Brasil, mas com versão portuguesa (Lotman, 1978). Tradução feita a partir da edição alemã (Lotman, 1972).

e da semântica e desenvolve, a partir deles, um conceito para espaços (arquitetônicos) na literatura, para o qual se baseou em modelos culturais concebidos espacialmente de forma abstrata. A partir deles, deduziu que todo espaço na literatura em geral é dividido em “dois subespaços disjuntos” (Lotman, 1972, p. 327). Em três aspectos eles se opõem entre si: (1) por meio da “linguagem das relações espaciais”, ou seja, por meio de pares de conceitos como acima/abaixo, alto/baixo etc., os subespaços adquirem sua estrutura topológica oposta. (2) A esses pares de conceitos são atribuídos, por sua vez, significados opostos, dependentes do texto literário individual, como bom/ruim, valioso/sem valor etc. (Lotman, 1972, p. 313). Lotman vê nisso um potencial especial, pois resulta numa “linguagem para a expressão de outras relações não espaciais do texto” (Lotman, 1972, p. 330). (3) Segue-se a isso uma concretização dos subespaços determinados topologicamente e semantizados, assumindo uma forma topográfica, em oposição à qual Lotman inclui também espaços arquitetônicos no sentido aqui definido, quando cita como exemplo, entre outros, “sótãos” e “palácios” (Lotman, 1972, p. 337). É especialmente nessa combinação de significado e materialidade, na forma de espaços (arquitetônicos) concretos, que se evidencia a consideração das propriedades simbólicas e materiais dos espaços na literatura na teoria de Lotman. Contudo, as semantizações tendem sempre a atribuir simultaneamente ao objeto em questão um conteúdo simbólico correspondente.

Dessa forma, a teoria espacial de Lotman sobre relações espaciais abstratas e concretas mostra-se um instrumento descritivo útil. No entanto, ela chega a seus limites em muitos textos literários, pois, por se basear numa binaridade estrita, não consegue captar a complexidade real da literatura. Em relação à casa de recreio em *As afinidades eletivas*, esse esquema se mostrará produtivo, pois o significado do edifício é determinado principalmente por sua (não-)relação com o castelo. Assim, o castelo também marca a referência essencial a partir da qual são derivadas as características da casa. Ao mesmo tempo, revelam-se significados narrativos para a trama, que surgem quando as personagens subvertem as semânticas que elas mesmas atribuem aos espaços por meio das ações que realizam dentro deles.

A casa de recreio nas Afinidades eletivas de Goethe

Em seu *Grammatisch-kritisches Wörterbuch* [Dicionário gramático-crítico], Adelung (1777, p. 289) define uma casa de recreio [*Lusthaus*] como “uma casa na qual se permanece apenas pelo prazer de sentir o clima ou o ar livre”. Também à casa de recreio é atribuída aqui uma função que compreende principalmente a disponibilização

de um espaço confortável que provoque prazer. Isso também é o que as personagens de *As afinidades eletivas* têm em mente quando decidem construir uma casa de recreio, que deve servir “mais ao encontro social do que à moradia” (p. 81) e para a qual primeiro é necessário determinar o local certo. Aqui, pode-se fazer uma referência especial ao amplo interesse de Goethe pela arquitetura, pois já em 1803 ele havia enfatizado, em seus *Tages- und Jahresheften*, que a “localização real de um edifício, contanto que o arquiteto tenha liberdade, [...] é sempre o foco principal” (Münchener Ausgabe, XIV, p. 110).

Em *As afinidades eletivas*, a localização da casa de recreio planejada não parece ser menos importante:

Lá em cima, à beira da encosta, desejava-se erigir uma casa de recreio defronte a um gracioso bosquezinho; ela guardaria relação com o castelo, cujas janelas a contemplariam, e dali tanto o castelo quanto os jardins seriam igualmente avistados (p. 73).

Para a nova casa de recreio escolhe-se, portanto, um local para o qual o castelo constitui o ponto de referência essencial: deve ser estabelecida uma relação topográfica recíproca entre a nova construção e o castelo que, devido à localização da casa de recreio “lá em cima, à beira da encosta”, se manifesta topologicamente na oposição entre acima e abaixo, embora o castelo, situado abaixo, pareça ter ainda mais importância, uma vez que a descrição da localização da casa de recreio resulta quase que exclusivamente de sua relação com o castelo.

Especialmente com base nesse castelo é possível ilustrar a interconexão entre materialidade e simbolismo da arquitetura na literatura, pois, outrora construído “sabidamente” no plano material pelos “antigos” (p. 81), o castelo em *As afinidades eletivas* se torna igualmente um símbolo da tradição cultural e da origem.¹⁴ Castelo e casa de recreio podem ser entendidos, neste contexto, como dois subespaços que se opõem não apenas topológica e topograficamente, mas também em termos semânticos — por um lado, como arquitetura antiga e nova e, por outro, em relação à oposição entre razão e sociabilidade. Assim, os dois edifícios conduzem a uma “representação de conceitos que, em si mesmos, não são de natureza espacial” (Lotman, 1972, p. 313), ou seja, tornam-se espelho de valores específicos que se materializam concretamente nos respectivos edifícios. Com todo o prazer e a sociabilidade que as personagens esperam da casa de recreio e que já devem estar preparados por um caminho planejado e “bem

¹⁴ Chega a uma conclusão semelhante Mandelartz (2011, p. 502). Thomas Wegmann estende isso quando vê “tradições feudais” no castelo e “reorientação burguesa” na casa de recreio (Wegmann, 2016, p. 44).

traçado” até lá, ainda assim desejam permanecer ligadas à origem e à tradição através da arquitetura: isso se manifesta não apenas no alinhamento planejado da casa de recreio ao longo de sua relação com o castelo (da casa de recreio, as personagens podem “contemplar as suas janelas”), mas também no fato de que o caminho “de regresso ao castelo deveria levar uma única [hora]” (p. 80). O castelo marca, assim, o centro espacial e não deve ser substituído nessa função, mesmo após a conclusão da nova casa.

Esse desequilíbrio entre os espaços parciais em termos de importância vai se inverter posteriormente, o que já se anuncia pelo fato de os planos originais para a localização do novo edifício serem rapidamente anulados. Seguindo o conselho de Otilie, decide-se por outro local para a casa de recreio, que agora deve ser construída no ponto mais alto da paisagem. “É certo que não se pode avistar o castelo a partir daqui”, diz Otilie, “pois o arvoredo encobre a visão, mas nós nos encontraríamos num mundo novo e distinto” (p. 81). Com a nova localização no “ponto mais alto”, a disposição espacial ainda visa a um contraste topológico entre acima e abaixo, mas, ao remover o antigo castelo do campo de visão da nova casa de recreio, a referência topográfica prevista para ambos os edifícios não poderá ser concretizada. Com relação ao conteúdo de significado do castelo, há aqui um afastamento simbólico das figuras da tradição, da origem e da razão, que se manifesta na localização da casa de recreio.¹⁵ Julia Weber resume com precisão o objetivo da mudança de localização quando afirma que agora se trata de criar, com a casa de recreio, “um novo espaço interior o mais independente possível do espaço de ação anterior” (Weber, 2016, p. 228). A casa de recreio deve, portanto, ser separada do restante do ambiente pelo impedimento da visão, pois, de outra maneira, o castelo, com seu simbolismo específico, recordaria sempre, com um tom de advertência, a originalidade e a tradição.

O fato de Otilie sugerir esse local não deixa de ter um certo interesse próprio. O “mundo outro e novo”, no qual os personagens se encontrariam simbolicamente através da nova casa de recreio, poderia oferecer um espaço ideal para, longe das convenções tradicionais e originais, estabelecer novas relações – no caso de Otilie, com Eduard. A vista do novo local escolhido para a casa de recreio declara o novo edifício como o espaço de Eduard e Otilie, já que de lá se vê “o lago, o moinho” (p. 81), que estão intimamente ligados aos dois personagens e à sua relação. Os lagos, por exemplo, são adornados pelo “bosque de plátanos e choupos” (p. 92) – plantado por Eduard no dia do nascimento de Otilie – e o moinho, ou melhor, o caminho até ele, é o ambiente

¹⁵ O mesmo conclui Mandelartz (2011, p. 503).

em que os dois se aproximam fisicamente. Ao contrário da vista para o castelo planejada no início, que, no sentido da origem e da tradição, apontaria simbolicamente também para o casamento de Eduard e Charlotte, o olhar agora é direcionado para um ambiente que se enquadra na esfera de influência comum de Eduard e Otilie, de modo que essa constelação de relacionamentos pode ser forçada ainda mais.¹⁶ Não é à toa que Weber entende os edifícios em *As afinidades eletivas* como “‘dispositivos’ para novos [...] projetos de vida e conceitos de amor”, que permitem a “realização de certos ideais” e, no que diz respeito à casa de recreio, “o do amor livre e sem compromisso” (Weber, 2016, p. 229).¹⁷ Isso também é favorecido pelo fato de Otilie enterrar a corrente com o “retrato do pai” (p. 90) na pedra fundamental da casa de recreio, o que representa um ato de emancipação para poder se entregar totalmente a esse “jogo amoroso”, livre de instâncias patriarcais de legitimação.¹⁸ É exatamente por isso que, após enterrar a corrente de Otilie na pedra fundamental, Eduard vai se esforçar “de modo algo apressado” para que “o bem-acabado tampo baixasse à pedra e fosse cimentado” (p. 90), já que ele também dedicava a casa de recreio ao “seu novo e futuro cenário de união com Otilie”, como entende Thomas Wegmann (2016, p. 45), que também vê nisso o motivo para o início apressado da construção.

Agora, é necessário seguir certas regras na construção de um edifício, o que o jovem operário explica ao lançar a pedra fundamental da casa de recreio. Em uma construção, é importante que

[...] esteja bem localizada, que tenha fundamentos sólidos e que seja bem-acabada. O primeiro quesito é responsabilidade do proprietário, pois se na cidade apenas o soberano e a comunidade podem determinar o lugar onde se deve edificar, no campo é direito do senhor da terra dizer: aqui se erguerá minha casa e em nenhuma outra parte. [...] O terceiro, o acabamento, fica a cargo de muitos artífices; são raros aqueles dentre eles que não participam do empreendimento. O segundo, porém – a fundação –, é mister do pedreiro, e me atrevo a dizer que é o elemento mais importante de toda a obra (p. 88).

No entanto, na construção da casa de recreio, essas três coisas dão errado, o que Michael Mandelartz analisou com precisão. Assim, Otilie, e não o “proprietário”

¹⁶ O fato de a vista para o moinho não ser mencionada pelos convidados justamente na festa de construção da casa de recreio (p. 77 e seguintes) sublinha o subtom irônico do romance ao qual as personagens parcialmente se submetem.

¹⁷ Formulação semelhante faz Elisabeth Boa (2007, p. 86). A libertação simbólica de Otilie de seu pai se completa como que só em primeiro plano, já que o pai agora também repousa simbolicamente na fundação da casa de recreio e, assim, segue vigiando Otilie como instância de legitimação patriarcal que, posteriormente, Eduard vai renunciar sobre essa fundação.

¹⁸ Cf. também Haag (2012, p. 56).

Eduard, coloca o edifício no ponto mais alto da paisagem; além disso, a casa de veraneio permanece inacabada até o final do romance, e a “questão principal” é assumida pelo aprendiz de pedreiro, que na verdade não tem autorização para construir os alicerces. Além disso, o solo é irregular, de modo que a pedra fundamental precisa ser apoiada em um dos lados e a casa não fica “bem fundada”. Por impaciência, começa-se a construção antes mesmo da colocação da pedra fundamental, que seria o primeiro ato da construção de um edifício, e, por fim, Charlotte une as pedras do edifício com cal que, embora “expresse uma verdadeira compulsão à união” (p. 56), como se aprende anteriormente na parábola química, continua a ser uma “substância que lhe dá liga” (p. 89) bastante insuficiente.¹⁹ A casa de recreio não tem, portanto, “uma base propriamente sólida” (Mandelartz, 2011, p. 505) e, devido ao desrespeito às regras de construção, está condenada ao colapso antes mesmo de estar concluída.²⁰

No entanto, essa deficiência fundamental, tanto no sentido literal quanto figurado, é disfarçada esteticamente, pois, independentemente dos erros de construção, ela é uma “bela pedra fundamental” que se encontra sob o “bem-acabado tampo”, sendo que a dissimulação estética é ainda mais potencializada quando, na ocasião solene, uma “taça de cristal finamente lavrado” é esvaziada pelo “pedreiro bem vestido” (p. 88–91). Ela se encaixa no princípio da ação das personagens, com a conhecida busca pela estetização do ambiente para manter as aparências, enquanto as estruturas internas já perderam toda a estabilidade. A condensação simbólica disso se encontra na forma de construção da casa de recreio.

Uma transição estética também irá disfarçar mais tarde o fato de que a casa de recreio estava apenas “praticamente pronta para ser habitada” (p. 238), mas que as mulheres, após a partida de Eduard e do capitão, decidem transformá-la em seu novo domicílio, contrariando a ideia original de não usar o edifício como residência. Elas elegem a casa de recreio como o “novo centro”, que destitui o castelo dessa função e, assim, o torna irrelevante. A mudança das mulheres para a casa de recreio é fundamentada puramente pela estética, já que o argumento em favor disso é a vista que pode satisfazer os sentidos a qualquer momento, o que parece ser particularmente

¹⁹ Cf. Mandelartz (2011, p. 504-505). Robert Krause vê nas regras mencionadas pelo jovem operário uma correspondência com a antiga teoria de construção do arquiteto Vitruvius. O fato de a teoria da arquitetura e a praxe de construção divergirem em *As afinidades eletivas* é lido por ele como alusão à perda de significado com a qual se confrontou o vitruvianismo desde o século XVIII (cf. Krause, 2014, p. 172-173).

²⁰ Büchschuß (2021, p. 138) vê além disso na casa de recreio um “diletantismo construído” porque na fala do aprendiz de pedreiro as três condições não são tornadas dependentes das atividades de um arquiteto, e portanto não ocorre aqui um confronto com a arte.

atraente: “Que efeitos haveriam de produzir ali as diversas horas do dia, sob a luz do sol e da lua!” (p. 238) é o comentário enfático da instância narradora, que encobre o fato de a casa estar inacabada. Com a mudança da função do edifício para residência, também se inverte o propósito de lazer e convívio para o qual se pretendia originalmente procurá-la: agora, o prazer promete, por um lado, o afastamento da casa de recreio no plano visual, ao se olhar dali para os arredores – e “quanto mais se observava a paisagem, mais belezas se exibiam” (p. 238). Por outro lado, a casa de recreio se torna o ponto de partida para “passeios surpreendentes”, de modo que as mulheres não se divertem dentro do edifício construído especificamente para esse fim, mas “nesse terreno mais elevado fruíam com especial prazer o ar livre e fresco daqueles formosos dias” (p. 238). O edifício em si, por outro lado, é transformado pelas mulheres num espaço de negociações, na qual discutem seu futuro de forma muito pouco aprazível.

A casa de recreio como espaço de negociações

Após retornar da guerra, Eduard imagina as seguintes novas constelações de relacionamentos: sua esposa Charlotte deveria concordar com o divórcio, a fim de preparar o caminho para seu casamento com Ottilie; o capitão, por sua vez, poderia então “surpreendê-la” e se casar com ela (p. 267) – no geral, uma tarefa aparentemente fácil para Eduard, já que “as partes [...] tinham apenas de consentir naquilo que desejavam” (p. 266). No entanto, não é Eduard quem anuncia os planos pessoalmente, mas sim o capitão, que deve servir de instância mediadora e informar Charlotte e Ottilie sobre o plano. Os dois homens partem juntos, o que leva a uma mudança de perspectiva. Enquanto antes “a vista que ela franqueava, especialmente aquela oferecida pelos aposentos superiores” da casa era elogiada (p. 238) – para citar apenas um exemplo do repetido entusiasmo pela vista do edifício para a paisagem –, agora a casa de recreio se torna ela própria um objeto de contemplação que entra no campo de visão de Eduard e do capitão:

Subitamente, no alto de uma colina, os cavaleiros divisaram a nova casa, cujas telhas vermelhas reluziam pela primeira vez diante de seus olhos. Eduard é dominado por uma irresistível nostalgia; tudo deve se resolver nessa mesma noite (p. 267).

Aqui, a casa de recreio é confirmada como o espaço declarado acima para Otilie e Eduard, porque só o vislumbre dela intensifica o desejo de Eduard por Otilie; o brilho dos telhados é como um sinal que lhe sugere proximidade com ela.²¹

Nesta casa de recreio o capitão começa a revelar os planos de Eduard.²² Sobre “o seu objetivo” (p. 275), Charlotte responde que

[h]á coisas a que o destino se opõe com grande tenacidade. É em vão que a razão e a virtude, as obrigações e tudo aquilo que é sa-grado atravessam seu caminho: há de acontecer o que é justo para ele e que para nós parece injusto; ao fim e ao cabo, ele intervém decididamente, não importando a maneira como venhamos a nos portar (p. 275).

Charlotte percebe aqui, na casa de recreio, que fracassaram suas inúmeras tentativas anteriores de salvar seu casamento – por exemplo, manter Otilie conscientemente longe de Eduard – e, assim, reconstruir as constelações de relacionamento originais como existiam no início do romance. Ela justifica seu fracasso pelo destino, que une as pessoas de maneira insondável e contra o qual é inútil lutar, razão pela qual finalmente concorda com o divórcio (p. 275). Isso também pode ser explicado pela localização da casa, onde novamente se amalgamam aspectos materiais e simbólicos da arquitetura: devido à sua localização, Charlotte não tem vista para o castelo em sua forma material, de modo que também lhe falta a referência simbólica à origem e à tradição. É, portanto, óbvio que Charlotte, na casa de recreio, rompe agora não apenas com seu antigo desejo de reconstruir relações originais, mas também com suas leis internas, com cujo cumprimento ela havia concordado mediante “os votos que fizera a Eduard diante do altar” (p. 118). Charlotte repete esses votos imediatamente depois do beijo do capitão, para assegurar-se a si mesma. O fato de se sentir “interiormente recomposta” (p. 118) também pode ser remetido ao espaço, pois ela faz os votos no castelo, local da origem e da tradição, mais exatamente “em seu quarto, onde tinha de se sentir e se considerar a mulher de Eduard” (p. 118).

²¹ Essa aparição súbita da casa de recreio também se permite ler conforme Karl Heinz Bohrer (1981). Além disso, na *Viagem à Itália* citada acima há, na contemplação do espaço natural por Goethe durante a erupção do Vesúvio, um momento semelhante e quase epifânico (Goethe, 2017, p. 170).

²² Para demonstrar que as discussões a seguir se passam de fato na casa de recreio, vamos reconstruir brevemente o transcorrer do enredo: depois da morte do bebê Otto no lago atribuída a Otilie, lê-se: “Ela corre para a casa nova” (p. 273, grifo meu). Pouco depois “ouve-se chegar o coche de Charlotte” (p. 273) e o narrador fala do capitão, que “*subiu* então ao castelo percorrendo as vias habituais” (p. 274, grifo meu), o que indica a localização da casa de recreio, no ponto mais alto da paisagem. “Contornou a casa” (p. 274), lê-se a seguir, e finalmente: “O major entrou” (p. 274), e poucas linhas depois ele comunica mais tarde a Charlotte os planos de Eduard com relação às constelações futuras de relacionamentos.

Com o consentimento de Charlotte ao divórcio na casa de recreio, confirma-se o que Weber afirma sobre o edifício: “A construção [...] visa ocultar os projetos de vida tradicionais das personagens” (Weber, 2016, p. 228). O fato de Charlotte ter abandonado, na casa de recreio, o seu “projeto de vida tradicional”, baseado totalmente nos princípios cristãos do casamento com Eduard e na rejeição do divórcio, pode também ter sido favorecido pela falta de visibilidade da igreja como ponto de referência a partir dali.²³ Assim como a casa de recreio outrora despertara a sensação de um “mundo novo” (p. 81), Charlotte agora abre caminho, neste edifício, para um “mundo novo” de constelações de relacionamentos.

Pouco depois, e também dentro da casa de recreio, Otilie toma uma decisão totalmente oposta, que revela a Charlotte:

Jamais pertencerei a Eduard! Foi terrível a maneira com que Deus abriu meus olhos para o crime em que me enredei. Quero expiá-lo; ninguém vai me afastar de meu propósito! [...] No instante em que eu souber que você consentiu no divórcio, expio no mesmo lago o delito, o crime que cometi (p. 278-279).

Otilie refere-se aqui à morte do bebê Otto, da qual é culpada, e acredita que só pode aliviar seu sentimento de culpa abandonando sua paixão por Eduard.²⁴ Na casa de recreio ela renuncia a ele e se esforça para restaurar a constelação inicial do relacionamento, ameaçando Charlotte com o suicídio caso esta concorde com o divórcio. Se Otilie construiu o “mundo novo” ao escolher o local de construção da casa de recreio, agora é ela que renuncia de forma mais do que decidida a esse “mundo novo”, ou seja, às novas possibilidades que surgem com o consentimento de Charlotte ao divórcio (Boa, 2007, p. 86). Os planos de Eduard para um futuro comum com sua amada transformam-se exatamente ao contrário.

O plano de Charlotte de se divorciar e se casar novamente está em total oposição ao plano de Otilie de renunciar e salvar o casamento já existente. Essas duas decisões opostas das mulheres são impensáveis no romance e são discutidas apenas teoricamente na casa de recreio. O fato de esse ser o local certo para isso, mesmo que nenhuma das decisões seja efetivada posteriormente e elas possam ser consideradas no máximo provisórias, torna a casa de recreio um espaço ideal e, ao mesmo tempo,

²³ Mandelartz (2011, p. 504) também aponta para a falta de visibilidade da igreja.

²⁴ Digno de nota aqui é a tentativa frustrada de ressuscitar Otto na casa de recreio (p. 273-274), enquanto o “menino” que se afoga no rompimento da barragem “recobra a vida” (p. 134). Com isso, sublinha-se o determinismo espacial na medida em que a casa de recreio que prometia prazer e sociabilidade se mostra fracassada para tais cenários dramáticos, ao que o castelo age bem-sucedido como meio de caminho racional e firme para as tentativas de ressuscitação.

fracassado. Ambos os aspectos podem ser relacionados às características do edifício, que influenciam exatamente essas decisões.

A casa de recreio como espaço fracassado

A casa de recreio em *As afinidades eletivas* remete de maneira exemplar à suposta prefiguração da ação pelo espaço. Suas características contribuem sobremaneira para que as decisões tomadas nela não sejam efetivadas, o que pode ser atribuído à subversão consciente da função real do edifício, determinada pelas próprias personagens. Assim, a casa de recreio não foi originalmente concebida pelas personagens como espaço de negociação e discussão e, portanto, não projetada para que fossem tomadas nela decisões tão sérias e até mesmo transformadoras. Sua função como local de lazer e convivência é subvertida, assim como a ideia original de não usar o edifício como moradia. Essa mudança de função para moradia pode ser o motivo para as discussões irrestritas que ali ocorrem, já que isso também altera a semântica do espaço, na medida em que as mulheres deixam de ver essa casa como um espaço temporário de diversão e convívio e passam a entendê-lo e utilizá-lo como um domicílio privado permanente.

Mesmo que as casas de recreio possuíssem, em geral, a função de espaço de negociações, o edifício em *As afinidades eletivas* carece de uma base sólida para decisões sólidas, e mais uma vez os níveis materiais e simbólicos da casa se sobrepõem: as mulheres tomam suas decisões com base em uma “fundamentação deficiente” (Krause, 2014, p. 175), que não pode oferecer uma base estável para decisões. No entanto, a casa de recreio pode, ao mesmo tempo, revelar-se o espaço ideal para isso, porque as decisões tomadas nela perdem o seu caráter definitivo e permanecem apenas um jogo teórico de ideias.

O fato de as decisões permanecerem na teoria e não serem colocadas em prática pode ser atribuído a um possível colapso da casa de recreio, o que é plausível devido ao desrespeito às normas de construção. Afinal, o ajudante de pedreiro menciona casualmente, durante a cerimônia, que “este bem selado tampo poderá um dia ser levantado novamente, algo que ocorreria apenas na eventualidade de uma futura destruição da casa, que, aliás, ainda não erigimos” (p. 91). Essa não seria a primeira prefiguração no romance²⁵. No entanto, não há referências narrativas a um colapso real. Apenas a corrente que está pendurada no pescoço de Otilie no final do

²⁵ Pensemos por exemplo na “parcimônia ao comer e beber” (p. 45) de Otilie de que a diretora reclama, e que depois lhe custará a vida.

romance pode ser identificada, segundo Bernhard Buschendorf, como aquela que havia enterrado na cerimônia de lançamento da pedra fundamental, o que significa apenas uma “destruição da casa de recreio”, mas, devido à falta de indícios, apenas “no sentido de uma destruição virtual”.²⁶ A partir dessa perspectiva, as decisões planejadas pelas mulheres na casa de recreio podem ser consideradas igualmente suspensas. Elas não são implementadas na prática, fracassam assim como o projeto de construção da casa de recreio.²⁷

Um colapso representa a negação de qualquer durabilidade, e para a casa de recreio isso resulta numa provisoriedade já inscrita na referência do ajudante de pedreiro citada acima. E também a decisão de renúncia de Otilie deve ser considerada provisória, na medida em que ela ainda afirma, dentro da casa de recreio, que seu plano é “indispensável para o porvir” (p. 281). Contudo, mais tarde e fora dela, voltam a aparecer sinais claros da sua paixão por Eduard quando, por exemplo, os dois amantes sentem “uma atração indescritível, quase mágica” (p. 296).²⁸ Também provisória é, inicialmente, a anuência de Charlotte quanto ao divórcio. Quando pressente que, após a partida de Otilie para a pensão, decidida após as discussões na casa de recreio e, sobretudo, após sua ameaça de suicídio, as constelações originais estariam quase reconstruídas – Charlotte volta a perseguir seus antigos objetivos em lugar algum que não no castelo, com suas conotações de origem e tradição. Lá ela se esforça para “restaurar uma antiga felicidade” (p. 287) e se dedica novamente a salvar seu casamento. Enquanto a conexão das pedras da casa de recreio feita por Charlotte com o calcário é promissora, pois este “expressa uma verdadeira compulsão à união” (p. 56), seu consentimento para com o divórcio como “substância que dá liga” simbólica (p. 343) ao relacionamento de Eduard e Otilie é, por outro lado, insuficiente.²⁹

²⁶ Cf. Buschendorf (1986, p. 200). Buschendorf fundamenta sua tese sobre a casa de recreio possivelmente colapsada com o fato de que no romance não é mencionada uma segunda corrente dourada e que o narrador fala “da corrente de ouro” (p. 300) quando ela reaparece, ou seja, usa o artigo definido, e Buschendorf não vê aqui erro de Goethe. Contudo, essa fundamentação é vaga, pois sugerir a inexistência de outras correntes no texto com base no fato de elas não serem mencionadas ignora o princípio narrativo do laconismo.

²⁷ “Assentamento da pedra fundamental, festa da cumeira e a habitação da casa marcam as várias etapas da derrocada” lê-se também de maneira simbólica no ensaio de Benjamin sobre *As afinidades eletivas* (Benjamin, 2009, p. 33).

²⁸ A decisão de recusa de Otilie também pode ser questionada na casa de recreio pelo fato de ali ela permanecer espacialmente conectada a Eduard, em sentido figurado, com a vista sobre o moinho e os lagos.

²⁹ O nível material e simbólico do calcário é interpretado frequentemente frente ao pano de fundo da comparação entre construção e casamento que o aprendiz de pedreiro faz no seu discurso: “assim como os laços da lei aproximam ainda mais as pessoas que, por uma inclinação natural, já se sentem mutuamente atraídas, também as pedras, cujas faces se harmonizam, unem-se de modo mais estreito pelo emprego dessa força aderente” (p. 89). No entanto, isso se

Considerações finais

A leitura de *As afinidades eletivas* de Goethe foi feita aqui apenas em excertos e ainda poderia ser ampliada tendo em vista o espaço arquitetônico, pois o romance oferece muitos outros pontos de apoio espaciais, como o castelo, a cabana recoberta de musgo, a igreja, a capela e o jardim, que podem ser explorados com relação ao seu potencial constitutivo na narrativa. O fato de que, por exemplo, no jardim paisagístico inglês criado pelos personagens, que parece estar livre de regras e leis, ocorram realmente novos relacionamentos — pois tanto Eduard e Ottilie quanto Charlotte e o capitão se aproximam fisicamente — seria um objeto de estudo igualmente produtivo, assim como o fato de que, após essas aproximações físicas, todos os personagens retornam ao castelo, onde, pelo menos aparentemente, sempre se comportam “no mesmo ritmo de antes” (p. 297), ou seja, de acordo com as constelações originais de relacionamento.

No entanto, uma análise mais detalhada da casa de recreio revela que ela se torna, para Charlotte e Ottilie, um espaço de negociação, no qual as duas mulheres discutem futuras constelações de relacionamento e tomam decisões totalmente contrárias. Especialmente em relação a Charlotte, a casa revela seu efeito demoníaco, pois dali ela não tem a vista para o castelo, que lembra a origem e a tradição, de modo que, de repente, está disposta a se divorciar de Eduard e, assim, liberá-lo para Ottilie. Esta, por sua vez, está disposta a renunciar e quer forçar a salvação do casamento de Eduard e Charlotte com a ameaça de suicídio. A casa de recreio oferece, para discussões tão teóricas, um espaço ideal que, devido às suas características arquitetônicas, é ao mesmo tempo fracassado para a implementação prática das decisões discutidas. Aqui, o nível material se entrelaça com o simbolismo e a semântica da casa de recreio, o que se reflete nas ações que ali ocorrem e tem implicações para o seu desenrolar. Basta lembrar, a título de exemplo, a falta de uma base sólida para o edifício, que simbolicamente retira a solidez das decisões ali tomadas, bem como o seu caráter, que é tão temporário quanto a casa de recreio em si.

Por isso, a casa de recreio em *As afinidades eletivas* não pode, por um lado, negar a intensa preocupação de Goethe com a arquitetura. Por outro, ela oferece mais um exemplo do fato de que espaços (arquitetônicos) na literatura não são meros acompanhamentos decorativos, mas sim parte integrante da trama, pois, em suas propriedades materiais e simbólicas, influenciam os personagens e, assim, determinam a

refere menos às futuras constelações de relacionamentos e mais ao casamento de Eduard e Charlotte, como, por exemplo, em Krause (2014, p. 175-76).

ação, às vezes prefigurando-a. O presente caso demonstra a complexidade disso, pois a casa de recreio sabota diretamente o desenrolar da trama inicialmente planejado, ou seja, o divórcio e a renúncia. No entanto, ela continua constitutiva da ação, na medida em que a recusa resultante da concretização de novas constelações de relacionamento leva apenas à manutenção da “atração indescritível, quase mágica” (p. 296) dos casais.

Referências

ADELUNG, Johann Christoph. **Versuch eines vollständigen grammatisch-kritischen Wörterbuches der hochdeutschen Mundart, mit beständiger Vergleichung der übrigen Mundarten, besonders aber der oberdeutschen.** Terceira parte (L–Scha). Leipzig: Johann Gottlob Immanuel Breitkopf, 1777.

BENJAMIN, Walter. As afinidades eletivas de Goethe. In: BENJAMIN, Walter. **Ensaaios reunidos:** escritos sobre Goethe. Tradução de Mônica Krausz Bornebusch, Irene Aron e Sidney Camargo. Supervisão e notas de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009. p. 11-121.

BOA, Elisabeth. Die Geschichte der O oder die (Ohn-)Macht der Frauen: Die Wahlverwandtschaften im Kontext des Geschlechterdiskurses um 1800. In: HAMACHER, Bernd; NUTT-KOFOTH, Rüdiger. (org.) **Johann Wolfgang Goethe:** Romane und theoretische Schriften. Neue Wege der Forschung. Tübingen: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2007. p. 74-96.

BOHRER, Karl Heinz. **Plötzlichkeit:** zum Augenblick des ästhetischen Scheins. Stuttgart: Suhrkamp, 1981.

BÜCHSENSCHUB, Jan. **Nachdenken über deutsche Baukunst:** Goethe und die Architekturtheorie. 2. ed. Berlin: DOM, 2021.

DENNERLEIN, Katrin. **Narratologie des Raumes.** Berlin: De Gruyter, 2009. (Narratologia, 22).

ECKERMAN, Johann Peter. **Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida. 1823-1832.** Tradução de Mario Luiz Frungillo. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

ENGEL, Manfred. „Weh denen, die Symbole sehen“? Symbolik und Symboldeutung in Goethes Wahlverwandtschaften. In: GODEL, Rainer; LÖWE, Matthias (org.) **Erzählen im Umbruch:** Narration 1770-1710 – Texte, Formen, Kontexte. Hannover: Wehrhahn, 2011. p. 293-314.

EWALD, Rainer. **Goethes Architektur:** des Poeten Theorie und Praxis. Weimar: Ullrich, 1999.

GOETHE, Johann Wolfgang. **Viagem à Itália.** Tradução de Wilma Patricia Maas. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

GOETHE, Johann Wolfgang. **As afinidades eletivas.** Introdução de R. J. Hollingdale. Tradução de Tercio Redondo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GOETHE, Johann Wolfgang. **Anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. Tradução de Nicolino Simone Neto. Apresentação de Marcus Vinicius Mazzari. Posfácio de Georg Lukács. São Paulo: Editora 34, 2006.

HAAG, Saskia. **Auf wandelbarem Grund**: Haus und Literatur im 19. Jahrhundert. Weimar: Rombach, 2012. (Litterae, 141).

KAISER, Gerhard. Von der „Idiotie des Landlebens“: Beschädigtes Leben und Sehnsuchtslandschaften in Goethes Wahlverwandtschaften und in der Literatur um 1800. In: NOLL, Thomas; STOBBE, Urte; SCHOLL, Christian (org.) **Landschaft um 1800**: Aspekte der Wahrnehmung in Kunst, Literatur, Musik und Naturwissenschaft. Göttingen: Wallstein, 2012.

KIMMICH, Dorothee. Literaturwissenschaft. In: SAMIDA, Stefanie; EGGERT, Manfred; HAHN, Hans Peter (org.) **Handbuch Materielle Kultur**. Berlin: Metzler, 2014. p. 305-08.

KRAUSE, Robert. Von der „herrischen Lust am Gestalten und Umgestalten“: die „Kunst des Bauens“ in Goethes Wahlverwandtschaften, gelesen mit Hofmannsthal. In: KRAUSE, Robert; ZEMANEK, Evi (org.) **Text-Architekturen**: die Baukunst der Literatur. Berlin: De Gruyter, 2014. p. 170-186.

LOTMAN, Yuri M. **A Estrutura do Texto Artístico**. Tradução de Rolf-Dietrich Keil. Estampa: Lisboa, 1978.

LOTMAN, Yuri M. **Die Struktur literarischer Texte**. Munique: W. Fink, 1972.

MANDELARTZ, Michael. Bauen, erhalten, zerstören, versiegeln: Architektur als Kunst in Goethes Wahlverwandtschaften. **ZfdPh**, v. 118, n. 4, p. 500-517, 1999.

MANDELARTZ, Michael. **Goethe, Kleist**: Literatur, Politik und Wissenschaft um 1800. Berlin: Erich Schmidt, 2011.

NEUMANN, Gerhard; WEBER, Julia. „Lebens- und Liebesarchitekturen“: Zur Fragestellung und Konzeption des Bandes. In: NEUMANN, Gerhard; WEBER, Julia (org.) **Lebens- und Liebesarchitekturen**: Erzählen am Leitfaden der Architektur. Freiburg i. Br.: Rombach, 2016. p. 9-27.

NÜNNING, Ansgar. Raum/Raumdarstellung, literarische(r). In: Nünning, A. (org.) **Metzler Lexikon Literatur- und Kulturtheorie**: Ansätze – Personen – Grundbegriffe. 5. ed. atualizada e ampliada. Berlin: Metzler, 2013.

PIELMANN, Erika. Goethes Treppenhäuser. **Goethe-Jahrbuch**, 115, p. 171-81, 1998.

TAUSCH, Harald. Das unsichtbare Labyrinth: zur Parkgestaltung und Architektur in Goethes Wahlverwandtschaften. In: HÜHN, Helmut (org.) **Goethes ,Wahlverwandtschaften‘**: Werk und Forschung. Berlin: De Gruyter, 2010. p. 89-136.

WEBER, Julia. *Kontingenz und Konstruktion in Goethes Roman Die Wahlverwandtschaften*. In: NEUMANN, Gerhard; WEBER, Julia (org.) **Lebens- und Liebesarchitekturen**: Erzählen am Leitfaden der Architektur. Freiburg i. Br.: Rombach, 2016. p. 219-239.

WEGMANN, Thomas. Über das Haus: Prolegomena zur Literaturgeschichte einer affektiven Immobilie. **ZfGerm**, v. 26, n. 1, p. 40-60, 2016.

ZIMMERMANN, Elias. Wo auch immer ist jetzt: Ein Einstieg anstelle einer Einführung. In: ABRAHAM, Lena *et al.* (org.) **Fenster – Korridor – Treppe**: architektonische Wahrnehmungsdispositive in der Literatur und in den Künsten. Bielefeld: Aisthesis, 2019. p. 7-17.

Original ou Falsificada? A tradução de *O refúgio da arte*, de Eckhart Nickel (2025)

Robert Schade¹

Resumo: O artigo pretende analisar a tradução coletiva do romance Spitzweg (2022; *O refúgio da arte*, 2025), do escritor alemão Eckhart Nickel. Entre informações sobre o romance e a história do processo de tradução, queremos abordar aspectos hermenêuticos, léxicos e sintáticos da tradução. O objetivo foi a preservação da artificialidade da linguagem e das inúmeras referências intertextuais à cultura clássica e pop, para que o leitor brasileiro pudesse seguir ao máximo os caminhos que o romance fornece. Pretende-se justificar as estratégias de tradução em coletivo e dar exemplos das decisões que foram tomadas, situando as decisões entre os polos clássicos de domesticação e estrangeiridade.

Palavras-chave: literatura alemã; tradução; Eckhart Nickel; tradução coletiva; intertextualidade.

Zusammenfassung: Der folgende Aufsatz nimmt sich vor, die kollektive Übersetzung des Romans Spitzweg (2022; *O refúgio da arte*, 2025) des deutschen Schriftstellers Eckhart Nickel zu analysieren. Neben Informationen über den Übersetzungsprozess sollen hermeneutische, lexikalische und syntaktische Aspekte der Übersetzung zentrale Themen sein. Die Übersetzung hat sich vorgenommen, die Artifizialität der Sprache und die vielfachen intertextuellen Verweise auf Pop- sowie klassische Kultur des Romans zu bewahren, um sie für den brasilianischen Leser maximal nachvollziehbar zu machen. Es sollen Strategien des kollektiven Übersetzens und auch Beispiele für von uns getroffene Entscheidungen begründet werden, die sich im klassischen Spannungsfeld zwischen Eingemeindung und Verfremdung bewegen.

Schlüsselwörter: deutsche Literatur; Übersetzung; Eckhart Nickel; kollektives Übersetzen; Intertextualität.

Introdução: contexto do projeto de tradução

A tradução do romance *Spitzweg*, publicado na Alemanha em 2022 pela editora Piper, surgiu como resultado de um projeto do Goethe-Institut e de leitores do DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico), chamado *Über.Leben.Schreiben. Narrative zu Krise und Zukunft* (*Escrever.sobre.viver. Narrativas sobre a crise e o futuro*). Em nove episódios, escritores de língua alemã foram convidados durante a pandemia de Covid-19, entre agosto e dezembro de 2020, para apresentar textos (romances

¹ Professor visitante na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) entre 2019 e 2025. Doutor em Literatura Comparada pela Universidade de Potsdam, Alemanha, com a bolsa da *Deutsche Forschungsgemeinschaft* (DFG). Mestrado em Estudos Comparativos de Literatura e Artes. Seu foco de pesquisa é em Literatura e Imagem, teorias de percepção, teoria de estranhamento e Literatura contemporânea. Email: rrschade@gmail.com. ORCID ID: 0000-0002-9390-0993.

distópicos, cenários de futuro) e pensamentos sobre o tema da crise,² de forma online. Os eventos ao vivo foram moderados por leitores do DAAD e funcionários do Goethe-Institut na América do Sul. Em Novembro de 2020, eu fiz a moderação de *Hysteria* (2018), romance do escritor alemão Eckhart Nickel.³ O vídeo da conversa e da leitura do trecho do romance, que foram ministradas em alemão, hoje disponível no canal de YouTube do Goethe-Institut Buenos Aires, foi depois legendado para o público brasileiro em uma tradução coletiva (feita por estudantes da UFRGS, Raquel Ribas Meneguzzo, Sofia Kohl Froehlich, Claudia Pavan e Marina Oliveira). Na época, exploramos a ideia de convidar Eckhart Nickel para uma turnê de leitura no Brasil, para apresentar textos do autor ao público brasileiro.

Com auxílio financeiro do DAAD, convidei o autor em novembro de 2023 para uma turnê de leituras em cinco cidades do Brasil: ele viajou para o Rio de Janeiro, Porto Alegre, Brasília, Belo Horizonte e São Paulo. Para tal, a tradutora Raquel Meneguzzo e eu, traduzimos alguns trechos do romance *Spitzweg* (2022). O Goethe-Institut Porto Alegre organizou um clube de leitura online, antes que o autor chegasse, para preparar o público alvo em todas as cidades. Como nessa tradução dos trechos, então, decidimos traduzir o romance inteiro pela editora *Bestiário*, de Porto Alegre. Conseguimos um apoio financeiro do Goethe-Institut, denominado *Übersetzungsförderung*,⁴ destinado à tradução de literatura de língua alemã.

Entre 6 e 16 de novembro de 2023, Eckhart Nickel apresentou o livro *Spitzweg*, entre outras oportunidades, na Feira do Livro de Porto Alegre e nas Jornadas de Literatura de Língua Alemã, em São Paulo. Após retornar à Alemanha, o autor publicou um relato de viagem na *Frankfurter Allgemeine Sonntagzeitung* (FAZ) em janeiro de 2024, sobre a cidade de Brasília,⁵ onde esteve também durante sua estadia no Brasil.

² Os episódios estão disponíveis no canal de Youtube do Goethe-Institut Buenos Aires (https://www.youtube.com/watch?v=ib40Hhgk_rHs). Foram convidados os seguintes escritores e escritoras: Julia von Lucadou, Emma Braslavsky, Zoë Beck, Jonas Lüscher, David Wagner, Eckhart Nickel, Juan Guse, Jackie Thomae e Sudabeh Mohafez.

³ Nascido em 1966 em Frankfurt am Main/Alemanha, Eckhart Nickel é um escritor alemão. Estudou História da Arte e Literatura em Heidelberg e Nova York. Seu romance *Hysteria* foi selecionado em 2018 pela Longlist do Prêmio do Livro Alemão (Deutscher Buchpreis), *Spitzweg* foi selecionado em 2022 para a Shortlist do mesmo prêmio. Em 2024, Nickel publicou o romance *Punk*. Ele dirigiu a revista literária *Der Freund* em Katmandu com o autor suíço, Christian Kracht. Atualmente, além de textos literários, ele escreve relatos de viagem para o *Frankfurter Allgemeine Sonntagzeitung*.

⁴ Para saber mais, acesse: <https://www.goethe.de/ins/br/de/kul/kuf/uef.html>.

⁵ Disponível em: <https://www.faz.net/aktuell/reise/brasilia-als-entraemte-hauptstadt-der-moderne-bossa-nova-fuer-die-auge-19476584.html>.

Sobre o romance

O romance *Spitzweg*, de Eckhart Nickel, foi publicado em 2022 na Alemanha e, no mesmo ano, foi indicado para a lista dos seis finalistas do *Deutscher Buchpreis*, o prêmio de melhor romance votado anualmente. O livro foi elogiado em várias resenhas por sua linguagem elegante e um pouco antiquada. O romance é dividido em 24 capítulos relativamente curtos.

Trata-se da amizade entre três jovens estudantes do ensino médio: o narrador sem nome, Carl, um pouco excêntrico e novo na turma, e a talentosa Kirsten, que, no primeiro capítulo, foge da aula de arte devido a uma crítica da professora de arte, Senhora Hügel, ao seu autorretrato (“Pronunciadamente exitoso, com todo meu respeito: é preciso coragem para abraçar a feiura”; Nickel, 2025, p. 10) e depois sai da sala. O acontecimento aproxima cada vez mais o narrador e Carl e, mais tarde, os três protagonistas. Carl, que “pertencia a algum passado remoto – no sentido mais favorável” (Nickel, 2025, p. 141), planeja encenar o desaparecimento de Kirsten para se vingar da professora de arte. Para tal, eles usam a pintura *Ophelia*, de John Everett Millais, da qual Kirsten fez uma cópia, com a intenção de fingir um possível desaparecimento, ou até suicídio (a Ofélia em *Hamlet*, de William Shakespeare, morre afogada). Surpreendentemente, Kirsten também não se conforma com o plano e desaparece do esconderijo de Carl, o assim chamado refúgio da arte. O narrador e Carl partem em busca dela e encontram Kirsten em um museu de arte da cidade. Em toda a narração, o local e o tempo da história não estão determinados explicitamente.

As artes visuais ocupam um papel central no livro de Eckhart Nickel. Assim como existem inúmeras referências a obras literárias, também há referências em excesso a obras de artes visuais. Aqui vale mencionar as pinturas mais importantes: *Der Hagestolz*, de Carl Spitzweg (1808–1885), uma representação de um solteirão independente com o qual o protagonista Carl se identifica; *Ophelia*, do pintor pré-raphaelita John Everett Millais (1829–1896), cuja cópia feita por Kirsten serve como objeto de vingança; e a obra *Wir drei* (*Nós três*), do pintor romântico Philipp Otto Runge (1777–1810), a qual simboliza a amizade dos três. Importante mencionar que Kirsten age como uma Ofélia revoltante, pois ela não se submete ao plano de vingança de Carl e foge do esconderijo.⁶ Figuras em outros quadros, como *O sentinela bocejante*, de Spitzweg, e A

⁶ Kirsten conta, em uma conversa entre os três, uma história suprimida da gênese da pintura de Millais, ou seja, o papel do modelo Elizabeth Eleanor Siddal. Ela conta sobre a exploração do modelo, que também era artista e precisava ganhar dinheiro para se sustentar. Por ter ficado horas deitada em uma banheira de água fria no inverno, ela logo sofre pneumonia, cria uma dependência em laudano e morre anos depois, de forma trágica, abusada por artistas masculinos como Millais e outro pintor preraffaelita, Dante Gabriel Rossetti (Nickel, 2025).

Dama com Arminho, de Leonardo da Vinci, associam-se ao porteiro do museu de arte da cidade e à professora Hügel. Pode-se constatar que as obras de arte – um museu imaginário dentro do romance – funcionam como uma narrativa além da narrativa, que fornece um diálogo entre literatura e artes visuais, mas também inclui referências à música e à cultura pop. Aqui, a pintura estimula a narração, e as narrações evocam pinturas e imagens de séculos diferentes. Várias pinturas são descritas e assim transformadas em literatura, ou seja, em signos linguísticos (a chamada *écfrase*).

Além do tema da história da arte, o livro é instigante pela capacidade do autor de inventar arranjos espaciais: o refúgio da arte de Carl, a biblioteca de Dr. Fant, professor de alemão do narrador, bem como a casa dos pais de Kirsten (cuja mãe sofre de uma alergia contra tudo artificial, o que se manifesta na construção da casa) são cenários detalhadamente projetados e evocativos. Além disso, o livro nos traz à mente memórias de objetos quase perdidos e conceitos culturalmente marcantes: o papel mata-borrão, o chocolate de menta After Eight, o *Hagestolz* (palavra arcaica alemã para um solteirão) ou o jogo de revista *Original e Falsificada*. O romance contém, por assim dizer, um arquivo das coisas que estão prestes a extinguir-se.

Em relação ao seu romance anterior, *Hysteria* (2018), Nickel continua a explorar vários temas: o desaparecimento (de pinturas ou de pessoas),⁷ a suposta oposição entre arte, o artificial e a natureza, relações entre três protagonistas, a conexão entre percepção e imaginação e a indecisão dos protagonistas em um mundo irremediavelmente confuso. O romance aborda nossa percepção desconexa e segmentada em tempos de uma *visual culture*, na qual as imagens circulam rapidamente, “a obsessão imagética de nossa época, que nos obriga a capturar constantemente tudo em uma foto só porque podemos” (Nickel, 2025, p. 175).

As resenhas do romance publicadas em todos os grandes jornais diários e semanais alemães foram, quase sem exceções, positivas. A imaginação abundante do autor tem um papel central, e estilisticamente o livro se destaca das modas poetológicas e estilísticas da literatura contemporânea. O crítico Ijoma Mangold escreve em sua resenha para o jornal semanal *Die Zeit* que “o romance de Nickel é, em termos formais, um flerte regressivo com o estilo Biedermeier: conjuntivos tão preciosos, construções

⁷ No romance, a protagonista Kirsten desaparece (primeiro, da sala de aula e mais adiante, do refúgio), assim como o pai de Kirsten. Também o roubo de obras de arte tem um papel importante (o roubo do autorretrato de Kirsten por Carl, assim como um quadro de Carl Spitzweg, no museu no final do romance). Interessante relatar que pinturas do pintor alemão Spitzweg foram várias vezes roubadas, por exemplo os furtos de 1976 em Berlim e de 2006 em Mannheim.

sintáticas tão complexas, vocabulário há muito fora de uso, enfim, tanta ostentação raramente vista na literatura contemporânea alemã” (Mangold, 2022, s. p.).⁸

Métodos: tradução em coletivo e objetivos

A resenha de Ijoma Mangold já indica que os desafios da tradução não eram poucos, seja pelas construções gramaticais e sintáticas complexas, seja no nível do léxico, ou pelas imensas referências à cultura clássica, a conceitos musicais, arquiteturais e à cultura pop. A tradução do romance foi executada em três: as tradutoras brasileiras Raquel Ribas Meneguzzo e Yasmin Rodrigues Ribas e eu, Robert Schade, escritor e professor de alemão. Esse cruzamento de conhecimentos literários, culturais e linguísticos, que uma tradução coletiva possibilita, significou uma grande vantagem para o processo. Na tradução do livro de Eckhart Nickel ficou evidente que um trabalho com esses conhecimentos diferentes poderia ser vantajoso, porém mais trabalhoso, porque se adicionam, ao processo de entendimento e à recriação do texto, as conversas e coordenações com os outros tradutores ou outras tradutoras. Assim, as decisões, seja a escolha entre palavras, construções sintáticas ou, em outro nível, entre os polos de domesticação e estranhamento, foram sempre abertas para discussão. O trabalho foi feito virtualmente, sendo que as duas tradutoras mandaram os capítulos para eu revisá-los. Depois, mandei o capítulo de volta com anotações, correções, sugestões, comentários ou perguntas, e o processo começou de novo, até ficarmos satisfeitos com o resultado. Para não se desentender e para manter uma coerência de expressões usadas, utilizamos a função de comentários, que ajudou a retomar questões que ficaram em aberto ou a adicionar anotações para os outros tradutores, a fim de alcançar uma melhor consistência.

Na história da teoria da tradução se destacaram, desde Friedrich Schleiermacher, duas alternativas: uma tradução que domestica e uma que enfatiza o estranhamento, obviamente sendo polos sem limites claramente definidos. O tradutor Lawrence Venuti ressalta que uma tradução “inevitavelmente domestica textos estrangeiros, inscrevendo neles valores linguísticos e culturais inteligíveis para comunidades domésticas específicas” (Venuti, 2019, p. 137). Porém, como constata Venuti, cada tradução, ao mesmo tempo, automaticamente tem que criar estrangeiridade para fugir de um certo etnocentrismo, primeiro pela simples escolha do

⁸ *Nickels Roman selbst ist auf der Formebene ein regressiver Flirt mit dem Biedermeier: So kostbare Konjunktive, so verschachtelte Satzkonstruktionen, so viel längst außer Gebrauch geratenes Vokabular, kurz, so viel gespreizter Finger war selten in der deutschen Gegenwartsliteratur* [tradução minha].

texto e, segundo, pela linguagem usada – então, como Venuti ressalta, por motivos éticos. Durante a tradução, deveremos tomar decisões sobre se mantemos certas referências como no original ou se transferimos as mesmas para equivalentes que são familiares ao leitor brasileiro. Muitas vezes, porém, esquecemos que certas formulações, expressões ou palavras também soam estranhas na nossa própria língua. Que muitas vezes o texto original já apresenta um estranhamento, um desvio estilístico ou de uma visão comum ou cotidiana. A questão para os tradutores é a seguinte: imitar a estranheza para assim talvez intensificá-la ou escondê-la, para poupar o leitor estrangeiro de um certo esforço? Durante a tradução, nos encontramos dentro desse dilema. Nos seguintes subcapítulos, pretendo justificar as nossas decisões estratégicas em contextos e situações diferentes.

“Tradução” do paratexto

O tradutor Lawrence Venuti ressalta que o efeito de uma tradução “vai depender fundamentalmente das estratégias discursivas desenvolvidas pelo tradutor, mas também dos vários fatores envolvidos na sua recepção, inclusive o layout da página e a arte da capa do livro impresso” (Venuti, 2019, p. 139). O que chama a atenção, à primeira vista, além da capa, é a mudança do título do romance. Na versão alemã, o livro, com capa de cor rosa, mostra a pintura *Der Hagestolz* (1880), do pintor alemão Carl Spitzweg, representante da época *Biedermeier*, a qual é normalmente associada a formas e conteúdos intimistas e conservadores. O título do livro original é *Spitzweg*, o próprio nome do pintor. A capa rosa cria um contraste entre o nome e a obra de um pintor, para o grande público provavelmente considerado conservador e antiquado, e um design pop contemporâneo. Além do fato de que o autor Eckhart Nickel, no romance, desconstrói a imagem predominante do artista de pinturas de gênero e revela um outro Spitzweg, irônico e lúdico, que dentro de suas pinturas apresenta várias camadas de significados escondidos, o contraste ainda chama a atenção de um leitor alemão. Na versão brasileira, porém, mudamos o título para *O refúgio da arte*, um esconderijo do protagonista Carl, o qual é descrito minuciosamente no terceiro capítulo do livro e ao longo da narrativa.

O refúgio da arte, segundo Carl, é inspirado no *Grand Chalet*, do artista Balthus, e “lembrava uma cabana alpina em miniatura” (Nickel, 2025, p. 25), equipado com otomanas, uma geladeira, um samovar e um toca-discos, entre outros. O refúgio é um lugar multissensorial, com cheiros, texturas, sabores, sons, bebidas e músicas bem escolhidos por Carl. Decidimos alterar o título pelo simples fato de que o nome do pintor

é pouco conhecido no Brasil. Optamos pelo título *O refúgio da arte*, porque ele funciona como o lugar central do romance, onde o plano de vingança se desdobra e onde Kirsten se esconde, mais adiante. Além disso, o título permite ao leitor estabelecer outras associações, como o refúgio da arte como um espaço real e/ou imaginário. A figura do *Hagestolz*, porém, ainda assume um papel central: a capa apresenta a mesma pintura da versão alemã.

Tradução do léxico

Algo que chama a atenção no romance de Eckhart Nickel, como menciona a resenha de Ijoma Mangold, é o uso de arcaísmos. Os três amigos de escola, principalmente Carl, usam uma língua rebuscada, com um vocabulário fora do uso contemporâneo – também o narrador coleciona palavras extintas (Nickel, 2025). Substantivos arcaicos como, por exemplo, *Kostüm* (palavra antiga para vestuário, traduzida como traje), *Treulieb* (verdadeiro amor), *Pflanzerhaus* (casa de latifúndio) ou *Adlatus* (adjunto) aparecem com frequência no romance. O mesmo acontece com adjetivos recorrentes como *tadellos* (impecável, mais usado no fim do século XIX e início do século XX).⁹ Com base no site *Digitales Wörterbuch der Deutschen Sprache* (Dicionário digital da língua alemã), que possui um corpus do *Deutsches Textarchiv* (Arquivo Alemão de Textos, para os anos entre 1598 e 1913), pudemos confirmar a frequência de uso de qualquer palavra dentro de um corpus, composto por textos jornalísticos, científicos, de ficção e de não ficção, de forma diacrônica. Para uma das palavras mais centrais do romance, *der Hagestolz*, por exemplo, o site mostra o auge do uso da palavra no final do século XVIII, com uma segunda ascensão na virada do século XIX/XX.¹⁰

Como uma das poucas exceções, optamos por conservar a palavra *Hagestolz* no original alemão, com explicações no texto (explicações que, na maioria dos casos, o próprio romance em alemão já fornece), pois não encontramos uma palavra equivalente que trouxesse o significado, a sonoridade e, por assim dizer, a aura da palavra. No livro, Carl explica a figura do *Hagestolz*, representado na pintura de Carl Spitzweg:

⁹ Por exemplo, em expressões como *tadellose Sauberkeit* (“limpeza impecável”), *tadellos weiße Zähne* (“dentes impecavelmente brancos”), *tadellos zum Anzug passenden Clubkrawatte* (“a gravata [...] combinava perfeitamente com o terno”) ou *tadellose Haltung* (“sua postura irrepreensivelmente ereta”).

Ver: <https://www.dwds.de/r/plot/?view=1&corpus=dta%2Bdwds&norm=date%2Bclass&smooth=spline&genres=0&grand=1&slice=10&prune=0.05&window=3&wbase=0&logavg=0&logscale=0&xrange=1600%3A1999&q1=tadellos>.

¹⁰ Ver: <https://www.dwds.de/r/plot/?view=1&corpus=dta%2Bdwds&norm=date%2Bclass&smooth=spline&genres=0&grand=1&slice=10&prune=0.05&window=3&wbase=0&logavg=0&logscale=0&xrange=1600%3A1999&q1=Hagestolz>.

Em um espaço de apenas 23 centímetros por 30, em meados do século XIX, Spitzweg basicamente esboça a cena decisiva do nascimento do Hagestolz: um homem caminha sozinho pela paisagem, enquanto todos ao seu redor estão tudo, menos sozinhos. E mesmo essa representação remonta a uma obra-prima de 1840 chamada ‘Der verbotene Weg’, o caminho proibido. Essa pintura já contém tudo o que, mais tarde, se tornará importante para todos os Hagestolz: a figura solitária a quem é negado o que mais anseia e que sempre se revela em sua linha de visão: a suposta felicidade proporcionada pelo amor e pela vida plena que os outros possuem, quase sempre representada por um homem de uniforme passeando de braços entrelaçados com seu verdadeiro amor (Nickel, 2025, p. 147).

O *Hagestolz* representa uma figura muitas vezes excêntrica e não convencional, que se destaca por não seguir as convenções conjugais e cristãs da época. O nosso objetivo ao manter a palavra em alemão era criar um certo estranhamento no leitor brasileiro, seja pelo conceito, seja também pela ocorrência visual da própria palavra. Em outro momento, Carl elogia a sonoridade da palavra *Hagestolz*: “a palavra em si é uma delícia, porque o conduz de forma tão infalível do A ao E e ao O” (Nickel, 2025, p. 144). Adicionalmente, essa decisão permite ao leitor brasileiro acompanhar questões de sonoridade com pouca intervenção dos tradutores.

Apenas uma única vez no romance ocorre o nome de uma região específica da Alemanha, quando o narrador relata que passou as suas férias na região de Vogtland, na Saxônia. Na época, discutimos se precisávamos manter essa localização concreta no texto traduzido ou não – e optamos por deixá-la. Além do fato de que, pelas referências de marcas (as quais sempre mantemos no original), pelo sistema escolar etc., é evidente que o romance se passa na Alemanha, considerei importante a menção por motivos de uma certa concretude. Essa concretude se perdeu em outros contextos, por exemplo, quando um conceito ou um determinado objeto não existe na cultura brasileira. Isso aconteceu com a famosa *Litfaßsäule*, uma coluna publicitária que existe desde meados do século XIX, a qual traduzimos como pilar de publicidade. Outro conceito que não existe é a chamada *Buchpreisbindung*, uma lei que garante que livrarias são obrigadas a vender livros novos por um preço padronizado. Apenas quando um determinado livro apresenta um defeito, a venda pode acontecer por um preço mais baixo. Quando, no romance, o narrador menciona que tal *Buchpreisbindung* foi anulada para certos livros, optamos pela tradução de que eles “estavam em promoção” (Nickel, 2025, p. 115). Os livros defeituosos, chamados *Mängel-exemplare*, possuem um carimbo para marcar sua condição imperfeita. Traduzimos esses livros como exemplar defeituoso, porém adicionamos, um pouco antes, a informação complementar de que “tratava-se sempre de cópias com preço reduzido por algum defeito de fábrica” (Nickel, 2025, p.

115), que não consta no original, para explicar o que, em alemão, a palavra *Mängelexemplar* já implica.

Além de palavras singulares, destaca-se o estilo elevado e incomum, principalmente na fala de Carl. No primeiro capítulo, o narrador relata o primeiro encontro entre os dois, que acontece na máquina de venda de bebidas da escola. Aqui, Carl usa a expressão artificial “Ich frequentiere Milch. Und daran fehlt es hier offensichtlich” (Nickel, 2022, p. 11) – o que traduzimos como “Eu consumo leite, e, obviamente, essa opção está faltando” (Nickel, 2025, p. 11). Tentamos transmitir a artificialidade do discurso de Carl para o português brasileiro – o que realizamos com o verbo consumir (leite), em vez de verbos mais corriqueiros como tomar, beber etc. Essa estratégia mantemos em outros contextos, para que o leitor brasileiro possa sentir a diferença entre a fala de Carl e a linguagem comum entre os jovens de hoje (ou um estilo literário que a imite). Além dos arcaísmos, apareceram poucos neologismos no romance. Quando Carl e o narrador se encontram no refúgio da arte, Carl sugere tomar um *Naschisch* – conforme o autor, uma palavra composta, formada por *Nachtisch* (sobremesa) e *Haschisch* (maconha). Decidimos criar um neologismo, porém trocamos o substantivo por um verbo: criamos o verbo inexistente *endocicar*, que combina o adjetivo doce com o verbo intoxicar. Aqui, então, um substantivo composto foi traduzido por um verbo composto: “E, como chegou a hora de nos endocicarmos, vou dar o exemplo” (Nickel, 2025, p. 26).

A tradução de expressões idiomáticas confronta qualquer tradutor com desafios hermenêuticos. Aqui, de novo, observamos a grande vantagem de ter trabalhado em um coletivo com conhecimentos de duas línguas maternas e culturas diferentes. Encontramos inúmeras expressões idiomáticas no romance, como, por exemplo, o fato de o narrador “*ein Auge auf sie [Kirsten] geworfen hatte*” (Nickel, 2022, p. 79), ou seja, que ele tem “uma quedinha por ela [Kirsten]” (Nickel, 2025, p. 71). Em outra parte do romance, Carl ressalta que a professora de arte, senhora Hügel, “*an Ophelia einen absoluten Narren gefressen hat[te]*” (Nickel, 2022, p. 88; literalmente, de forma um pouco deselegante: ela comeu um tolo por Ofélia), ou seja, que ela “é absolutamente louca por Ofélia” (Nickel, 2025, p. 80), o que se refere à pintura de Millais. Quando Kirsten justifica a saída da escola particular antes de frequentar a escola do narrador e de Carl, ela caracteriza os ex-colegas como “*wohlstandsverwahrloste Mitschüler*” (Nickel, 2022, p. 175; traduzido como “colegas abastados e degenerados”; Nickel, 2025, p. 156) e “*geistlose Neo-Popper*” (Nickel, 2022, p. 175; traduzido como “playboyzinhos e patricinhas esnobes e superficiais”; Nickel, 2025, p. 156), um termo pejorativo dos anos

1980. No primeiro caso, o composto *wohlstandsverwahrlost* (literalmente: “negligenciado pela prosperidade”) – um certo oxímoro, que descreve a negligência emocional dentro de um mundo de excesso de bens materiais – podia dificilmente ser reproduzido na língua portuguesa; no segundo caso, a expressão um pouco antiga foi atualizada e, nesse sentido, abasileirada.

Algumas referências se perdem automaticamente, e não vale a pena buscar equivalências, na maioria dos casos referências pouco importantes. Quando o Dr. Fant descreve a sua própria biblioteca, o chamado bunker de livros, ele usa a expressão de que “o aposento era ‘quadrado, prático e bom’” (Nickel, 2025, p. 112). Usamos as palavras equivalentes da versão alemã, *quadratisch, praktisch, gut*, pois a referência a uma propaganda conhecida da marca de chocolate Ritter Sport era difícil de substituir por um equivalente brasileiro. Um leitor familiarizado com a cultura alemã, porém, ainda tem a possibilidade de decifrar a referência. Diferente foi o caso de *etwas in seinen Bart murmeln*, expressão usada quando alguém fala de forma inaudível ou muito baixa. Decidimos transferir a expressão de forma quase interlinear para o português, a fim de criar uma formulação que chama a atenção do leitor e produz um certo efeito de estranheza: o porteiro do museu “murmurou algo ininteligível sob seu bigode e parou, bufando” (Nickel, 2025, p. 208). Aqui, de certa forma, transferimos uma expressão idiomática alemã para o sistema linguístico brasileiro, pois consideramos que a imagem era adequada e contribuía para aumentar a plasticidade da cena descrita.

O livro apresenta, além das dificuldades mencionadas, também desafios de tradução em vocabulários específicos, como, por exemplo, no contexto escolar, artístico,¹¹ arquitetônico ou de roupas e acessórios de moda antiga. Como traduzimos conceitos inteiros, e não apenas palavras soltas, a tradução deve aceitar, em parte, abstrações para um público estrangeiro. O sistema escolar do ensino médio na Alemanha, por exemplo, é diferente do cenário brasileiro, e, com isso, mudam automaticamente as expressões. Para conceitos concretos como a *Abiturprüfung*, o exame de conclusão realizado apenas por alunos de um *Gymnasium* após o 12º ano, em quatro matérias diferentes, não existe um equivalente no Brasil. Assim, traduzimos simplesmente como exame, para não cair em uma descrição excessiva, que não contribui para o enredo (ou para o estilo) do romance.

¹¹ Existem conceitos que criam problemas por terem a origem em conceitos específicos, por exemplo a então chamada *Petersburger Hängung*, que refere ao modo do como pinturas são organizadas na parede em museus ou galerias. A *Petersburger Hängung*, referindo ao museu Hermitage em São Petersburgo, descreve o modo do que os quadros estão pendurados em grande proximidade, um quadro ao lado, em cima ou em baixo do outro. No português encontramos a expressão *gallery wall* (Nickel, 2025, p. 185) para tal, emprestado do inglês.

Além disso, existem várias diferenças na organização do dia escolar, dentro da vida cotidiana, na *Lebenswelt* de um aluno: na Alemanha, há vários intervalos entre as aulas, sendo a *Große Pause* o único – e mais extenso – em que todos os alunos se encontram no pátio. Traduzimos simplesmente por intervalo, pois, de qualquer forma, não podemos transferir os sentimentos que um alemão associa a essa palavra usando um equivalente. Como afirma o tradutor Olaf Kühl, cada palavra vive em sua própria *Lebenswelt* e muda de acordo com novos contextos:

No original, cada palavra, cada frase está enraizada em seu contexto, em uma teia de tradições, relações, citações e práticas antigas. Cada palavra é sempre uma citação, no sentido de que já foi usada inúmeras vezes antes, empregada e abusada, oralmente e por escrito. Após a transplantação [...], muitas dessas conexões são rompidas. O texto inteiro e cada um de seus componentes ainda se encontram no casulo enganador do contexto antigo – da frase, do parágrafo, da obra, do gênero. Ao mesmo tempo, porém, eles chegaram ao novo ambiente da língua de destino – a novos “mundos”. No novo ambiente, eles estendem seus tentáculos e descobrem que evocam associações completamente diferentes das da cultura de origem (Kühl, 2014, p. 125-126).¹²

A palavra mais debatida no contexto escolar foi, com certeza, a tradução da palavra *Fehlpate*. No romance, o narrador assume a função de *Fehlpate*, o que significa que, em caso de faltas (em alemão, o verbo *fehlen*) da sua colega Kirsten, o narrador é responsável por entregar matérias, temas de casa e as informações relevantes. Até onde sei, essa palavra foi criada como um neologismo, além de que o conceito existia como tal antes da época digital. Após várias reflexões, optamos por *padrinho escolar*, pois a palavra padrinho, mesmo como diminutivo, refere-se a uma posição de cuidado e responsabilidade por alguém.

Um outro “campo de batalha léxico” foi a tradução de roupas e acessórios antigos, por exemplo, os então chamados *Ärmelschoner*, antigamente usados por contabilistas para não sujar as mangas de tinta, que não são muito comuns no Brasil. Traduzimos literalmente como protetores de manga. O excêntrico Carl usa também

¹² Im Original ist jedes Wort, jeder Satz in seiner Lebenswelt eingenistet, einem Gespinnst von Traditionen, Beziehungen, Zitaten, früheren Gebräuchen. Jedes einzelne Wort ist immer schon Zitat in dem Sinne, dass es unzählige Male zuvor verwendet worden ist, gebraucht und missbraucht, mündlich und schriftlich. Nach der Transplantation [...] sind viele dieser Verbindungen abgerissen. Der ganze Text und jeder seiner Bestandteile befinden sich zwar noch im trügerischen Kokon des alten Kontextes – des Satzes, des Absatzes, des Werks, der Gattung. Zugleich sind sie aber im neuen Milieu der Zielsprache angekommen – in neuen „Lebenswelten“. In der neuen Umgebung strecken sie die Fühler aus und stellen fest, dass sie dort ganz andere Assoziationen als in der Herkunftskultur hervorrufen [tradução minha].

Sockenhalter, o que traduzimos como suporte para meias, sem ter encontrado uma palavra antiga existente. Outros acessórios, como o lornhão, conseguimos traduzir com base em pesquisas – pesquisas que, como veremos no próximo subcapítulo, possuíam um papel importante para a tradução do romance.

Referências intertextuais

Como já mencionado, Eckhart Nickel é um escritor erudito que conecta referências de várias origens e tece uma densa rede literária de conexões intertextuais. A figura do *Hagestolz*, por exemplo, no romance está representada em obras literárias (Johann Wolfgang Goethe, Rainald Goetz, Thomas Mann), artes visuais (Carl Spitzweg) e até na música pop (Morrissey). Neste caso, trata-se de referências explícitas. Já a primeira página do romance começa, porém, com uma *unerhörte Begebenheit*, um termo que descreve o acontecimento da crítica do autorretrato de Kirsten, motivo pelo qual ela foge da sala de aula. Para um leitor atento, essa expressão pode ser identificada como uma citação de Johann Wolfgang Goethe, que serve para a definição do gênero literário da novela, em que o acontecimento inaudito é a parte central da construção. Para conservar essa referência intertextual para o leitor brasileiro – o que o tradutor alemão Olaf Kühl chama de “criar ressonâncias” (Kühl, 2014, p. 126) –, consultamos como o termo foi traduzido em traduções existentes para a língua portuguesa. Encontramos, então, o termo acontecimento inaudito e o traduzimos como tal (Nickel, 2025, p. 9). Este é apenas um exemplo de inúmeras referências implícitas ou explícitas a obras literárias no romance. Para ilustrar, segue uma lista incompleta de escritores, compositores musicais, roteiristas ou filósofos que aparecem com citações no romance de Eckhart Nickel: Charles Baudelaire, Gustav Mahler, Rainer Maria Rilke, Nikolai Gogol, Friedrich Nietzsche, Robert Burns, E. T. A. Hoffmann, Anne Clarke, Ludwig Tieck, William Shakespeare, Johann Wolfgang von Goethe, Gottfried Leibniz, Christa Bürger, Dante Alighieri, Jean Baudrillard, Edgar Allan Poe, Martin Heidegger, Wes Anderson, Ludwig Wittgenstein, Rainald Goetz, Franz Kafka, Thomas Mann, Morrissey, Robert Musil e T. C. Boyle.

Algumas referências eram disponíveis em traduções existentes para o português, as quais precisamos consultar para encontrar frases ou expressões citadas; outras não – e essas foram traduzidas por nós. O romance possui, como no original em alemão, uma lista de referências no final do livro. Nos casos em que o nome do escritor ou filósofo não foi mencionado em uma das citações ou expressões, o objetivo era preservar a possibilidade de o leitor brasileiro fazer as conexões também. Um exemplo, entre outros, é a expressão *anderer Zustand*, um sentimento que o narrador experiencia

quando devaneia sobre a possível morte dos pais. Este termo se refere ao romance *Der Mann ohne Eigenschaften* (*O homem sem qualidades*, publicado em 1930), do escritor austríaco Robert Musil. Consultamos o romance e traduzimos como *outro estado* (Nickel, 2025, p. 162), conforme a tradução encontrada, também sem mencionar o autor Robert Musil, como no original. Carl, em seu manual excêntrico do jogo golfe de castanha, menciona o *Naturreich Kastanien*. Para um leitor que conhece o romance de Robert Musil, essa expressão se associa ao *Königreich Kakanien*, expressão irônica para a monarquia Austro-Húngara, em português: Kakânia. Para manter a referência implícita, a traduzimos como “reino natural das castanhas” (Nickel, 2025, p. 59), para assim criar uma ressonância mais clara. A expressão *fröhliche Kunstwissenschaft*, mencionada por Carl, faz indiretamente alusão ao conceito da *gaia ciência* de Friedrich Nietzsche – consequentemente, traduzimos como “gaia ciência da arte” (Nickel, 2025, p. 130).

A tradutora Elisabeth Edl descreve a tradução literária como uma interação entre ciência (a hermenêutica, *Verstehen* no sentido de Hans-Georg Gadamer) e arte, a expressão linguística do tradutor que vai além de um mero ato de compreensão e que naturalmente permanece ligada ao texto original (Edl, 2014). Como ficou evidente, a tradução também envolve, dependendo do texto, em certa medida, compreensão por meio de pesquisa. Antes de escrever o próprio texto, e ainda mais na tradução de um romance como *Spitzweg*, é essencial um trabalho de detetive – nesse aspecto, com certeza, aproveitamos a tradução em coletivo.

Pensar e traduzir o espaço: a biblioteca de Dr. Fant

Como mencionado acima, o autor Eckhart Nickel projeta, com muita dedicação, cenários espaciais, como o refúgio da arte, incluindo vários acessórios, gavetas e detalhes, ou a casa dos pais de Kirsten, uma casa ecológica e autossuficiente. Outro lugar paradigmático é o bunker de livros do professor de alemão, Dr. Fant, localizado no porão da casa, o qual o narrador encontra para se preparar para o exame sobre o *Fausto* de Goethe. A própria biblioteca de Dr. Fant se encontra na parte de trás de uma bomba geotérmica, o que o narrador descobre enquanto desce a escada:

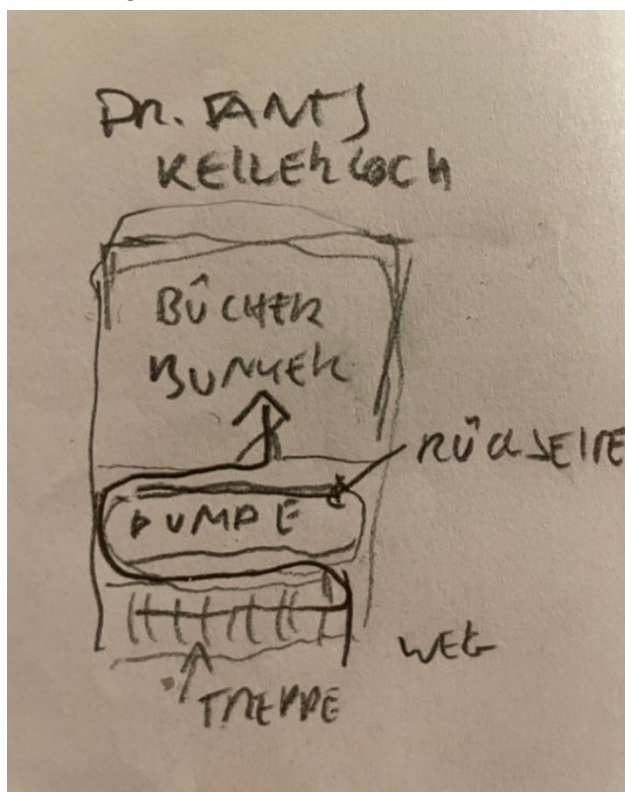
‘Kommen Sie, hier an der Erdwärmepumpe vorbei, bitte stoßen Sie sich nicht an dem Bügel, das ist alles suboptimal installiert.’ Wir mussten einmal um die ganze Pumpe herumlaufen, weil ihre Rückseite über die volle Länge des Hauses das Kellerloch und, in Bücher gebunden, dessen Aufzeichnungen enthielt (Nickel, 2022, p. 124).

‘Venha, passe aqui pela bomba geotérmica. Por favor, não esbarre no suporte, pois sua instalação está longe de ser ideal.’ Tivemos que dar a volta completa

na bomba, porque a parte de trás tinha quase todo o comprimento da casa e continha o buraco do porão e seus registros, todos encadernados (Nickel, 2025, p. 111).

Quando lemos a descrição em alemão, ainda ficamos com dúvidas de como o autor projetou o espaço exatamente. Para esclarecer como foi projetado, Eckhart Nickel desenhou a instalação (Figura 1). O próprio desenho do autor ajudou a traduzir o trecho que, para nós, pareceu, em um primeiro momento, difícil de visualizar. Isso pode acontecer em vários momentos de uma tradução – um desafio que diferencia a leitura de um tradutor da leitura de um leitor comum: o tradutor tem que necessariamente entender todos os detalhes que o texto de origem fornece, sejam intertextuais, léxicos ou espaciais. Tivemos o privilégio de que o autor sempre foi aberto a perguntas e dúvidas.

Figura 1 – Desenho de Eckhart Nickel



Fonte: Nickel (2025).

Um exemplo da tradução

Sie musterte betont genau die bereits nahezu vollendete Zeichnung, räusperte sich dann gedehnt und sprach schließlich mit tonloser Stimme ihr Urteil: „Ausgesprochen gelungen, Respekt: Mut zur Hässlichkeit!“ Kirsten schluckte in die unmittelbar eingetretene Stille hinein. Nach einer ins Unerträgliche gedehnten Pause, in der alle wie gelähmt auf sie starrten, stand sie auf und rannte mit vor

die Augen geschlagenen Händen nach hinten aus dem Kunstraum in das steinerne Treppenhaus. Und obwohl Kirsten ihre zerbrechlich hoch kieksende Stimme nicht erhoben hatte, höre ich den stummen Schrei bis heute, wie er sich über das immer weiter entfernt hallende Klicken ihrer Schuhe im Flur legte. Frau Hügel starrte wie alle anderen völlig gebannt zur Tür hinten im Raum der verschwundenen Kirsten hinterher (Nickel, 2022, p. 10, grifo meu).

Ela inspecionou com escrutínio o desenho já quase terminado, pigarreou lentamente e finalmente deu seu veredito com uma voz apagada: “Pronunciadamente exitoso, com todo o meu respeito: é preciso coragem para abraçar a feiura!” Kirsten engoliu em seco no silêncio que se instaurou imediatamente. Após uma pausa que se prolongou até se tornar insuportável, durante a qual todos a fitavam, como paralisados, ela se levantou e saiu correndo com os punhos cerrados sobre os olhos, deixando a sala de Artes e adentrando o corredor pétreo. Por mais que Kirsten não tenha elevado sua voz quebradiça e esganiçada, até hoje ouço seu grito mudo, capaz de cobrir os estalos de seus sapatos, que ecoavam cada vez mais distantes no corredor. A Sra. Hügel permaneceu olhando fixamente em direção à porta por onde Kirsten desaparecera, completamente estupefata como todos os outros (Nickel, 2025, p. 10, grifo meu).

Desafios no nível da sintaxe e da morfologia

Como já mencionado, o livro é escrito em um estilo hipotático, o que, em muitas partes, nos obrigou a usar inversões sintáticas no português, seja por motivos puramente sintáticos, econômicos ou até estilísticos. Poucas vezes, por motivos econômicos, optamos por dividir uma frase em duas, ou usamos conjunções, hífens e ponto e vírgula para sistematizar ou descomplicar a estrutura da frase. A flexibilidade sintática da língua portuguesa nos deu a liberdade de criar um certo ritmo, sem copiar a estrutura das frases alemãs com o verbo na segunda posição. Aqui, houve vários desafios para não deixar as frases longas demais. A língua alemã, por exemplo, consegue formar expressões compactas com palavras compostas e com o adjetivo junto ao advérbio, que ficam à frente do substantivo, enquanto, no português, precisamos usar frases relativas para adicionar informações a um substantivo. Isso é evidente no trecho acima, que descreve o acontecimento inaudito, a crítica da professora de arte, senhora Hügel. Na construção compacta *die unmittelbar eingetretene Stille*, precisamos, para adicionar as informações seguintes, da ajuda de uma frase relativa (que se instaurou imediatamente), pois o adjetivo e o advérbio não podem ficar à frente do substantivo. O mesmo aconteceu com *einer ins Unerträgliche gedehnten Pause* e, mais adiante, *das immer weiter entfernt hallende Klicken ihrer Schuhe im Flur*: precisamos formar uma frase relativa: uma pausa que se prolongou até se tornar insuportável e os estalos de seus sapatos, que ecoavam cada vez mais distantes no corredor. Adicionalmente, na tradução citada

acima, o enunciado *Mut zur Hässlichkeit!* (é preciso coragem para abraçar a feiura) perde o tom lacônico da expressão idiomática curta *Mut zu....* A tradução interlinear coragem para a feiura soa estranha e incompleta.

Quanto à morfologia, outro problema recorrente era como intensificar advérbios. Em português, todos os advérbios são construídos com o sufixo *-mente*, o que torna as construções pouco elegantes quando se trata de mais de um advérbio. Aqui, precisávamos usar expressões formalmente incorretas e nos aproximar da língua coloquial ou resolver com a expressão de *forma + adjetivo*. Com todos os desafios mencionados, o maior objetivo no contexto sintático e morfológico era escrever um texto bem estruturado, inteligível e compreensível.

Considerações finais

Com um pequeno desvio do título do primeiro capítulo do romance de Eckhart Nickel, podemos nos perguntar de forma provocativa: *Original ou falsificada?* No livro, o título *Original e falsificada* refere-se a um jogo de revista que o narrador pratica em seu tempo livre. Em quadros clássicos, o leitor deve encontrar os dez erros, desvios de uma pintura original – e distinguir a versão original da falsificada. Aqui, segundo Carl, o narrador, que “nunca se interessou muito por arte” (Nickel, 2025, p. 9), desenvolveu a sua desimpressionalidade, uma “ingenuidade quase rebelde” (Nickel, 2025, p. 13) de contemplar uma obra de arte fora dos conhecimentos clássicos, de forma formal e analítica. Claro que a distinção entre original e falsificado em teorias de tradução parece estar ultrapassada, assim como a discussão sobre o certo e o errado. Cada tradução é um ato criativo, uma criação, e assim implica decisões que são situadas em uma estratégia de tradução. Uma vez que o texto foi entregue para a editora, precisamos viver com nossas decisões: com a parte da pesquisa feita, da compreensão ou interpretação do texto, com nossas decisões estéticas da escrita. O desafio, para nós, era transmitir o máximo possível as ressonâncias intertextuais, as conexões virtuais para um leitor brasileiro e, além disso, encontrar um equilíbrio entre uma domesticação e a estrangeiridade em níveis léxicos e sintáticos, seja por traduzir ou conservar expressões, arcaísmos ou neologismos. As mudanças, seja para o lado de domesticação – como por atualização, abstração ou brasilianização – ou seja para o lado de estrangeiridade, por traduções interlineares e a conservação de palavras em alemão, foram feitas de forma consciente. Certamente, este equilíbrio, seja para melhor ou pior, foi resultado de um processo dialógico e coletivo, que abriu o trabalho de detetive em busca de

referências intertextuais e de soluções para a própria tradução, para pensamentos múltiplos e vozes múltiplas.

Referências

EDL, Elisabeth. Wissenschaft und Kunst. Über die Grenzen der Interpretation in der literarischen Übersetzung. In: KNOTT, Marie Luise; WITTE, Georg (org.). **Mit anderen Worten. Zur Poetik der Übersetzung**. Berlin: Matthes & Seitz 2014. p. 151-171.

KÜHL, Olaf. „Schreibst du noch oder übersetzt du schon?“ Über Sätze und ihre Lebenswelten. In: KNOTT, Marie Luise; WITTE, Georg (org.). **Mit anderen Worten. Zur Poetik der Übersetzung**. Berlin: Matthes & Seitz, 2014. p. 113-133.

MANGOLD, Ijoma. Die feine englische Art. **Die Zeit**, Hamburgo, n. 19, 2022. Disponível em: <https://www.zeit.de/2022/19/spitzweg-eckart-nickel-gegenwartsliteratur>. Acesso em: 5 dez. 2025.

NICKEL, Eckhart. **O refúgio da arte**. Tradução de Yasmin Rodrigues Ribas, Raquel Ribas Meneguzzo e Robert Schade. Porto Alegre: Bestiário, 2025.

NICKEL, Eckhart. **Spitzweg**. München: Piper, 2022.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**: por uma ética da diferença. Tradução de Lauro Pelegrin et al. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

“Colonização alemã no Brasil” e “Bem-intencionados avisos aos emigrantes”, de Friedrich Gerstäcker (1862)

Elisa Haizler¹

Gerson Roberto Neumann²

Resumo: Este artigo apresenta a tradução de “*Deutsche Colonisation in Brasilien*” e “*Wohlgemeinte Warnung für Auswanderer*”, de Friedrich Gerstäcker, publicados em 1862, na revista *Die Gartenlaube: Illustriertes Familienblatt*. Em ambos os textos, o autor aborda a imigração de alemães ao Brasil, com a qual teve contato pessoal. Ele nega exageros de críticas espalhados pela mídia, mas também exageros de idealizações. Em *Deutsche Colonisation in Brasilien*, Gerstäcker defende que os colonos alemães estão satisfeitos com sua situação; afirma que o governo adotou medidas para apoiá-los, como a criação de fundos de subsídio; e destaca os ótimos clima e solo do Sul do país. O autor alerta, por outro lado, sobre os problemas com a liberdade religiosa, principalmente pela falta de líderes religiosos protestantes, e sobre os perigos de contratos privados com Senhores de Terra, os Contratos de Parceria. Ele se aprofunda nesses perigos em *Wohlgemeinte Warnung für Auswanderer*. Este artigo apresenta, também, um breve relato sobre o processo de tradução dos textos, realces de trechos mais desafiadores e análises de algumas escolhas tradutórias.

Palavras-chave: Imigração alemã; colônia alemã; contratos de parceria; Brasil; século XIX.

Zusammenfassung: Dieser Artikel enthält die Übersetzungen von “*Deutsche Colonisation in Brasilien*,” und “*Wohlgemeinte Warnung für Auswanderer*,” bei Friedrich Gerstäcker, die 1862 in der Zeitschrift *Die Gartenlaube: Illustriertes Familienblatt* veröffentlicht wurden. Beide Texte stellen die Meinung des Autors über die deutsche Auswanderung nach Brasilien, damit er persönlich Kontakt hat. Er verneint übermäßigen Kritik der Medien, jedoch auch übermäßige Idealisierung. In *Deutsche Colonisation in Brasilien* behauptet Gerstäcker, dass die Deutschen in der Kolonie zufrieden sind; die Regierung sie mit Maßnahmen wie der Subsidiengeld unterstützt; und das Klima und der Boden im Süden des Landes besonders gut sind. Der Autor warnt andererseits über Probleme mit der freien Religionsübung, hauptsächlich aufgrund des Mangels an Geistlichen, und über die Gefahren der Privatkontakte mit Pflanzern, die Parcerieverträge. Er vertieft sich in diese Gefahren in *Wohlgemeinte Warnung für Auswanderer*. Dieser Artikel enthält auch einen kurzen Bericht über den Übersetzungsprozess, *highlights* der schwierigsten Passagen und Analysen einiger Übersetzungsentscheidungen.

Schlüsselwörter: Deutsche Auswanderung; deutsche Kolonie; Parcerieverträge; Brasilien; 19. Jahrhundert.

¹ Bacharelada em Letras (Tradução Português-Alemão) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: elisahaizler@gmail.com.

² Professor associado de Língua e Literatura Alemã no Setor de Alemão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do Instituto Histórico de São Leopoldo (IHSL). Pesquisador Fundador do Centro de Estudos Europeus e Alemães (CDEA). Bolsista de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: gerson.neumann@gmail.com. ORCID ID: 0000-0001-5809-6998.

Introdução

Die Gartenlaube: Illustriertes Familienblatt foi precursora das revistas modernas e a primeira revista alemã de circulação em massa. Se apresentava como uma revista a todos os públicos, dos jovens aos idosos, para se ler em casa ou com amigos, e abordava os mais diversos tópicos, como científicos, sociais, culturais, literários etc. (Keil, 1853). Friedrich Gerstäcker foi um de seus autores recorrentes. Nascido em 1816, em Hamburgo, foi um escritor conhecido por seus relatos de viagens e aventuras. Viajou a quase todos os continentes do mundo e esteve na América do Sul entre 1849 e 1852, e novamente de 1860 a 1861, quando passou 18 meses visitando colônias alemãs, principalmente no Brasil, com intenção de registrar a vida dos imigrantes e incentivar a imigração. Ele é reconhecido por apresentar uma imagem real do que experienciava, sem exceder os elogios ou se basear em críticas infundadas. Em vida, publicou por volta de 70 livros e 400 contos e relatos de viagem (Miller, 2023). Este artigo apresenta a tradução de dois de seus relatos, publicados em 1862, respectivamente nos números 29 e 30 da *Gartenlaube: Deutsche Colonisation in Brasilien* (“Colonização alemã no Brasil”), em que elabora suas opiniões sobre a vida do colono alemão no Brasil, os auxílios oferecidos a estes imigrantes e os cuidados a se ter no processo imigratório, e *Wohlgemeinte Warnung für Auswanderer* (“Bem-intencionados avisos aos emigrantes”), em que se aprofunda sobre os riscos deste processo, descrevendo os Contratos de Parcerias e as técnicas usadas por agentes de emigração para enganar os emigrantes.

Colonização alemã no Brasil

Nos últimos anos, tudo que diz respeito ao Brasil é completamente nebuloso ao público leitor alemão, sendo que apenas alguns conseguem ter uma imagem real do país. Eu mesmo, inclusive, possuía um grande preconceito *contra* as terras brasileiras; não tanto pelas reportagens que descreviam o Brasil como um inferno, mas por aqueles, auxiliados de seus pequenos “Livretos de emigração” e “Bem-intencionados conselhos ao emigrante” etc., que pintavam o país de forma esplendorosa e exaltavam sua glória.

Na minha opinião, formada desde que conheci o país – em parte por experiência própria, em parte através daqueles que lá residem por muitos anos, de quem ouvi muito e detalhadamente –, tenho a firme convicção de que no Brasil, apesar de sua condição muitas vezes repreensível e perigosa, em geral os emigrantes alemães recebem grandes vantagens, e se eu mesmo quisesse me tornar um emigrante e trabalhar com agricultura, *certamente* visaria minha imigração para a América do Sul, sobretudo para o Sul do Brasil.

O Brasil é, inclusive, um conceito muito vago e vasto, pois enquanto o Norte dessa imensa terra é ocupado por pântanos pestilentos, vegetação estritamente tropical e calor escaldante, onde o alemão ainda *não* pode se estabelecer como um trabalhador livre entre Senhores de Terra e donos de escravos, o Sul, por outro lado, oferece um magnífico clima ameno, um solo rico e uma densa comunidade de compatriotas alemães, que, com poucas exceções, se encontram todos bem.

Existem, contudo, alguns que derramam seu veneno nesta parte do Império e contam as mais terríveis histórias. Certamente agem assim por seus motivos próprios e pessoais, e reclamam pois não têm o que fazer. É o mesmo na América do Norte, onde os alemães cultos que não trouxeram riquezas e não querem ou não podem realizar trabalho braçal, também jogam aos quatro ventos sua nobríssima indignação e extravasam sua raiva contra um país que não quer sustentá-los *sem* trabalho. O trabalhador dedicado, tanto na América do Norte quanto no Brasil, não escreve nada; lavra seu campo, cultiva suas terras, torna-se rico ou ao menos abastado, enquanto vê sua família crescendo em boas condições. É sua simpática plantação ou seu pedaço de terra estabelecido, sua pacata e despreocupada situação, a melhor imagem para um livro sobre a imigração ao Brasil.

Este trabalhador não escreve nada, porém *conta* como, no início, foi enganado pelos agentes de emigração, como lhe mandaram para todos os cantos, e o quão pesado, quão terrivelmente pesado, teve de trabalhar por anos, apenas para conseguir o primeiro terreno como sua propriedade atual – mas ele trabalhou, e recebeu os frutos.

Em certa ocasião, mostrei a um desses trabalhadores um artigo escrito em Berlim, o qual, em uma descrição do país, afirmava que piche e enxofre ferventes deveriam oferecer mais conforto do que uma estadia no Brasil. O homem riu, jogando o jornal embaixo da mesa e disse: “Ele certamente sabe do que reclama!”.

Entretanto, o Brasil possui muitos aspectos negativos, ainda que no Sul do país eles não estejam nas terras ou no clima, mas em outros motivos. A principal e mais bem embasada crítica ao Brasil é a falha do governo, ou principalmente da classe latifundiária, em não cumprir promessas de liberdade religiosa; e por “liberdade religiosa” entende-se uma religião ser praticada livremente, com permissão de realizar seus cultos e, especialmente, o reconhecimento destes perante a lei. A classe latifundiária brasileira, porém, é composta quase exclusivamente por Barões do Café e padres católicos, estes últimos tomados pelo medo de que qualquer direito concedido aos protestantes ameace o chão sob seus pés.

Foi criada, recentemente, uma lei que regulariza e reconhece os casamentos protestantes, porém, na prática, isso não se sustenta e ainda dá origem a diversos conflitos e processos.

Estranhamente, os alemães da colônia levam essa situação com tranquilidade, pois nosso bom agricultor não está acostumado a refletir sobre leis que o afetam. Se leis são criadas, devem ser seguidas, e se interferem em sua vida e seu trabalho, então ele reclama – mas não faz nada. É um súdito excelente.

Os católicos, por sua vez, não são afetados por essa lei, pois todas suas circunstâncias estão bem resolvidas, e os protestantes deixam tudo seguir a velha ineficiência, até serem surpreendidos por alguma situação chocante que os tire dessa tranquilidade.

Em todas as colônias, ainda é extremamente difícil conseguir um bom líder religioso e, mais ainda, um professor, pois o povo já sabe tudo o que precisa para se estabelecer bem com a agricultura, sem desperdiçar a vida com desgosto e angústia – então, quem gostaria de ser professor? A consequência disso é que, em geral, os únicos a se candidatarem são jovens que, com seu certo grau de escolaridade, não fazem trabalho pesado e não gostam de sujar as mãos, mas como precisam se sustentar, são forçados a aceitar esses cargos por curto tempo. Porém, assim que encontram um emprego que mais lhes agrada, desistem do tedioso trabalho escolar, e as crianças continuamente trocam de professores, que, ademais, são muito medíocres.

Uma situação semelhante ocorre com os líderes religiosos; apesar de que o próprio governo desejava instituir líderes religiosos protestantes em diversas colônias,

não conseguiu encontrá-los nas mesmas e, até onde sei, requisitou estes líderes da própria Alemanha.

De forma geral, se quiserem ser justos, ninguém pode afirmar que o governo brasileiro não fez tudo que estava em seu poder para promover e oferecer o melhor às colônias do Brasil. O governo, acima de tudo, não poupou despesas e ofereceu a todos os imigrantes os chamados fundos de subsídio, ou auxílios, até que cultivassem sua própria terra – e muitos, com pouquíssimas exceções, não devolveram este dinheiro, ainda que já tivessem condições de fazê-lo.

A terra foi concedida gratuitamente a quase todos, e quando nem tudo foi bom como deveria ao imigrante, há de ter sido unicamente falha dos funcionários públicos predatórios de segundo escalão, que atacam como abutres todos os auxílios financeiros concedidos por qualquer governo sul-americano para quaisquer finalidades.

Quando os próprios alemães tiveram de lidar com o governo, não encontraram nenhum ou apenas poucos motivos para reclamar; mas na infelicidade de se envolverem com os Senhores de Terra brasileiros, quando, apesar de todos os avisos e advertências, fechavam um contrato privado (os chamados “Contratos de Parceria”) com estes Senhores de Terra e Barões do Café, neste caso quase sempre saíam prejudicados, e centenas de nossos compatriotas com suas famílias ainda estão pagando por sua estupidez em situações análogas à escravidão.

Esses Contratos de Parceria soavam tentadores e, com os elogios dos jornais e agentes de emigração alemães, que sem escrúpulos jogavam seus compatriotas aos leões, os Senhores de Terra brasileiros conseguiram enlaçar um grande número de alemães. Não lhes ajudava em nada gritar após estarem atados, pois aqueles que assinam um contrato privado podem reclamar de terem sido enganados, mas não conseguem cancelá-lo por conta própria ou requisitar esse cancelamento ao governo, à exceção, é claro, de fraude comprovada.

Portanto, todo aviso é pouco para que nossos compatriotas alemães nunca firmem, sob *quaisquer* circunstâncias, por mais tentadoras que as perspectivas possam parecer, um contrato estrangeiro, ou seja, aquele que os prenda a uma força estrangeira do outro lado do mundo. Eles não podem julgar daqui as condições que terão lá. Não sabem como tal contrato pode ser alterado e distorcido em seu detrimento e, acima de tudo, precisam considerar que, se forem enganados, estarão completamente desamparados como cidadãos *alemães* em um país estrangeiro. Os cônsules alemães de todo o mundo, por maiores e mais coloridas que sejam suas bandeiras e tão lindamente pintados sejam os letreiros em suas casas e acima de suas

portas, não lhes servem de *nada*, pois o máximo que podem fazer é protestar, e o governo desses países certamente não se importa com essas reclamações.

Ainda assim, quem como homem livre deseja imigrar ao Sul do Brasil e, sendo protestante, não se incomoda com o favorecimento da religião católica – ou quem, quando casar por lá, talvez em um casamento misto, redija um contrato civil quanto aos direitos de herança dos seus filhos –, pode levar consigo a convicção de que irá para uma terra fértil e saudável, que pode esperar o auxílio razoável do governo e encontrará uma grande comunidade de compatriotas, que, por meio de dedicação e perseverança, já se adaptaram plenamente.

Que pela vontade de Deus, porém, ninguém pense que conseguirá cultivar seu campo com “*pouquíssima dificuldade*” apenas graças à enorme fertilidade da terra. A terra pode ser fértil, mas desse solo exuberante também se aproveitam as ervas daninhas, e livrar-se da selva brasileira não será tarefa fácil. Não, quem desejar ir para lá precisa trabalhar, trabalhar duro, e, acima de tudo, não pode acreditar ser indispensável ou que sua mão de obra é urgentemente necessária. Um homem pobre estará só, tanto no mundo quanto na Alemanha, mas tem no Brasil a enorme vantagem de que, se realmente *quiser* trabalhar, receberá um terreno para o seu ofício e, com o tempo, pode estabelecer seu próprio lar.

O Sul do Brasil é, portanto, em *minha* opinião, uma excelente região para imigração alemã e, especialmente nos dias de hoje, nos quais não é recomendado a nenhum alemão imigrar para os Estados Unidos da América, penso ser altamente aconselhável direcionar o fluxo de imigração alemã para as diversas regiões da América do Sul. Não é preciso dizer que nem todos podem ir ao Brasil, pois nem todos os emigrantes buscam os mesmos objetivos, têm os mesmos interesses. O agricultor pode preferir as Regiões Sul do Brasil ou o Chile; o pecuarista, o Uruguai e as Províncias do Prata; o especulador, o Peru ou Buenos Aires, assim como demais cidades portuárias, tal qual o Equador, que, hoje em dia, avança para um futuro promissor. Quem deseja trabalhar no cultivo tropical e tem os meios para agir de forma independente, quem deseja plantar cacau, café, baunilha etc. e passear sob as palmeiras, gostará mais de ir para o Norte do Brasil ou, melhor ainda, para o Equador, onde terá terras férteis ao seu alcance e pode estabelecer por conta própria sua nova pátria nessa terra tropical livre de doenças.

Além desta visão geral das condições do Brasil, gostaria também de compartilhar com o leitor algumas palavras sobre pormenores que lhe podem ser úteis se tiver vontade de imigrar para lá. O governo brasileiro favorece a imigração alemã,

mas, na tentativa de atrair estes imigrantes, cometeu o erro de oferecer recompensas para os agentes, uma medida que não demorou a trazer péssimas consequências. Estes senhores certamente só se interessavam em enviar o maior número possível de pessoas, e não havia diferença se eram velhos, fracos ou doentes, qualquer tipo de gente servia. Agora, porém, o Brasil demonstra intenção de abandonar essa medida. O imigrante não recebe mais passagem livre para trabalhar, mas, se ir por livre vontade e declarar sua intenção de permanecer em solo brasileiro, o governo o presenteia com a chamada Colônia, isto é, um recorte de terra selvagem, que antes consistia em 160.000 braças quadradas, enquanto agora são usualmente apenas 100.000. O colono, em geral, recebe uma frente de 100 braças de largura na selva. Uma braça brasileira, contudo, é maior que uma braça alemã (Klafter) e até mesmo que uma braça inglesa (Fathom), tendo cerca de 7 pés e 2 polegadas.³ 100.000 braças quadradas são, portanto, um ótimo pedaço de campo, e mais que o suficiente para uma família de imigrantes dar seus primeiros passos e se fixar em sua nova pátria.

Aqui, sobretudo, se produz a *mandioca brava* (*Manihot utilissima*, também conhecida como yuca ou cassava) e sua farinha, ao lado de um feijão preto delicado e nutritivo, constitui a base de alimentação dos brasileiros. A farinha de mandioca, como bem se sabe, é feita das raízes, que nascem de 3 a 8 por planta, com 1 a 2 pés de comprimento e cerca de 3 polegadas de diâmetro.⁴ Essas raízes precisam ser raladas, gerando uma polpa, que é prensada e lavada com água diversas vezes para eliminar a seiva tóxica e pungente, e por fim deixada para secar. Além da mandioca, se cultiva principalmente milho e batatas, além de trigo nas províncias do Sul e café nas do Norte. No Norte também prospera a cana-de-açúcar, que não se adapta entre as colônias do Rio Grande, pois eventualmente é destruída pela geada. Acima de tudo, não se pode pensar que a Província do Rio Grande se trata de uma província muito tropical, ainda que uma pequena espécie de palmeira cresça por toda a parte. Encontrei estas mesmas palmeiras até mesmo no Uruguai, onde o solo estava coberto de geada e poças de gelo com um dedo de espessura.

O novo colono precisa especialmente se atentar para que não seja enviado a regiões muito distantes, para ajudar a fundar uma nova colônia, que não ofereçam rios navegáveis ou outras rotas de fácil acesso. Nos primeiros anos, ele tem pouco tempo para pensar em construir estradas, já que precisa deixar sua terra pronta para o cultivo. Portanto, o melhor é que procure se fixar nas redondezas de algum rio que

³ N.T.: 2,2 metros.

⁴ N.T.: 30 a 60 centímetros de comprimento e cerca de 8 centímetros de diâmetro.

possa atravessar de barco ou de alguma estrada transitável. Ele já terá dificuldades o suficiente para levar seus produtos ao mercado na época de chuvas.

A propósito, o governo brasileiro ainda disponibiliza aos novos colonos os chamados fundos de subsídio sem quaisquer juros, mas com a condição, é claro, de que após alguns anos (usualmente cinco) o valor seja reembolsado. O colono pode também receber alimentos e ferramentas agrícolas para dar início ao trabalho, e acredito que de fato nenhum outro país no mundo (desconsiderando, é claro, o seu próprio) favoreça o colono alemão como o Brasil.

É evidente que há também pessoas no Brasil que tentam e conseguem enganá-lo, pois o imigrante alemão é como uma criança – inocente e sem prática. E onde isso não acontece? Ele deve, portanto, manter os olhos abertos e ter um pouco de cuidado. Em todo o caso, com tempo e experiência ele se tornará sábio e certamente aprenderá mais em um ano no estrangeiro do que em dez em casa.

E novamente surge de Berlim um artigo, baseado em fontes ultrapassadas, difamando o Brasil. Ele faz referência a dois documentos: um deles sobre um protesto de 40 alemães que não desejam entrar na Guarda Nacional, o outro sobre a recusa do Alto Conselho da igreja de enviar líderes religiosos ao Brasil. A Lei quanto à Guarda Nacional no Brasil é a seguinte: *nenhum* alemão precisa entrar na Guarda Nacional se não se naturalizar e, assim, se tornar um cidadão brasileiro. Ele, como tal, evidentemente deve cumprir todos os deveres de um cidadão brasileiro. Porém, ninguém é obrigado a se naturalizar, pois conversei com diversos colonos velhos que vivem há mais de 30 anos no Brasil e nunca se naturalizaram. Seus *filhos*, por outro lado, muitos dos quais já formaram suas próprias famílias, evidentemente são considerados brasileiros e não podem fugir do serviço da Guarda Nacional.

No que diz respeito ao outro documento, ele não confirma nada além da ignorância do Alto Conselho da igreja berlinense quanto à situação brasileira. Os alemães no Brasil constantemente importunaram o governo local e pediram líderes religiosos protestantes que fossem empregados pelo próprio governo. O governo aderiu ao pedido e exigiu que se indicasse apenas pessoas qualificadas – mas não havia nenhuma, e não raramente as cerimônias religiosas eram conduzidas por indivíduos sem essa qualificação. No fim, o governo ficou sem outras alternativas além de escrever ao Alto Consistório de Berlim ou de outras cidades, pedindo líderes religiosos protestantes capacitados. Hoje, isso continua sem resolução e, já que o Alto Conselho se recusa a enviar alguns destes líderes, o Brasil novamente cometeu absurdos.

É mais do que correto expor as falhas de um país, ainda mais quando se trata da imigração e a felicidade ou o infortúnio de milhares dependem disso. Mas é deveras trágico insultar incessantemente, como fez aquele senhor berlinense, apenas por sua vaidade ferida ou outras razões pessoais, um país onde milhares de nossos compatriotas encontraram – e ainda encontram – uma pátria afortunada. Ele deveria apenas ouvir como os próprios alemães do Brasil o julgam.

No que diz respeito aos Contratos de Parceria, remeto meu outro artigo nesta revista: “Bem-intencionados conselhos aos emigrantes”.⁵

⁵ N.T.: Depois publicado como “Bem-intencionados avisos aos emigrantes”.

Bem-intencionados avisos aos emigrantes

É impressionante como ninguém no mundo é menos propenso a aceitar um conselho do que aqueles que mais necessitam: os emigrantes. Uma vez que se determinam com seu plano de emigração, motivados em parte por suas próprias condições, em parte por livros tentadores, repentinamente sabem tão bem de tudo o que se precisa saber sobre o país estrangeiro que essas concepções adquiridas não podem ser deixadas de lado, e apenas acreditam em uma vida futura pintada de forma *ainda mais* esplendorosa do que antes imaginavam.

Não se pode negar que nosso agricultor alemão possui uma boa quantidade de bom-senso, especialmente quando se trata de seus próprios interesses e de permanecer no caminho que conhece desde jovem: a terra e o campo. Porém, assim que é empurrado para fora desses limites estreitos, assim que deixa seu vilarejo a poucas milhas de distância e, no seu atual papel de passageiro, se encontra sem conexões com sua vida anterior, ele se sente tão confortável quanto um peixe na areia ou um gato na água. Então, cai com enorme facilidade nas mãos daqueles que já possuem uma extraordinária experiência em tais negócios, que sabem que ele será o candidato perfeito para seus objetivos, desde que o apertem e pressionem até usurpar o último centavo: são esses os agentes de emigração.

Não pretendo, aqui, dar ao emigrante nenhum conselho definitivo quanto a onde deva ir; nada definitivo pode ser tido como verdadeiro e incontestável, pois a escolha de seu destino frequentemente só pode ser apontada pelo próprio caráter do emigrante. Não, o emigrante irá para onde tiver vontade, mas lhe peço apenas uma coisa: *pelo seu próprio bem*, tome cuidado especial com *aqueles* que apenas se importam com o ato migratório em si, ainda que o assegurem diversas e diversas vezes que este não é o caso:

Os agentes de emigração!

As pessoas, contudo, irão dizer: “*um, dois ou até cinco táleres que eu receba por cabeça não me farão rico; por que eu deveria persuadir alguém?*”

Isso é verdade, *um* indivíduo não lhes beneficia muito; mas por esse motivo precisam reunir uma multidão de pessoas, e uma multidão é o que caçam.

Eles se comprometem com os armadores (proprietários de embarcações) a lotar um navio de passageiros até determinada data, e cada emigrante que chega ao seu alcance nesse meio tempo é, quando possível, direcionado para o mesmo lugar. Se mais tarde ele ficará em boas ou más condições, é completamente indiferente para o agente.

A maioria desses senhores – desejo acreditar – pelo menos opera de forma honesta; primeiro convencem o emigrante de ir para onde querem que ele vá, e só depois o encaminham para lá. Mas o contrário também acontece com frequência. No Brasil, conversei com diversas pessoas que fizeram acordos verbais para ir ao Rio Grande, todavia foram transportadas apenas até o Rio de Janeiro e agora se encontram desamparadas, sem meios de chegar ao destino onde vivem seus amigos e familiares. Também não podiam tomar medidas judiciais, pois em seus contratos de viagem, que me mostraram, constava o Rio de Janeiro; e ainda assim eram da firme crença de que deveriam ter sido transportadas para a província muito mais ao Sul. A situação foi a seguinte:

Quando notaram “Rio de Janeiro” no contrato, o agente havia dito: “Isso não significa nada. Toda embarcação com destino ao Brasil *precisa* primeiro parar no Rio. Depois há apenas um percurso curtíssimo até o Rio Grande e você será transportado com todas as suas bagagens. Por Deus, só ficarão satisfeitos quando o deixarem lá, pois há falta de bons trabalhadores alemães. Vão fazer pressão de todos os lados e os querer aqui e lá. Só não aceitem a primeira boa oferta, para não se colocarem no centro das atenções”.

O motivo era óbvio. Esses senhores haviam contratado um navio para o Rio e precisavam que os pobres coitados com destino ao Rio Grande agora fizessem a viagem ao Rio Grande. Lá, eram abandonados e se viam repentinamente em uma terra estrangeira, sem dinheiro, sem amigos, sem ninguém que lhes quisesse oferecer trabalho, entregues à completa miséria.

A todos que desejam deixar a pátria, portanto, confiram atentamente, quando receberem um contrato de um agente de emigração, se o porto correto que desejam desembarcar está registrado, e não se deem por satisfeitos com mentiras e desculpas dos agentes sobre fazer escala em outros portos.

Pode ser que lhes mostrem um pequeno mapa onde estes dois lugares pareçam estar lado a lado. Na realidade, porém, estão muito distantes um do outro e, mesmo que fosse apenas um dia de viagem, teriam uma enorme quantidade de custos e talvez não encontrassem por semanas uma oportunidade de seguir viagem até seu destino.

Um outro ponto importante: se fez um acordo e recebeu o contrato pronto, antes de assiná-lo, procure alguém em quem possa confiar, informe o que havia sido acordado e pergunte se *está tudo registrado no contrato*. Existem pequenas entrelinhas pelas quais o pobre emigrante não raramente é enganado, e que, com seu total

desconhecimento das condições no além-mar, não consegue enxergar ainda que leia o contrato dez vezes.

Acima de tudo, sob nenhuma circunstância, assine um contrato que, independentemente do que lhe seja prometido, ate suas mãos e detenha sua livre movimentação no novo país. O alemão aqui na pátria não consegue imaginar como, lá fora, estes papéis podem ser interpretados para sua desvantagem quando caem nas mãos de pessoas sem escrúpulos, e nenhum governo do mundo pode protegê-lo das consequências de algo que ele mesmo assinou.

Citarei apenas um exemplo dos famigerados Contratos de Parceria brasileiros, no qual, entre outros parágrafos, consta: “Ao trabalhador (que através deste contrato se compromete com o cafeicultor) é atribuído pelo proprietário um pedaço de terra para seu livre cultivo”.

Evidentemente nossos compatriotas entendiam que isto significava sua *própria* terra, e os agentes de emigração lhes confirmavam com gosto. O cafeicultor, porém, não entendia o mesmo. Ele deu aos pobres coitados um pedaço de terra para cultivar, mas tomado pela mata selvagem, que primeiro precisavam tornar apta, com muito trabalho pesado, e só então cultivavam ali por um ou dois anos. Depois, o cafeicultor lhes tirava o pedaço de terra para “atribuir” outro tomado pela mata, e assim os obrigava a trabalhar até mesmo em seu tempo livre, tornando valioso seu terreno antes inutilizável.

A lei não poderia puni-lo, pois cumpriu seu contrato à risca.

O emigrante, sob nenhuma circunstância, deve assinar algo que não compreenda em totalidade, em especial nada apresentado em língua estrangeira, pois assim que firma seu nome, declara estar de acordo com tudo que o documento contém.

Agentes de emigração sem escrúpulos utilizam ainda outros meios para fazer assinar o contrato que mais lhes agrada: segurar a assinatura até o último momento. Assim, o emigrante é pressionado a embarcar, mas ainda há assuntos pendentes no contrato, então lhe mostram um papel e dizem de forma crédula: “Olhe, apenas escreva seu nome e cuidarei do resto”. Sob estas circunstâncias, o emigrante deve se recusar veementemente a assinar, pois nunca se sabe quais as consequências que isto pode lhe causar.

Uma vez tendo seu contrato cuidadosamente examinado e - estando de acordo com tudo – assinado, pegue o seu exemplar e o guarde com segurança, nunca deixe-o sair de suas mãos. Vem ocorrendo com frequência, especialmente entre agentes da Antuérpia, que algum sujeito, talvez por querer se desfazer de um parágrafo que lhe

fosse mais desagradável, enviar um de seus funcionários a bordo para recolher todos os contratos dos emigrantes.

“Precisam entregá-lo agora”, disse o senhor para as pessoas perplexas, “e quando chegarem à América lhes será devolvido”.

É uma vilania das mais simples, pois o emigrante, nessa situação, *nunca* mais verá seu contrato e, para seu detrimento, foi enganado pelo agente. Se *tiver* um contrato, deve conservá-lo, pois se o agente precisar mostrá-lo em qualquer lugar, o emigrante poderá mostrar seu próprio exemplar. Porém, em todas as circunstâncias, o emigrante deve manter seu contrato consigo.

Se o alemão emigrar, se adentrar em um país estrangeiro, então deve, acima de tudo, abandonar suas esperanças exageradas e estar preparado para trabalhar duro nos primeiros anos, talvez sem receber tanto quanto receberia na Alemanha, pois há um preço a se pagar pelo aprendizado; ele pode começar com o que desejar, e este preço é o primeiro período difícil na terra estrangeira.

Ele deve, se Deus permitir, se manter um trabalhador livre e independente e, se for trabalhar em algum lugar, nunca se prender a um contrato de muitos anos. Mesmo que em um primeiro momento passe pela pobreza, ele conhecerá a terra, o povo e o trabalho, e através dessas experiências estabelecerá seu próprio lar.

Sobre o processo tradutório

Não há tradução que não tenha seus desafios, ainda mais a de obras afastadas de nós por quase dois séculos. O estilo do autor, com suas frases longas e apreciação pelo uso de vírgulas, também demandou atenção redobrada. Uma questão interessante, marcada pelo uso da escrita gótica da época, foi a grafia de certas palavras com um espaçamento entre as letras. Seria este espaçamento o equivalente gótico do atual itálico, usado para ênfase? Neste caso, consideramos que sim.

Meiner *j e t z i g e n* Meinung nach [...], bin ich der festen Überzeugung, dass Brasilien in seinen Verhältnissen wohl manches Tadelnswerte und Gefährliche hat, im Ganzen aber dem deutschen Auswanderer auch große und gewichtige Vorteile bietet, und wenn ich selber auswandern und Ackerbau treiben wollte, so würde ich mir zum Ziel meiner Auswanderung jedenfalls Südamerika, aller Wahrscheinlichkeit nach das südliche Brasilien wählen (Gerstäcker, 1862a, p. 454, grifo do original).

Na minha *a t u a l* opinião [...], tenho a firme convicção de que no Brasil, apesar de sua condição muitas vezes repreensível e perigosa, em geral os emigrantes alemães recebem grandes vantagens, e se eu mesmo quisesse me tornar um emigrante e trabalhar com agricultura, *certamente* visaria minha imigração para a América do Sul, sobretudo para o Sul do Brasil (grifo do original).

É possível perceber pela entonação do autor, assim como a forma que apresenta suas opiniões, de que existe a tentativa de dar ênfase a certos termos. Assim, foi feito o uso do itálico para manter o registro desta entonação, sem prejudicar o ritmo da leitura do atual leitor brasileiro.

Um texto antigo também demanda a pesquisa de termos já estabelecidos historicamente, como os relacionados à imigração, governo e leis da época. Foi preciso confirmar o uso comum de “Contratos de Parceria” para “*Parcerieverträge*”, e considerar as escolhas tradutórias para “*Kaffeejunkern*” e “*Pflanzern*”, que em seus contextos não se tratam apenas de cultivadores ou donos de plantação, mas dos estabelecidos “Barões do Café” e “Senhores de Terra”.

Wo die Deutschen deshalb selber mit der Regierung zu tun hatten, fanden sie auch selten oder nie Ursache zur Klage, aber wehe ihnen, wenn sie sich mit den brasilianischen **Pflanzern** einließen, wenn sie trotz aller Abmahnungen und Warnungen Privatkontrakte mit den **Kaffeejunkern** und **Pflanzern** (sogenannte **Parcerieverträge**) schlossen, denn in dem Fall waren sie fast immer verloren, und viele Hundert unserer Landsleute büßen noch jetzt in fast mehr als halber Sklaverei mit ihren Familien die frühere Dummheit (Gerstäcker, 1862a, p. 455, grifo nosso).

Quando os próprios alemães tiveram de lidar com o governo, não encontraram nenhum ou apenas poucos motivos para reclamar; mas na infelicidade de se envolverem com os **Senhores de Terra** brasileiros, quando, apesar de todos os avisos e advertências, fechavam um contrato privado (os chamados “**Contratos de Parceria**”) com estes **Senhores de Terra e Barões do Café**, neste caso quase sempre saíam prejudicados, e centenas de nossos compatriotas com suas famílias ainda estão pagando por sua estupidez em situações análogas à escravidão (grifo nosso).

Por outro lado, no registro em documentos formais, como o excerto de um contrato apresentado pelo autor, foi preferido o termo “cafeicultor” a “Barão do Café”, não apenas pela formalidade do documento, mas também pela mudança de termo do próprio alemão, que não registrou “Kaffeejunkern”, mas “Kaffeepflanzern”.

Der Arbeiter (der sich eben durch den Kontrakt den **Kaffeepflanzern** verpflichtete) bekommt von dem Eigentümer ein Stück Land zu seiner freien Bearbeitung angewiesen (Gerstäcker, 1862b, p. 480, grifo nosso).

Ao trabalhador (que através deste contrato se compromete com o **cafeicultor**) é atribuído pelo proprietário um pedaço de terra para seu livre cultivo (grifo nosso).

A descrição da produção de farinha de mandioca foi outro ponto que demandou pesquisa. O autor descreve o processo de produção da farinha como feito na época, e aprender sobre este processo foi essencial para uma tradução adequada e verossímil, em especial pela certa ambiguidade (no contexto) da palavra “Zerreißen” que, no fim, foi traduzida como “ralar”. Este trecho, também, recebeu algumas reestruturações e adições, em geral evitadas ao longo da tradução no intuito de se manter o mais próximo possível a voz do autor, mas que aqui se fizeram necessárias pela boa compreensão deste processo.

Das Maniokmehl wird bekanntlich aus den Wurzeln [...], dadurch bereitet, dass man die Wurzeln durch Zerreißen, Auspressen, mehrmaliges Waschen mit Wasser von einem scharfen und giftigen Milchsaft befreit, der in ihnen enthalten ist, worauf man den ausgepressten Satz trocknet (Gerstäcker, 1862a, p. 456).

A farinha de mandioca, como bem se sabe, é feita das raízes [...]. Essas raízes precisam ser raladas, gerando uma polpa, que é prensada e lavada com água diversas vezes para eliminar a seiva tóxica e pungente, e por fim deixada para secar.

Por fim, cabe mencionar o uso das notas de tradução, que foram empregadas em dois casos. Primeiro, pela decisão de se manter as unidades de medida tais como

foram registradas pelo autor. Foi considerado que o texto, além das informações nele explícitas, também traz informações implícitas; neste caso, a das medidas utilizadas na Alemanha da época, antes da lei de padronização ao metro. Ainda assim, para clareza do público leitor brasileiro, a equivalência destas medidas em nosso sistema usual foi adicionada nas notas de tradução.

[...] deren jeder Strauch 3–8 von **1–2 Fuß Länge** und **3 Zoll** Durchmesser hat (Gerstäcker, 1862a, p. 456, grifo nosso).

[...] de 3 a 8 por planta, com **1 a 2 pés de comprimento** e cerca de **3 polegadas** de diâmetro (grifo nosso).

Ein brasilianischer Brazo (Armspanne) oder Klafter ist aber größer als eine deutsche Klafter oder selbst ein englischer Fathom und wird etwa **7 Fuß 2 Zoll** rheinisch betragen (Gerstäcker, 1862a, p. 456, grifo nosso).

Uma braça brasileira, contudo, é maior que uma braça alemã (Klafter) e até mesmo que uma braça inglesa (Fathom), tendo cerca de **7 pés e 2 polegadas** (grifo nosso).

No segundo caso, estão possíveis erros ou alterações feitas pelo autor que, apesar de causarem certa ambiguidade, se optou por replicá-las na tradução. O maior exemplo sendo um dos títulos: *Wohlgemeinte Warnung für Auswanderer* (*Bem-intencionados avisos aos emigrantes*), que, ao ser referenciado no artigo anterior, possui certa diferença:

Was die Parcerieverträge betrifft, so verweise ich darüber auf meinen anderen Artikel in diesem Blatte: „Wohlgemeinter **Rath** für Auswanderer“ (Gerstäcker, 1862a, p. 456, grifo nosso).

No que diz respeito aos Contratos de Parceria, remeto meu outro artigo nesta revista: “Bem-intencionados **conselhos** aos emigrantes” (grifo nosso).

Em suma, por se tratar de um texto acima de tudo informativo, houve a liberdade de, em certos momentos, priorizar a clareza da informação e a recepção do leitor brasileiro. Ainda assim, esta é uma tradução que buscou se manter o mais próximo possível das escolhas e estilo do autor, preservando não apenas sua voz, mas as marcas e registros da época.

Referências

GERSTÄCKER, Friedrich. Deutsche Colonisation in Brasilien. **Die Gartenlaube**: illustriertes Familienblatt, Leipzig, n. 29, p. 454-456, 1862a. Disponível em: https://de.wikisource.org/wiki/Deutsche_Colonisation_in_Brasilien. Acesso em: 29 nov. 2025.

GERSTÄCKER, Friedrich. Wohlgemeinte Warnung für Auswanderer. **Die Gartenlaube**: illustriertes Familienblatt, Leipzig, n. 30, p. 479-480, 1862b. Disponível em: https://de.wikisource.org/wiki/Wohlgemeinte_Warnung_f%C3%BCr_Auswanderer. Acesso em: 29 nov. 2025.

KEIL, Ernst. An unsere Freunde und Leser! **Die Gartenlaube**: illustriertes Familienblatt, Leipzig, n. 1, p. 1, 1853.

MILLER, James W. Friedrich Wilhelm Christian Gerstäcker (1816–1872). **Encyclopedia of Arkansas**, Arkansas, 15 dez. 2023. Disponível em: <https://encyclopediaofarkansas.net/entries/friedrich-wilhelm-christian-gerst%C3%A4cker-1656/>. Acesso em: 29 nov. 2025.

Traduzindo memórias afetivas: as delícias da *Oma* e da *Tante*

Erica Sofia Luisa Foerthmann Schultz¹

Graziela Martins da Silva²

Guilherme Torres da Trindade³

Maria Aparecida Machado de Deus⁴

Tiago Serafini Farias⁵

Resumo: O presente artigo relata a experiência de traduzir para o português receitas culinárias manuscritas em língua alemã, realizada no âmbito da disciplina Tradução do Alemão II do Bacharelado em Letras-Alemão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no primeiro semestre de 2025. As receitas, provenientes do acervo familiar de Simone Schultz, escritas pela *Oma* Maria Krapf e pela *Tante* Zilca Ewald, constituem registros de práticas alimentares transmitidas entre gerações no contexto da imigração europeia em Blumenau (SC) e outras cidades brasileiras. Esses documentos, muitas vezes preservados em cadernos escritos à mão, apresentam não só instruções de preparo, como refletem memórias de um cotidiano doméstico que se perpetua pelos familiares. O trabalho destacou-se por unir à prática tradutória a dimensão da memória afetiva, já que a tradução foi acompanhada de uma entrevista que esclareceu a origem dos pratos, a trajetória de suas compiladoras e os hábitos alimentares da família, principalmente em momentos festivos e de conagração. Dessa forma, cada receita deixou de ser vista como um simples texto técnico e passou a ser compreendida como um fragmento da história da cultura gastronômica, abordagem que permite reconhecer o papel da comida como elemento identitário. Assim, além de um exercício linguístico e pedagógico, a atividade revelou-se como uma oportunidade de refletir sobre a tradução de gêneros técnicos, como as receitas, em sua especificidade textual (Teixeira, 2009), e como parte de uma história cultural (Wurm, 2007; Wierlacher, 2023). Da mesma forma, aliou-se à prática de tradução o estudo de textos teóricos sobre o tema culinária e o gênero textual “receita”. Ao considerar a dimensão da comida como patrimônio imaterial e da tradução como mediação entre memória, língua e cultura, o artigo evidencia a relevância da tradução de receitas culinárias, não apenas como prática didática, mas também como forma de preservação e circulação de saberes gastronômicos no Brasil.

Palavras-chave: tradução de receitas; tradução de textos manuscritos; memória afetiva; culinária.

¹ Professora adjunta do Setor de Alemão na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: ericasofia02@gmail.com.

² Bacharelanda em Letras (Tradução Português-Alemão) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: graziela.martins@ufrgs.br.

³ Bacharelando em Letras (Tradução Português-Alemão) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: guilhermegdat@gmail.com.

⁴ Bacharelanda em Letras (Tradução Português-Alemão) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: maria.mchdod@gmail.com.

⁵ Bacharelando em Letras (Tradução Português-Alemão) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: tiago.serafini@ufrgs.br.

Zusammenfassung: Der vorliegende Artikel berichtet über die Erfahrung mit der Übersetzung handschriftlicher Kochrezepte in deutscher Sprache, die im ersten Semester 2025 im Rahmen der Lehrveranstaltung Übersetzung aus dem Deutschen II des Bachelors in Translation Deutsch/Portugiesisch der Hochschule Universidade Federal do Rio Grande do Sul gemacht wurde. Die aus dem Familienbestand von Simone Schultz kommenden und von Oma Maria Krapf und Tante Zilca Ewald verfassten Rezepte stellen Aufzeichnungen von über Generationen hinweg weitergegebenen Ernährungsgewohnheiten im Zusammenhang der europäischen Einwanderung in Blumenau (im Bundesstaat Santa Catarina) und anderen brasilianischen Städten dar. Diese Dokumente, die oft in handschriftlichen Heften erhalten wurden, zeigen nicht nur Anweisungen zur Zubereitung von Speisen, sondern spiegeln auch Erinnerungen eines häuslichen Alltags wider, der durch die Verwandten verstetigt wird. Die Arbeit zeichnete sich dadurch aus, dass sie Übersetzungspraxis und emotionale Erinnerung verband. Bei der Übersetzung gab es auch ein Interview. Dort wurde erklärt, woher die Gerichte kommen, wer sie sammelte, was ihr Lebensweg war und welche Essgewohnheiten die Familie bis heute hat, vor allem bei Festen und bei Zusammenkünften. So war jedes Kochrezept nicht nur ein technischer Text. Es wurde auch als Teil der Esskultur verstanden. Diese Sicht zeigt, dass Essen wichtig für die Identität ist. Neben einer Sprach- und Lernübung stellte sich die Aufgabe auch als eine Chance heraus, über die Übersetzung von Rezepten in ihrer technischen Spezifität nachzudenken (Teixeira, 2009), da sie eine besondere Textsorte darstellen und zur Kulturgeschichte gehören (Wurm, 2007; Wierlacher, 2023). Die Übersetzungspraxis ging ebenfalls mit der Analyse theoretischer Texte zum Thema Kulinarik und zur Textsorte ‚Rezept‘ einher. Bei Betrachtung der Dimension des Essens als immaterielles Erbe und der Übersetzung als die Vermittlungsform zwischen Erinnerung, Sprache und Kultur zeigt der Beitrag die Zweckdienlichkeit der Übersetzung von Rezepten auf, nicht nur als didaktische Praxis, sondern auch als Mittel zur Bewahrung und Verbreitung gastronomischen Wissens in Brasilien.

Schlüsselwörter: Übersetzung von Rezepten; Übersetzung handschriftlicher Texte; Emotionale Erinnerung; Kulinaristik.

Introdução

No primeiro semestre letivo de 2025, na disciplina Tradução do Alemão II do Bacharelado Letras-Alemão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, recebeu-se a incumbência de traduzir do alemão para o português receitas de doces manuscritas por familiares e mantidas de geração em geração.

As receitas que compõem este conjunto foram gentilmente compartilhadas por Simone Schultz, que herdou parte desse acervo culinário em língua alemã por meio da família de seu marido e de suas próprias relações de parentesco. Além de proporcionar a experiência de traduzir as receitas, Simone Schultz gentilmente aceitou conversar com os tradutores sobre a origem dos pratos, suas compiladoras, a história e os costumes da família e hábitos alimentares da região de Blumenau, Santa Catarina, sabidamente com um histórico de migração alemã.

Apenas uma das receitas, de *Windbeutel*, é proveniente da Oma Maria Krapf – avó materna do marido de Simone Schultz – que nasceu na Alemanha, emigrou para o

Brasil, e trouxe consigo saberes culinários que preservou mesmo após viver em cidades como Porto Alegre, Curitiba e em visitas frequentes a parentes em Blumenau. As outras receitas foram compartilhadas pela *Tante* Zilca Ewald, madrinha de Simone e mãe de seu primo. Holandesa de nascimento, viveu a Segunda Guerra Mundial ainda jovem e imigrou para o Brasil com os pais. A mãe de Simone também escreveu um caderno de receitas, hoje infelizmente perdido. Algumas dessas receitas familiares sobreviveram apenas em versões traduzidas. Essas receitas, portanto, não são apenas registros de práticas culinárias: são testemunhos da transmissão oral e intergeracional de saberes, que circulavam entre avós, mães e filhas.

A tarefa proposta fugiu da natureza das traduções normalmente realizadas em sala de aula, de caráter mais técnico, por apresentar pessoalidade e uma carga de memória afetiva pouco frequente em atividades acadêmico-pedagógicas.

A tradução do gênero textual “receita”

As receitas traduzidas, embora manuscritas e de caráter pessoal e familiar, não deixaram de apresentar características correspondentes ao esperado e analisado na tradução do gênero textual em questão.

Teixeira (2009) observa que o gênero “receita” é culturalmente determinado, e suas características textuais variam não apenas entre idiomas, mas também entre culturas, o que implica que o tradutor deva adaptar o texto para que seja reconhecido como uma receita na cultura de chegada, utilizando vocabulário e sintaxe típicos da área. Em traduções para o mercado editorial, o título seria crucial, por ser o primeiro contato do leitor com o texto, devendo informar a natureza da preparação e/ou instigar o leitor a prepará-la. No caso das traduções em tela, o momento crucial parece ser a memória afetiva dos usuários da tradução, que os levaria a procurar o título como forma de resgate das lembranças familiares. Teixeira salienta também o aspecto operativo/instrucional das receitas, cujo propósito principal é guiar o usuário na execução de um procedimento para alcançar um objetivo. Tal característica foi mantida na tradução realizada pelo grupo.

Além disso, Wurm (2007, p. 326) considera que o termo “tipo textual” faz referência a “uma quantidade de textos, normalmente escritos, que um nativo considera servir a um mesmo propósito e criados de acordo com as mesmas convenções, ou seja, com características linguísticas muito semelhantes”. Tal visão coincide com conceito de padrão textual de Sandig (2000 *apud* Wurm, 2007), “que também vê padrões de ação (não necessariamente linguísticos) como motivação para a elaboração de textos a partir

de padrões (prototípicos) semelhantes”. A tradução das receitas familiares de migrantes europeus em Santa Catarina mostraram uma tentativa das autoras em seguir as convenções do tipo de texto, com padrões prototípicos semelhantes, porém evidenciando seu caráter pessoal e familiar ao serem manuscritos e não seguirem à risca a ortografia, as convenções e o ordenamento gráfico normalmente esperados nestes textos.

Ao realizar a tradução proposta, ficou claro para a equipe de tradutores que a tarefa ia além das questões de tradução especializada, abrangendo também uma compreensão antropológica e histórica sobre alimentação, gastronomia, cultura e memória de grupos de migrantes.

O conceito de *Kulinaristik* ou culinárstica, termo híbrido com a analogia “às palavras *Logistik* (logística) e *Germanistik* (germanística) a partir do latim *culina* (cozinha)”, formulado por Alois Wierlacher (2023), mostra como a alimentação ultrapassa a esfera prática e se constitui como fenômeno cultural e comunicativo. Nesse sentido, a tradução das receitas familiares que realizamos dialoga diretamente com essa perspectiva, pois não se trata apenas de transpor instruções culinárias de uma língua para outra, mas de preservar valores, memórias e modos de vida transmitidos entre gerações. Ao tornar acessíveis esses textos marcados pela oralidade, pelas variações dialetais e pela adaptação cultural, o trabalho de tradução contribui para o entendimento da alimentação, uma vez que, como salienta Wierlacher, “o ato de comer e o ato de estabelecer significados e valores estão diretamente relacionados”.

Além disso, ao examinar o costume de carnear porcos entre descendentes de imigrantes alemães, Froehlich (2011, p. 77) observa que

[...] a cozinha e a identidade associada a ela não podem, de forma alguma, ser concebidas de maneira estanque. Longe de constituir um corpo de conhecimentos e práticas cristalizadas no tempo e no espaço, tais mudanças reforçam o caráter dinâmico dos processos culturais.

No caso das receitas de *Oma* e *Tante*, a forma como foram apresentadas as receitas e a distância temporal representaram para os tradutores o desafio de recuperar as informações incluídas nas receitas e levar aos receptores um texto que permitisse a manutenção da memória afetiva e sua continuidade entre gerações, preservando as modificações ocorridas ao longo do tempo.

Processo tradutório e versão final das receitas traduzidas

Destacamos a seguir as particularidades do processo tradutório de textos manuscritos com baixa monitoração, de caráter familiar, que apresentaram desafios

linguísticos e tradutórios pouco comuns. De um lado, foi preciso resgatar as idiossincrasias das anotações das receitas, por outro foi exigido dos tradutores um conhecimento especializado em confeitaria que não era esperado quando se deu início à tarefa de tradução.

A tradução das receitas aqui apresentadas exigiu não apenas conhecimento linguístico, mas também uma interpretação cuidadosa do contexto cultural em que foram produzidas. Muitas dessas receitas circulam oralmente ou foram escritas por falantes de alemão não padrão (ainda que as receitas tenham sido escritas na forma padrão), muitas vezes em grafias idiossincráticas, indicando tanto a interferência do português quanto a oralidade marcada no registro escrito. Expressões como “*dan einschichten*”, “*hald werden lassen*”, ou o uso informal de medidas e tempos de preparo, evidenciam essa mistura de registros e exigem do tradutor uma leitura sensível para além da literalidade.

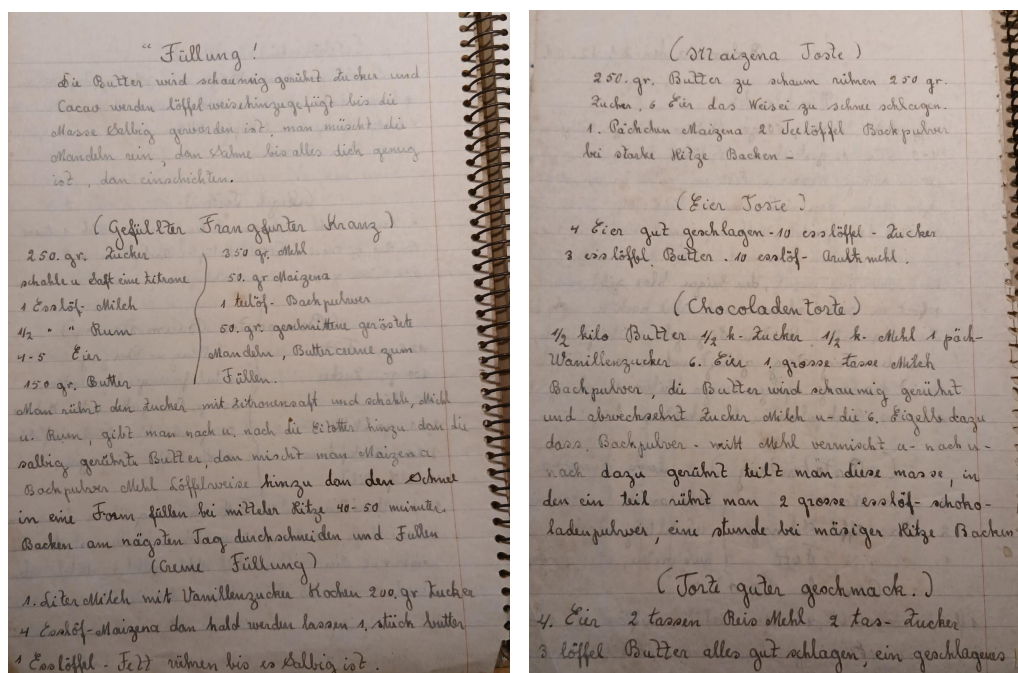
Dessa forma, optamos, sempre que necessário, por reconstituir o texto de forma mais clara e funcional para os leitores contemporâneos, sem, contudo, apagar as marcas de sua origem. Por exemplo, termos como “*salbig*” foram interpretados a partir de seu uso recorrente no contexto (massa cremosa, textura lisa, ponto de pomada), apesar de não serem de uso comum no alemão padrão, conforme pesquisas em textos análogos. O mesmo vale para instruções vagas como “*dan den Schnee*”, que exigiram reconstrução do passo a passo a partir de conhecimento prévio de confeitaria por parte de uma das integrantes do grupo e da lógica interna da receita.

A heterogeneidade textual, com mistura de listas e instruções contínuas, foi regularizada na tradução para favorecer a legibilidade (Figura 1). Decisões foram tomadas com base na funcionalidade do texto: preservar a ordem dos ingredientes, separar os componentes da massa e do recheio, e tornar os verbos de ação mais explícitos, sempre respeitando o estilo econômico típico de receitas.

Na tradução das receitas, as dificuldades encontradas foram, em primeiro lugar, durante a transcrição, pois algumas palavras continham erros ortográficos, o que nos levou a diversas tentativas para encontrarmos uma alternativa mais assertiva, já que o contexto dos textos produzidos não era conhecido pelos tradutores. Também encontramos dificuldades para a tradução dos títulos, porque muitos não possuíam equivalentes em português. Dessa forma, por não conhecermos muitas das receitas descritas, optamos pelo nome original, até mesmo para firmar uma maior relação afetiva evocada por textos provindos de núcleo familiar. Outro ponto a destacar foi o fato de que algumas receitas estavam incompletas. Alguns ingredientes citados, por

exemplo, não se encontravam no modo de preparo, o que nos fez optar, após pesquisa de imagens no Google, por indicá-los na parte reservada aos ingredientes.

Figura 1 – Cadernos de receitas da Tante Zilca Ewald



Fonte: Acervo pessoal de Simone Schultz.

Traduções das receitas compiladas por Simone Schultz

Torta Nevada (Schneetorte)

- 1 xícara de manteiga
- 2 xícaras de açúcar
- 4 gemas
- 1 xícara de leite
- 3 xícaras de farinha
- 4 claras batidas em neve
- 1 colher de chá de fermento

A massa é assada em três formas e a seguir recheada com creme.⁶

Creme:

- 2 xícaras de açúcar
- 3 colheres de vinho tinto ou água fervida

⁶ Não há outras instruções para o preparo da massa.

1 xícara de amêndoas moídas

Modo de preparo:

Cozinhe o açúcar com o vinho tinto (ou água) até formar uma calda. Retire do fogo, misture as amêndoas moídas e deixe esfriar. Quando o creme estiver frio, espalhe-o entre as camadas do bolo. Bata as 4 claras de ovo em neve e cubra a torta com elas. Leve a torta ao forno para secar as claras em neve.

Bolo Bundt (Napfkuchen)

½ xícara de manteiga derretida

1 xícara de leite frio

½ xícara de açúcar

3 gemas

2 colheres de chá de fermento em pó

Óleo alimentício de amêndoas amargas a gosto

Essência de baunilha a gosto

Claras em neve

Modo de preparo:

Asse no forno em temperatura baixa.⁷

Torta de Piquenique

3 claras

2 xícaras de açúcar

3 gemas

1 xícara de manteiga

3 xícaras de farinha

1 xícara de amido de milho

1 xícara de leite

1 colher de fermento em pó

Modo de preparo:

Misture bem e leve ao forno pré-aquecido em temperatura alta.

⁷ A receita exige conhecimento de técnicas de confeitaria, pois não são dadas instruções para a mistura dos ingredientes da massa. Além disso, falta a farinha, que dá estrutura ao bolo. Esse papel seria, então, das claras em neve, que devem ser adicionadas cuidadosamente.

Recheio!

Bata a manteiga até ficar cremosa. Adicione o açúcar e o cacau colher por colher, batendo até que a mistura fique homogênea e cremosa. Em seguida, incorpore as amêndoas e, depois, adicione a nata até que o creme fique firme. Utilize para montar as camadas.

Bolo recheado Frankfurter Kranz

250g de açúcar

Raspas e suco de 1 limão

1 colher de sopa de leite

½ colher de sopa de rum

4–5 ovos

150g de manteiga

350g de farinha de trigo

50g de amido de milho

1 colher de chá de fermento em pó

50g de amêndoas laminadas e torradas

Creme de manteiga para rechear

Modo de preparo:

Bata o açúcar com o suco e as raspas de limão, o leite e o rum. Adicione as gemas uma a uma, batendo bem após cada adição, em seguida, incorpore a manteiga (que já deve estar batida em ponto de pomada). À parte, misture o amido de milho, o fermento em pó e a farinha de trigo, adicione essa mistura aos poucos à massa. Por último, adicione as claras em neve. Despeje a massa em uma forma e leve para assar em forno médio por 40-50 minutos. No dia seguinte, corte e recheie com o creme de manteiga. Cubra o bolo com mais creme de manteiga e decore com as amêndoas torradas em lâminas.⁸

Creme para o recheio

1 litro de leite

Açúcar de baunilha

200g de açúcar

⁸ Apesar de não estar descrito na receita, as imagens no Google do bolo mostram que a cobertura é de creme de manteiga e amêndoas.

3 colheres de sopa de amido de milho

1 tablete de manteiga

1 colher de sopa de banha

Modo de preparo:

Ferva o leite com o açúcar de baunilha. Dissolva o amido de milho em um pouco de leite frio e adicione à panela com o leite fervente, mexendo sempre até engrossar. Deixe amornar. Adicione a manteiga e a banha ao creme morno e mexa bem até que o creme fique homogêneo.

Bolo de areia (Sandtorte)

125g de manteiga

250g de açúcar

125g de amido de milho

125g de farinha de trigo

4 ovos

Essência de baunilha

Suco de limão

Fermento em pó

Modo de preparo:

Derreta a manteiga em banho-maria, adicione a farinha misturada com o amido de milho e mexa bem. Em seguida, adicione aos poucos o açúcar, a baunilha, o suco de limão, os ovos e o fermento em pó, mexendo constantemente.

Stollen de queijo quark

250g de manteiga

250g de queijo quark

250g de farinha

1 pacotinho de açúcar de baunilha

Modo de preparo:

Misture todos os ingredientes até formar uma massa lisa. É melhor deixar a massa descansar durante a noite. Na manhã seguinte, deve-se abrir a massa fina, dobrá-la sobre si mesma, e repetir o processo da mesma maneira.⁹

Gugelhupf Marmorizado

280g de manteiga

350g de açúcar

500/560g de farinha

¼ de litro de leite

6 ovos

Raspas de limão

5 colheres de chá de fermento em pó

70g de cacau

4 colheres de sopa de água

Modo de preparo:

À manteiga batida cremosa, adicione aos poucos açúcar, gemas, alternando com leite frio e metade da farinha, e cascas de limão. A outra metade da farinha é peneirada com o fermento e misturada com as claras em neve de colher em colher à massa. Separe a massa. Em uma metade, adicione o cacau dissolvido em água e asse em forno médio por uma hora. Depois de assado, polvilhe açúcar de confeitiro.

Profiteroles (Windbeutel)

¼ litro de água

50g de manteiga

150g de farinha de trigo

4-5 ovos

1 colher de chá rasa de fermento em pó

Modo de preparo:

Ferva a água com a manteiga de preferência em uma panela funda. Retire a panela do fogo e acrescente a farinha peneirada de uma só vez, mexendo até formar uma

⁹ O final da receita foi cortado na foto usada como base para a tradução.

massa lisa. Leve novamente ao fogo, mexendo até a massa se desprender do fundo da panela, por um minuto. Transfira imediatamente o bolinho de massa quente para uma tigela e adicione os ovos, um a um. Não é preciso adicionar mais ovos quando a massa estiver brilhante e formar picos ao cair da colher. Por fim, misture o fermento à massa já fria.

Massa básica para torta doce ou salgada

1 copo de água

2 colheres de sopa de cachaça

1 colher de sopa de banha

Farinha de trigo até obter consistência de massa caseira e depois sove¹⁰

Uma pitada de sal

Considerações finais

A realização deste trabalho evidenciou como a tradução de receitas culinárias ultrapassa os limites de um exercício puramente linguístico, revelando-se um processo carregado de pessoalidade e de vínculos afetivos. Traduzir os textos exigiu não apenas competências linguísticas, mas também conhecimento prévio e experiência nos processos culinários envolvidos, já que os termos, medidas de ingredientes e modos de preparo eram relevantes para uma tradução funcional com precisão e adequação ao público alvo. Por isso, ficou claro que a tradução gastronômica envolve tanto o domínio da língua quanto a compreensão de práticas culturais e saberes culinários específicos.

Outro aspecto relevante foi que a entrevista realizada e o acesso ao compilado de receitas enriqueceram a experiência acadêmica e aproximaram os tradutores de um patrimônio familiar que se mantém vivo pela transmissão entre gerações.

Traduzir as receitas da *Oma* e da *Tante* representou, portanto, traduzir memórias.

Referências

FROEHLICH, Graciela. Carne(ar), no passado e no presente: hábitos e práticas alimentares entre descendentes de imigrantes alemães. **Campos – Revista de Antropologia**, Curitiba, v. 12, n. 2, p. 69-82, dez. 2011.
DOI: 10.5380/cam.v12i2.27369. Disponível em:
<https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/27369>. Acesso em: 9 jul. 2025.

¹⁰ Novamente, não há instruções para o preparo da massa.

TEIXEIRA, Elisa Duarte. Especificidades da tradução técnica de receitas: alguns problemas e possíveis soluções. **Tradterm**, São Paulo, v. 15, p. 173-196, 2009. DOI: 10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2009.46345. Disponível em: <https://revistas.usp.br/tradterm/article/view/46345>. Acesso em: 9 jul. 2025.

WIERLACHER, Alois. Kulinaristik: Interdisziplinäres Lexikon der Ess- und Trinkkulturen im interkulturellen Kontext. **Prof. Dr. A. Wierlacher: Forschung & Entwicklung, Beratung, Vorträge**, [s. l.], 2023. Disponível em: <http://www.wierlacher.de/kulinaristik.htm>. Acesso em: 9 jul. 2025.

WURM, Andrea. **Translatorische Wirkung**: ein Beitrag zum Verständnis von Übersetzungsgeschichte als Kulturgeschichte am Beispiel von deutschen Übersetzungen französischer Kochbücher in der Frühen Neuzeit. Frankfurt a. M.: Peter Lang, 2007.

Dicionários de línguas minoritárias de matriz alemã: características, finalidades e contribuições

Rafaela Radünz Lazzari¹

Cléo Vilson Altenhofen²

Resumo: Dicionários são uma ferramenta de registro e ensino de línguas e podem, além disso, auxiliar na manutenção de línguas minoritárias. No Brasil, além das línguas indígenas e afro-brasileiras, estão entre as línguas minoritárias as chamadas línguas de imigração, incluindo as de matriz alemã. Tanto aqui no Brasil quanto em outros países existem esforços para compilar dicionários dessa natureza, que servem ao propósito comum de subsidiar a escrita e o registro do léxico da língua. A fim de identificar a amplitude com que se têm disponíveis essas ferramentas, busca-se, neste artigo, fazer um levantamento de alguns dicionários publicados. Seus componentes são analisados a partir de fundamentos da Lexicografia, de forma a melhor entender o trabalho feito pelos compiladores. Apesar de a maioria dos dicionários abordados precisar de um melhor embasamento teórico lexicográfico, isso não diminui o tamanho dos esforços dos compiladores ao querer apresentar sua língua e cultura para o mundo.

Palavras-chave: língua de imigração; dicionários; Lexicografia.

Zusammenfassung: Wörterbücher sind ein Werkzeug zur Erfassung und zum Unterrichten von Sprachen und können darüber hinaus zur Erhaltung von Minderheitensprachen beitragen. In Brasilien gehören neben den indigenen und afro-brasilianischen Sprachen auch die sogenannten Einwanderersprachen, darunter auch solche deutscher Herkunft, zu den Minderheitensprachen. Sowohl hier in Brasilien als auch in anderen Ländern gibt es Bestrebungen, Wörterbücher dieser Art zu erstellen, die dem gemeinsamen Zweck dienen, das Schreiben und die Erfassung des Wortschatzes der Sprache zu unterstützen. Um den Umfang der verfügbaren Werkzeuge zu ermitteln, wurde in diesem Artikel versucht, eine Übersicht über einige diese veröffentlichten Wörterbücher zu erstellen. Ihre Bestandteile werden auf der Grundlage der Lexikografie analysiert, um die Arbeit der Verfasser besser zu verstehen. Obwohl die meisten der behandelten Wörterbücher eine bessere lexikografische Grundlage benötigen, schmälert dies nicht die Bemühungen der Verfasser, ihre Sprache und Kultur der Welt präsentieren zu wollen.

Schlüsselwörter: Einwanderersprache; Wörterbücher; Lexikografie.

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem (Sociolinguística) no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS (PPGLET/UFRGS). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: rafaelalazzari@hotmail.com. ORCID ID: 0009-0004-6497-8814.

² Professor titular da área de Língua Alemã do Instituto de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras, linha de pesquisa de Sociolinguística, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenador do macroprojeto Atlas Linguísticos das Minorias Alemãs da Bacia do Prata (ALMA). E-mail: cleo.altenhofen@ufrgs.br. ORCID ID: 0000-0002-7465-6542.

Introdução

Dicionários, além de serem um material essencial para o aprendizado e para a produção de textos em uma determinada língua, também servem como forma de registrar os usos dessa língua no momento de sua compilação. Nesse sentido, um dicionário pode ser uma ferramenta importante para a manutenção, promoção e revitalização de línguas minoritárias, assim como para o seu ensino e a sua transmissão.

Línguas minoritárias podem ser definidas como “modalidade de línguas ou variedades usadas à margem ou ao lado de uma língua (majoritária) dominante” (Altenhofen, 2013, p. 94). Assim, elas são as línguas que existem de forma periférica às ditas línguas majoritárias, sendo entendidas principalmente a partir de seu *status* político, “muito mais do que pela sua ‘representação numérica’ ou pelo ‘*status social*’ de seus falantes” (Altenhofen, 2013, p. 94).

Incluem-se na categoria de línguas minoritárias as chamadas línguas de imigração. Conforme Seiffert (2009 *apud* Altenhofen; Morello, 2013, p. 19), em um levantamento feito em 2008 pelo Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL), constatou-se que existem no Brasil 51 línguas de imigração. Já Altenhofen (2013) contabiliza 56 línguas de imigração em seu levantamento e sua lista, dentre essas, treze são classificadas como línguas de matriz alemã no Brasil. São elas: alemão (Hochdeutsch); austríaco; bávaro; boêmio; bucovino; Hunsrückisch; Kaffee flickersch; Plautdietsch menonita; pomerano; suábio; suíço; vestfaliano; e Wolgadeutsch.

Apesar do grande número de línguas de imigração, junto com as línguas indígenas e as afro-brasileiras, essa diversidade linguística representa uma fatia extremamente pequena da população brasileira: menos de 1% ainda fala esse tipo de língua (Altenhofen; Morello, 2013). Mesmo sendo uma quantidade pequena de falantes, é importante que haja esforços para a preservação e continuidade dessas línguas. Conforme Altenhofen e Morello (2013, p. 20),

[...] a perda de uma língua, como de qualquer outro patrimônio cultural imaterial, representa um problema que diz respeito não apenas aos cidadãos que detêm ou que estão responsáveis pela salvaguarda desse patrimônio, mas também da sociedade majoritária, que perde nuances significativas da sua constituição, e do Estado democrático que se configura como “um Estado de todos”.

Com um número tão pequeno de falantes, pode ser difícil produzir e encontrar materiais que auxiliem na preservação e no ensino dessas línguas. Isso não diminui os esforços em organizar dicionários de algumas delas, não só aqui no Brasil, como em

outros países que também possuem línguas de matriz alemã, incluindo a própria Alemanha.

A respeito do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), política do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Altenhofen e Morello (2013, p. 21) argumentam que esse tipo de esforço não deve se limitar apenas a documentar línguas, mas promover “práticas e pedagogias, voltadas para as línguas minoritárias, que conduzam a novas formas de relações entre as línguas e dos falantes com seus saberes”. Dicionários são bastante úteis para esses propósitos, sendo seu objetivo principal auxiliar falantes e não falantes (dependendo do tipo de dicionário) a compreender e produzir em determinada língua.

Neste artigo, tem-se como propósito o levantamento de alguns desses dicionários como forma de reunir informações em um lugar só e, assim, facilitar a pesquisa de quem procura por esse tipo de material. A escolha do tema, focando em dicionários de línguas de matriz alemã, está relacionada com a futura dissertação de mestrado da autora, que pretende organizar um dicionário temático de Hunsrückisch focado no léxico de enfermidades e seus tratamentos. Uma análise desses materiais permite ter uma noção de como são organizados dicionários bilíngues ou trilíngues de línguas minoritárias.

Para fazer esse levantamento, foram selecionados seis dicionários bilíngues ou trilíngues disponíveis, com os quais se teve contato no acervo do projeto Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Apesar de a maioria desses dicionários carecer de um melhor embasamento teórico lexicográfico, eles ainda trazem informações valiosas sobre as línguas que contemplam. Vários desses dicionários não trazem apenas a tradução do vocabulário, mas também suas formas de uso, assim como diversas informações culturais de valor significativo. Isso demonstra a sua importância e a dos esforços dos compiladores que encararam a imensa tarefa de apresentar sua língua e cultura para o mundo.

A seguir, estabelece-se primeiro uma fundamentação teórica de base lexicográfica; na sequência, os dicionários são apresentados e discutidos; por último, seguem-se as considerações finais.

Fundamentação teórica

Normalmente, a decisão por parte de uma editora de produzir um novo dicionário é feita analisando lacunas no mercado (Atkins; Rundell, 2008). Esse não é o caso, entretanto, de dicionários de línguas minoritárias, que, devido ao número reduzido

de falantes, dificilmente serão um sucesso comercial da mesma forma que um dicionário de, por exemplo, português – apesar de sua especificidade também trazer certa visibilidade. De qualquer forma, esses dicionários também precisam ser feitos seguindo um embasamento teórico para assegurar sua qualidade, de forma a conseguir atender com eficiência seu público-alvo.

Os dicionários selecionados para este levantamento são todos semasiológicos, isto é, partem do significante com o objetivo principal de fornecer significados (Bugueño Miranda; Farias, 2011). Dicionários desse tipo costumam apresentar quatro componentes canônicos: o *front matter*, a macroestrutura, a medioestrutura e a microestrutura (Bugueño Miranda, 2019). Às vezes, também apresentam outros elementos, como um *back matter*.

Quando um consulente abre um dicionário, a primeira coisa com que se depara é o *front matter*. Ele tem uma função de grande importância, sendo o local onde o usuário é informado sobre qual é o público-alvo do dicionário, qual é sua função, e como usá-lo, servindo também como um manual de instruções (Bugueño Miranda, 2019). É normal que dicionários incluam outros conteúdos no *front matter* (ou no *back matter*), como tabelas de conjugação, mapas, textos curtos etc., dependendo dos objetivos estabelecidos.

A macroestrutura, por sua vez, é “uma estrutura de ordenação que exhibe os lemas como elementos orientadores dos verbetes do dicionário de uma maneira específica”³ (Gouws, 2017, p. 48). Em dicionários semasiológicos, os lemas são organizados em ordem alfabética (Bugueño Miranda, 2019, p. 14), “em ordem vertical e o acesso típico prosseguirá para baixo, começando no topo da página”⁴ (Gouws, 2017, p. 48). A escolha de uma organização da macroestrutura que condiga com os objetivos do dicionário permite aos consulentes navegar por ele e encontrar a informação que procuram com mais facilidade.

Por questões de espaço, às vezes, a macroestrutura se desvia da ordem alfabética, sendo complementada por um ordenamento horizontal, tendo-se assim um nicho léxico – em que os lemas são organizados em ordem alfabética – ou ninho léxico – em que os lemas são agrupados horizontalmente com base morfossemântica e, conseqüentemente, desviam-se da ordem alfabética (Gouws, 2017). Esse tipo de estrutura diminui o espaço utilizado para o dicionário, mas dificulta a acessibilidade se comparado com um dicionário de estrutura lisa (Gouws, 2017) – como é o caso do

³ [...] an ordering structure that displays the lemmata as guiding elements of dictionary articles in a specific way [tradução nossa].

⁴ [...] in a vertical order and the typical access will proceed downwards starting at the top of a page [tradução nossa].

dicionário monolíngue do alemão *Duden* (2013), que apenas lista todos os lemas um abaixo do outro.

Nesse exemplo da língua alemã, vê-se a priorização da acessibilidade, principalmente por se tratar de uma língua com “uma forte tendência à criação de compostos” (Bugueño Miranda, 2014, p. 217), e estes ocuparem espaço, em especial quando dispostos em uma estrutura lisa. “Um dicionário é como um ecossistema”⁵ (Atkins; Rundell, 2008, p. 20), principalmente dicionários impressos: escolher usar mais espaço para uma coisa significa escolher usar menos espaço para outra, e é importante que essas escolhas sejam feitas segundo os objetivos que se têm para o material.

A medioestrutura, por sua vez, trata do sistema de remissões e “diz respeito aos princípios, mecanismos e funções que se realizam quando há uma indicação de se procurar uma determinada informação em outra parte do dicionário” (Bugueño Miranda, 2019, p. 15). Ela é importante para evitar a repetição de informações e economizar espaço no dicionário, redirecionando o consulente para onde está a informação que procura.

Por último, a microestrutura é organizada horizontalmente e “deve fornecer ao menos dois tipos de informações” (Bugueño Miranda; Farias, 2011, p. 46): um comentário de forma “acerca do lema enquanto significante” e um comentário semântico sobre o “signo-lema enquanto significado” (Bugueño Miranda, 2019, p. 15). O primeiro faz referência à ortografia e se encontra no próprio signo-lema, enquanto o segundo são informações sobre sua significação, geralmente na forma de uma paráfrase explanatória (Bugueño Miranda; Farias, 2011; Bugueño Miranda, 2019).

Farias (2019, p. 120) prefere o uso do termo “paráfrase” em vez de “definição”, por considerar este último ambíguo, uma vez que pode se referir tanto ao “ato de definir” quanto ao “produto/resultado do ato de definir”, enquanto “paráfrase” diz respeito apenas ao segundo. Porém, considerando dicionários bilíngues, o normal é fazer uso de uma estrutura de equivalência, que apresenta dois aspectos: a eliminação de distinções de significado que também se encontram no equivalente na língua-alvo, e a introdução de novas distinções para melhor correspondência entre os itens lexicais das duas línguas (Lew, 2022).

Algumas palavras, entretanto, não possuem equivalentes em outras línguas. *Realia*, de acordo com Dubois *et al.* (2000 *apud* Bugueño Miranda, 2010, p. 67), são “os termos de uma língua estrangeira que se referem a uma realidade particular a tal ou

⁵ *A dictionary is like an eco-system* [tradução nossa].

tal cultura”. Nesses casos, ou quando apenas um equivalente não é elucidativo o suficiente, dicionários bilíngues fazem uso de paráfrases (Lew, 2022). Esse segundo caso pode acontecer porque “cada língua apresenta uma organização absolutamente única em todos os seus níveis de estruturação, isto é, no plano fonético-fonológico, no plano léxico e no plano morfo-sintático” (Bugueño Miranda, 2010, p. 66); assim, há casos em que apenas o equivalente não basta sem informações sobre o uso das palavras.

As informações extras necessárias ao usuário dependem de qual fonte este está consultando: o dicionário ativo (L_1 para a L_2) ou o dicionário passivo (L_2 para L_1). Conforme Bugueño Miranda (2010, p. 77), normalmente

[...] um dicionário ativo é macroestruturalmente enxuto e microestruturalmente denso. Por sua vez, um dicionário passivo é macroestruturalmente denso e microestruturalmente enxuto, devido às competências linguísticas diferenciadas entre L_1 – L_2 , que o usuário possui.

Em outras palavras, o consulente não precisa de informações sobre o uso de palavras em sua L_1 , mas sim na L_2 .

Na seção a seguir, são apresentados os dicionários selecionados para este levantamento, procedendo-se, em seguida, à análise individual de cada um.

Os dicionários

Para o levantamento bibliográfico aqui proposto, foram escolhidos seis dicionários, aos quais se teve acesso. Todos eles são dicionários ao menos bilíngues – em dois casos, trilingues –, que representam alguma língua minoritária de matriz alemã e apresentam sua relação de equivalência com uma (ou mais) línguas majoritárias: alemão (padrão), português e inglês. O Quadro 1, a seguir, lista os dicionários a serem analisados:

Quadro 1 – Lista dos dicionários selecionados

Dicionário	Publicação	País	Línguas
Wörterbuch der obersächsischen Mundarten: Band 3 L–R	1994	Alemanha	Alto-saxão (<i>Obersächsisch</i>) – alemão-padrão
Wörterbuch der obersächsischen Mundarten: Band 2 G–K	2003	Alemanha	Alto-saxão (<i>Obersächsisch</i>) – alemão-padrão
Dicionário da Língua Westfaliana Brasileira	2019	Brasil	Westfaliano – alemão-padrão – português

Dicionário	Publicação	País	Línguas
Mennonite Low German Dictionary	2003	Estados Unidos	Menonita (<i>Mennonite Low German</i>) – inglês
Dicionário Português-Renano ("Hunsrückisch")	2014	Brasil	Renano (<i>Hunsrückisch</i>) – português
Abrided Pennsylvania German Dictionary	1970	Estados Unidos	Alemão da Pensilvânia (<i>Pennsylvania German</i>) – inglês

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Como se pode ver, exceto pelos dois primeiros dicionários – que são diferentes volumes de um mesmo dicionário publicados com quase uma década de intervalo –, cada um dos dicionários trata de línguas distintas. Isso foi pensado como forma de chamar a atenção para a diversidade linguística que existe dentro das línguas de matriz alemã para além do alemão-padrão.

A seleção dos dicionários não procura ser exaustiva. Existem, por exemplo, diversos outros dedicados a variedades do Hunsrückisch, como os dicionários alemães de Diener (1971), Müller (1931-1971) e Scherer (2004), e os brasileiros de Wallauer (2022) e Richter (2024). O dicionário de Kuster-Cid *et al.* (2014) foi escolhido observar como um dicionário com base metodológica menos acadêmica – como também é o caso do dicionário de vestfaliano – foi estruturado, em comparação com os demais listados no Quadro 1. Um cotejo com outros dicionários de Hunsrückisch seria interessante, mas não foi feito por questões de tempo.

Além disso, não está presente na análise nenhum dicionário de variedades do pomerano, como os de Schneider (2019), Tressmann (2006) e Tressmann (2024), publicados no Brasil, e de Herrmann-Winter (2017), na Alemanha. Esses também foram deixados de lado, por ora, em razão de limitações de tempo, mas com a perspectiva de uma comparação futura entre eles.

A seguir, são analisados individualmente cada um dos dicionários selecionados, procurando avaliar que tipo de informações buscam apresentar, para qual público-alvo, e se têm sucesso nos objetivos aos quais eles se propõem.

Wörterbuch der obersächsischen Mundarten

O *Wörterbuch der obersächsischen Mundarten* (1994) começou a ser compilado em 1955, pela *Sächsische Akademie der Wissenschaften* [Acadêmia de Ciências da Saxônia], em Leipzig. Ele se divide em quatro partes: o volume 3 (L-R) foi publicado em 1994; o volume 4 (S-Z), em 1996; o volume 1 (A-F), em 1998; e, por último, o volume 2

(G-K), em 2003. No volume 3, explica-se a estranha ordem de publicação: foi preferido não começar com palavras com sufixos como *ab-*, *an-*, *aus-*, podendo assim cobrir primeiro palavras do vocabulário básico (Bergmann et al., 1994). Estão disponíveis no acervo ALMA/UFRGS os volumes 2 e 3, que são descritos aqui.

Explicações sobre abreviaturas e outras informações importantes sobre o dicionário aparecem apenas no *front matter* do volume 3, o que faz sentido se o consulente tem todos os volumes à sua disposição, pois essa escolha economiza espaço no dicionário. Por outro lado, isso dificulta o uso caso o consulente não tenha o volume 3, tanto que o volume 2 começa avisando que “ao ler e usar o dicionário, você deve sempre ter o volume 3 [...] em mãos”⁶ (Bergmann et al., 2003, p. V).

O *front matter* do volume 3 contém uma introdução, abreviações, mapas e sua bibliografia. Na introdução, afirma-se que o objetivo do dicionário é conscientizar sobre a importância cultural e histórica da língua e combater preconceitos (Bergmann et al., 1994). A introdução também relata a história da criação do dicionário, cujo maior valor para um possível usuário é, ao relatar sua metodologia, confirmar que o léxico apresentado no dicionário é de uso real, reunido por meio de questionários com falantes, apreciação de literatura científica e de ficção escrita na língua etc.

O volume também traz informações etimológicas de vez em quando. Assim, o consulente não precisa se preocupar se algum dos verbetes contém palavras antiquadas ou arcaicas, e o dicionário economiza espaço, não precisando indicar se as palavras ainda estão em uso no momento da publicação. Porém, o material possui lacunas quando se trata de termos técnicos (Bergmann et al., 1994), sendo assim um dicionário que acaba se mostrando mais voltado para a língua geral.

Além disso, a introdução da obra explica como é feito o ordenamento alfabético (*ß*, por exemplo, é tratado como *ss*). Essa ordem é interrompida no caso de substantivações e verbos compostos, isto é, verbos cujo significado é alterado pela adição de um sufixo (Bergmann et al., 1994). A introdução também explica como é feito o sistema de remissões, ou seja, a medioestrutura: o dicionário faz uso de uma seta (→) para indicar outros verbetes com significado similar (Bergmann et al., 1994).

Por último, o volume 3 traz uma explicação sobre a estrutura dos verbetes, a microestrutura: são descritas as formas de representação dos casos de homonímia, as informações gramaticais relativas ao lema e às suas abreviações, bem como a

⁶ *Beim Lesen und Benutzen des Wörterbuchs sollte man also stets den 3. Band [...] zur Hand haben* [tradução nossa].

organização dos significados e das abreviações que indicam o tipo de uso da palavra (Bergmann *et al.*, 1994).

Como visto, esse dicionário traz um *front matter* bastante completo, no sentido de explicar bem ao consulente como são organizadas sua macro- e microestrutura. Essa estrutura é, de fato, refletida no restante do dicionário, o que auxilia o consulente a encontrar com mais facilidade as informações que procura.

Dicionário da Língua Westfaliana Brasileira

O *Dicionário da Língua Westfaliana Brasileira* (2019) inicia com um mapa da região do Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul, de forma a situar o usuário no espaço de uso da língua. Já na apresentação, o autor começa introduzindo a cultura dos falantes de vestfaliano⁷ brasileiro, que é também a sua cultura, por meio de relatos de experiências pessoais com as línguas que fazem parte da sua vida.

Na introdução, são comentadas as relações entre o vestfaliano e outras línguas – incluindo o português e o contato com ele (Ahlert, 2019) –, bem como as escolhas feitas para a padronização da escrita.⁸ Essa padronização aproveita muitas das convenções e regras do alemão – já que este é ensinado nas escolas da região –, o que facilita o aprendizado da escrita e a compreensão mútua entre as línguas, sem deixar de representar a pronúncia das palavras (Ahlert, 2019). Na sequência, são descritas as principais regras de escrita e de fonética. Como os verbetes do dicionário não trazem nenhum tipo de informação fonética, essa parte do *front matter* é importante, no caso dos falantes de vestfaliano, para a consulta de uma língua que até então não tinha um padrão de escrita e, no caso dos não falantes, para saber a pronúncia das palavras.

O público-alvo são esses dois grupos: tanto falantes do vestfaliano brasileiro quanto não falantes (Ahlert, 2019). Isso constitui um problema, visto que esses dois grupos precisam de informações diferentes no dicionário. Percebe-se essa organização dos verbetes: como se trata de um dicionário trilingue, ele traz apenas os equivalentes

⁷ Von Mühlen (2025, p. 22) adota a ortografia vestfaliano ao invés de westfaliano – como usado no dicionário – por alguns motivos: “o alinhamento com a tradição de pesquisa e escrita da língua no Brasil”, a “orientação para a tradição de traduções do alemão” e a “representação, através da denominação, do vestfaliano em geral, [...] e não somente o vestfaliano falado no Vale do Taquari”. Já a escolha pela ortografia “westfaliano” está relacionada com o gentílico de Westfália (Von Mühlen, 2025, p. 23). Como o próprio dicionário se apresenta como sendo da “Língua Westfaliana Brasileira” e, em sua introdução, comenta a relação com o vestfaliano falado na Alemanha, optou-se pela ortografia com <v>.

⁸ Esse e outros aspectos do funcionamento da língua são retomados e complementados na *Gramática da língua Westfaliana Brasileira: expressões do cotidiano dos westfalianos*, publicada por Ahlert (2021).

(Figura 1), sem informações sobre quando um equivalente é usado ao invés de outro e quais são as diferenças entre seus significados. A consequência disso é que o material parece mais um dicionário voltado para falantes, já que não há informações sobre o uso das palavras. A vantagem é que o dicionário consegue trazer um número maior de verbetes; entretanto, não é uma troca boa se o consulente não sabe como usar a informação que encontrou.

Figura 1 – Equivalentes no *Dicionário da Língua Westfaliana Brasileira* (2019)

Plattdüütsk	Deutsch	Português
Äädappel	Kartoffel	batata inglesa
Äädappelpannekouken	Kartoffelpfannkuchen	panquecas de batata
Äädbiden	Erdbeeren	moranguinho
Ääden, anne Ääden, up däi Ääden	Erde, auf dem Boden	terra, no chão
ääden, beärdigen, begraben	beerdigen	enterrar
Äädlüüse	Bodentermiten	cupins
Äädlüüsenest	Termitenhügel	cupinzeiro

Fonte: Ahlert (2019, p. 31).

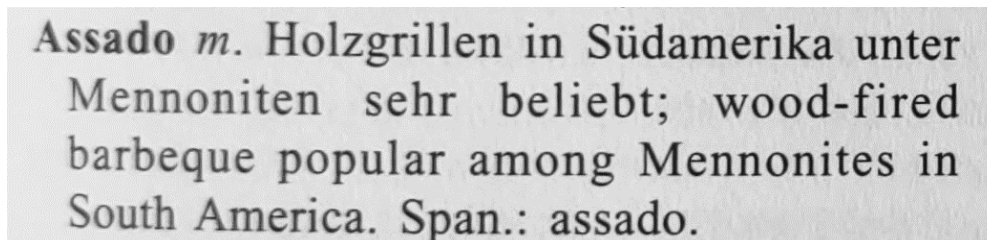
Esse dicionário também possui um *back matter* que contém informações históricas e culturais sobre o município de Westfália, provérbios e ditos populares da língua, além de textos em vestfaliano. Esses foram “reescritos [segundo as regras definidas para a língua vestfaliana brasileira] com base em textos publicados na maioria, na Alemanha, nas regiões de Tecklenburg e Osnabrück, berço dos imigrantes vestfalianos na região do Vale do Rio Taquari” (Ahlert, 2019, p. 29), procurando retratar a cultura local. Os textos servem principalmente para submergir não falantes em aspectos da língua que não são representados nos verbetes.

Mennonite Low German Dictionary

O *Mennonite Low German Dictionary* (2003) começa contando a história do baixo-alemão menonita, chegando às suas raízes indo-europeias e comentando sobre suas diferenças fonéticas com variedades do alto-alemão – parece de fato abarcar todas as variedades da língua presentes em diversos países. Isso pode ser observado na microestrutura, em que o dicionário apresenta a etimologia da palavra, indicando também empréstimos, provenientes das diversas línguas com as quais o baixo-alemão menonita entrou em contato. Um exemplo familiar a um consulente brasileiro é a palavra

“assado” (Figura 2), que aparece logo na terceira página e é indicada como sendo um empréstimo do espanhol.

Figura 2 – Verbete “assado” no *Mennonite Low German Dictionary* (2003)



Fonte: Thiessen (2003, p. 3).

A presença de variedades diferentes da língua menonita, entretanto, não é explicitada no *front matter*. Por outro lado, essa parte da obra traz orientações sobre ortografia e pronúncia, que parecem ser mais voltadas para não falantes ou para falantes de menonita sem conhecimento da escrita dessa língua (Thiessen, 2003). Na seção sobre morfologia, é explicado como funcionam questões de gênero gramatical, casos, pronomes, plural, declinações, conjugações e usos de diferentes tempos verbais e modos (Thiessen, 2003). Aqui provavelmente também se tem em mente um consulente não falante, pois esses elementos da língua já seriam de conhecimento de um falante, talvez apenas não nesses termos técnicos.

Por último, o *front matter* apresenta breves *format guidelines*, nas quais se explica o funcionamento da microestrutura do dicionário. Embora não sejam tão detalhadas quanto as do *Wörterbuch der obersächsischen Mundarten*, elas ainda se mostram bastante úteis. Isso se deve ao fato de que, apesar de também se tratar de um dicionário trilingue – ao menos em sua primeira parte –, a obra não se limita à apresentação de equivalentes, como ocorre no *Dicionário da Língua Westfaliana Brasileira*, mas inclui informações sobre classe gramatical e gênero, além de paráfrases explanatórias quando necessário para elucidar melhor o significado. Contudo, não fica claro por que apenas a primeira parte do dicionário é trilingue (menonita-alemão-inglês, como mostra a Figura 2), enquanto a segunda é apenas bilíngue (inglês-mennonita, Figura 3).

Figura 3 – Verbetes na parte inglês-menonita do Mennonite Low German Dictionary (2003)

adulation *n.* Schmeijchelei.
adulator *n.* Schmeijchla.
adult *n.* Erwossena.
adulterer *n.* Eehebrätja, Schintjeschwoaga.
adultery *n.* Eehebruch, Eehebrätjarie.
advance *v., n.* väärettje, väädrenje, Vääschoss.
advancement *n.* noh bowe vesatte soo aus biem Aumt.
advantage *n.* Väädeel.
advent *n.* Kohme, Advent ver Wiehnachte.
adventure *n.* eene jewoagde Unjanehmung, Beläwnis.
adventurer *n.* eena dee daut droppaun kohme lat.

Fonte: Thiessen (2003, p. 306).

Fica claro, entretanto, que os compiladores estavam pensando na diferença entre dicionário ativo e passivo, pois o uso de paráfrase ocorre na primeira parte. A segunda parte, por outro lado, tem uma microestrutura enxuta, apresentando geralmente apenas equivalentes – exceto quando eles não são suficientes ou não existem, como se pode ver na Figura 3. Essa disposição é interessante, pois indica um dicionário para falantes de menonita, não de inglês ou de alemão-padrão.

Dicionário Português-Renano (“Hunsrückisch”)

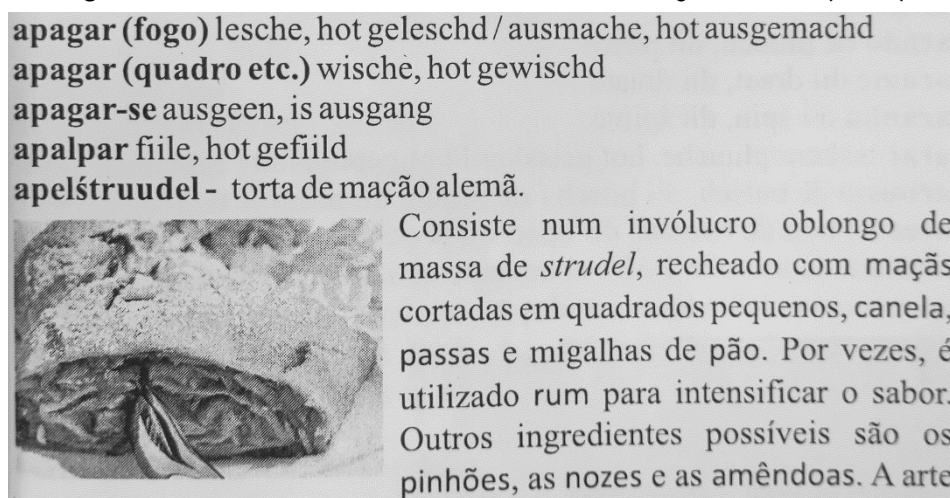
O *Dicionário Português-Renano (“Hunsrückisch”)* inicia com uma breve afirmação sobre o propósito da obra de ser tanto inclusiva – para pessoas que não fazem parte dessa cultura ou falam essa língua, mas têm interesse por ela – quanto potencializadora – procurando reafirmar o valor que essa língua e cultura tem para seus falantes (Kuster-Cid *et al.*, 2014). Fora isso, tem um *front matter* bastante curto: apenas um guia de pronúncia – que traz também questões de variação de pronúncia e escrita (Kuster-Cid *et al.*, 2014) –, o alfabeto da língua e uma explicação sobre a forma feminina dos substantivos presentes no dicionário, que estão todos no masculino.

O dicionário é unidirecional: vai apenas do português para o renano. Sem uma medioestrutura, apenas traz equivalentes para as palavras, separados por vírgula – para questões gramaticais, como conjugações e plurais – ou por barra – para acepções diferentes. Essa distinção é importante, mas para um dicionário que se apresenta como sendo para uso também de não falantes, não há nenhuma explicação sobre.

Os verbetes não contêm paráfrases explanatórias, somente equivalências; contudo, em diversos pontos, quando se trata de questões históricas, geográficas ou culturais, o dicionário traz imagens para ilustrar os verbetes, junto de informações enciclopédicas, como mostra a Figura 4. Sem informações sobre o uso das palavras nem distinção entre os equivalentes, a utilidade do dicionário pode ser limitada.

No final da obra, um curto *back matter* apresenta algumas listas de vocabulário de números, dias da semana e meses do ano.

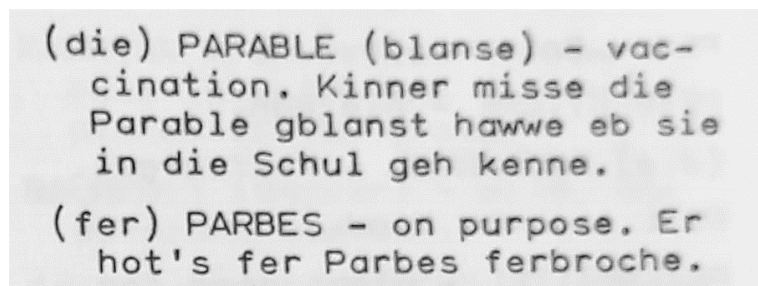
Figura 4 – Estrutura dos verbetes no *Dicionário Português-Renano* (2014)



Fonte: Kuster-Cid et al. (2014, p. 11).

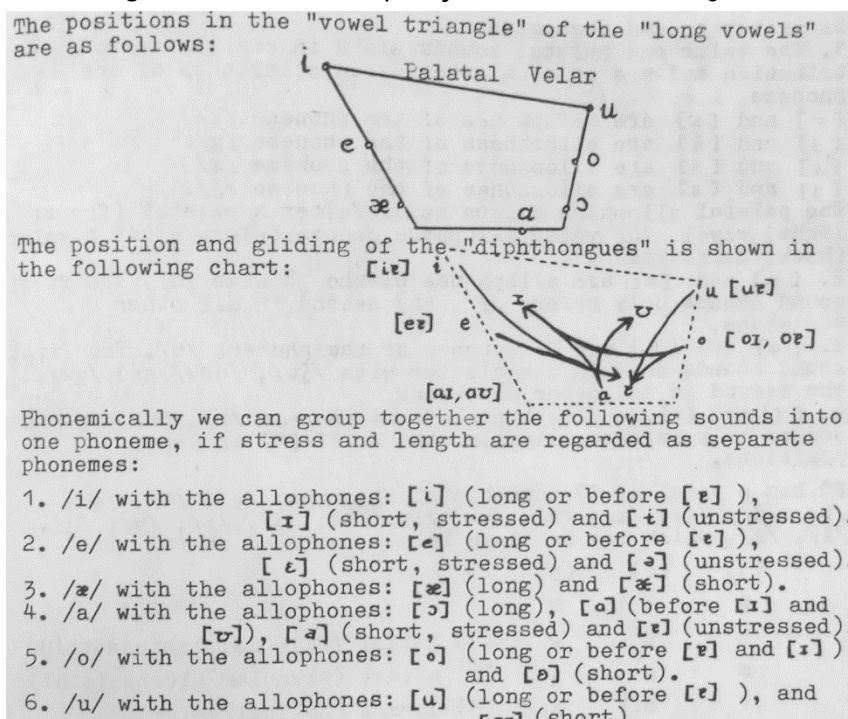
Abrided Pennsylvania German Dictionary

O *Abrided Pennsylvania German Dictionary* foi publicado em 1971 e afirma ser tanto para leitores alemães quanto estadunidenses. Apesar disso, não traz explicações em alemão, alegando limitações de tempo; essa questão não é tratada como um problema ou dificuldade, mas justificada pela defesa de que o alemão da Pensilvânia é similar ao alemão-padrão e de que muitos alemães, além disso, dominam o inglês (Beam, 1971). Dessa forma, por questões de tempo e espaço, as informações nos verbetes do *Abrided Pennsylvania German Dictionary* são breves, mas levam em consideração um dicionário anterior – *Pennsylvania German Dictionary* (1924) –, focando em palavras, variantes e expressões ausentes nele, além de trazer exemplos de frases (Beam, 1971; Figura 5).

Figura 5 – Verbetes com exemplos de frases no *Abrided Pennsylvania German Dictionary* (1971)

Fonte: Beam (1971, p. 77).

No prefácio, é explicado o contexto em que o dicionário foi criado, destacando que a ortografia do alemão da Pensilvânia nele presente procura representar a pronúncia dos falantes reais, que são bilíngues, logo, também falantes de inglês estadunidense, o que sem dúvida influencia o alemão. A ortografia utilizada na obra, portanto, se desvia da estabelecida com o *Buffington-Barba System* em 1939 (Beam, 1971) – questão que é explicada com mais detalhes na seção seguinte do dicionário, sobre ortografia e pronúncia. As explicações sobre a fonética e fonologia da língua são bastante teóricas, como mostra a Figura 6, e provavelmente não muito úteis para a maioria dos consulentes que estão aprendendo a língua sem uma base de conhecimentos em Linguística.

Figura 6 – Parte das explicações fonéticas e fonológicas

Fonte: Beam (1971, p. XI).

O dicionário é unidirecional (alemão da Pensilvânia-inglês), provavelmente pelas mesmas questões de tempo e espaço mencionadas no *front matter*. A microestrutura não traz indicações sobre classes de palavras. Gêneros são indicados pelo artigo entre parênteses antes do lexema, mas sem explicações sobre quais gêneros gramaticais a língua possui nem sobre a correspondência entre cada artigo e seu respectivo gênero (como no primeiro verbete da Figura 5) – informações que seriam importantes para um consulente que só fala inglês. Além disso, são indicados pronomes reflexivos, preposições etc. O dicionário também apresenta os contextos específicos em que certas palavras são usadas e quais verbos são exigidos por quais substantivos, ou quais preposições são necessárias (como no segundo verbete da Figura 5) – nesse caso, fornecendo informações importantes para um consulente que só fala inglês.

Vê-se que a obra precisaria de uma quantidade maior de informações para ser uma fonte mais completa, mesmo sendo um dicionário reduzido. Provavelmente um *front matter* um pouco mais detalhado, trazendo questões de gramática da língua, já resolveria.

Considerações finais

Alguns dos dicionários analisados precisam de uma melhor base teórica da Lexicografia para facilitar o seu uso; outros, de mais informações nos seus verbetes para que os consulentes realmente possam solucionar suas dúvidas. É importante que, durante a elaboração de um dicionário, seja bem definido o seu público-alvo, para que se possa, então, refletir sobre as competências linguísticas desse tipo de consulente e sobre as dificuldades que ele pode encontrar no contato com a língua. Tendo isso definido, fica mais claro quais informações – gramaticais, fonéticas, enciclopédicas, de uso etc. – devem ser incluídas tanto no *front matter* quanto na microestrutura, bem como na escolha das palavras para compor a macroestrutura.

Não se pode negar, contudo, os esforços empreendidos na elaboração de cada um dos dicionários aqui apresentados e sua importância tanto para a manutenção, promoção e equipagem das variedades linguísticas em foco quanto para o ensino de línguas e a propagação da cultura de matriz alemã. Mesmo que alguns tragam menos informações, cada palavra que esses dicionários apresentam é de grande valia para o conhecimento dessas línguas e das comunidades que as falam.

Referências

- AHLERT, Lucildo. **Dicionário da língua westfaliana brasileira: história e contos westfalianos**. Westfália: edição do autor, 2019.
- AHLERT, Lucildo. **Gramática da língua Westfaliana Brasileira: expressões do cotidiano dos westfalianos**. Lajeado: edição do autor, 2021.
- ALTENHOFEN, Cléo V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, Christine et al. (org.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 93-116.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; MORELLO, Rosângela. Rumos e perspectivas das políticas linguísticas para línguas minoritárias no Brasil: entre a perda e o inventário de línguas. In: FARENZENA, Nalú (org.). **Atas do VI Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2013. p. 19-26.
- ATKINS, Beryl; RUNDELL, Michael. **The Oxford guide to practical lexicography**. Oxford: OUP, 2008.
- BEAM, C. Richard. **Abrided Pennsylvania German Dictionary**. Kaiserslautern: Heimatstelle Pfalz, 1971.
- BERGMANN, Gunter et al. **Wörterbuch der obersächsischen Mundarten**: Band 3 L–R. Iniciado por Theodor Frings e Rudolf Große. Berlin: Akademie Verlag GmbH, 1994.
- BERGMANN, Gunter et al. **Wörterbuch der obersächsischen Mundarten**: Band 2 G–K. Iniciado por Theodor Frings e Rudolf Große. Berlin: Akademie Verlag GmbH, 2003.
- BUGUEÑO MIRANDA, Félix. O dicionário bilíngue como problema linguístico e lexicográfico. In: HWANG, Álvaro David; NADIN, Odair Luiz (org.). **Linguagens em interação III: estudos do léxico**. Maringá: Clichetec, 2010. P. 65-91.
- BUGUEÑO MIRANDA, Félix. A estruturação de um dicionário. In: BUGUEÑO MIRANDA, Félix; BORBA, Laura Campos de (org.). **Manual de (Meta)lexicografia**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2019. p. 14-15.
- BUGUEÑO MIRANDA, Félix; FARIAS, Virginia Sita. Da microestrutura em dicionários semasiológicos do português e seus problemas (De la microestructura en diccionarios semasiológicos del portugués y sus problemas). **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 9, n. 1, p. 39-69, 2011. DOI: 10.22481/el.v9i1.1138. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1138>. Acesso em: 27 fev. 2025.
- DIENER, G. Walter. **Hunsrücker Wörterbuch**. Niederwalluf: Sändig, 1971.
- DUDEN. **Deutsches Universalwörterbuch**. Bibliographisches Institut: Mannheim, 2013.
- FARIAS, Virginia Sita. A definição. In: BUGUEÑO MIRANDA, Félix; BORBA, Laura Campos de (org.). **Manual de (Meta)lexicografia**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2019. p. 120-123.

GOUWS, Rufus H. Dictionaries and access. In: FUERTES-OLIVERA, Pedro A. (org.). **The Routledge Handbook of Lexicography**. London: Routledge, 2017. p. 43-58.

HERRMANN-WINTER, Renate. **Neues hochdeutsch-plattdeutsches Wörterbuch**. Tostock: Hinstorff, 2017. Disponível em: https://niederdeutsche-literatur.de/dwn/mv/wb_mv_text-id.php?TEXT_ID=4 (versão digital). Acesso em: 2 dez. 2025.

KUSTER-CID, André et al. **Dicionário Português-Renano ("Hunsrückisch"). Portugiisch-Rhainisch ("Hunsrikisch") Werderbuch**. Marechal Floriano: Grafisana, 2014.

LEW, Robert. Identifying, ordering and defining senses. In: JACKSON, Howard (org.). **The Bloomsbury Handbook of Lexicography**. London: Bloomsbury Publishing, 2022. p. 251-266.

MÜLLER, Josef (org.). **Rheinisches Wörterbuch (RhWb). Im Auftrag der preußischen Akademie der Wissenschaften, der Gesellschaft für Rheinische Geschichtskunde und des Provinzialverbandes der Rheinprovinz**. Iniciado por J. FRANCK. Bonn: Klopp, 1928; Berlim, 1931-1971. v. 1-5. Disponível em: <http://woerterbuchnetz.de/RhWB/>. Acesso em: 27 fev. 2025.

RICHTER, Waldemar Laurido. **Dicionário Hunsrück**. Lajeado: Grupo A Hora, 2024.

SCHERER, Reinhard. **Hunsrücker Dialekt-Ausdrücke: mit einigen Ausdrücken des seinerzeitigen Viehhandels**. Holzbach: edição do autor, 2004.

SCHNEIDER, Alois. **Dicionário escolar conciso: português-pomerano, pomerisch-portugijsisch**. Porto Alegre: Evangraf, 2019.

THIESSEN, Jack. **Mennonite Low German Dictionary**. Madison: Max Kade Institute, 2003.

TRESSMANN, Ismael. **Dicionário enciclopédico pomerano-português. Pomerisch-Portugijsisch Wöirbauk**. Santa Maria de Jetibá: edição do autor, 2006.

TRESSMANN, Ismael. **Dicionário contemporâneo português-pomerano**. Joinville: Areia, 2024.

VON MÜHLEN, Fernanda. **Vitalidade e contatos linguísticos do vestfaliano na topodinâmica de ocupação do Vale do Taquari, Brasil**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/289240>. Acesso em: 2 dez. 2025.

WALLAUER, Erno. **Dicionário Hunsriqueano-Português para os Bicentenários 1822-2022 e 1824-2024**. São Leopoldo: Oikos, 2022.

Pertencimento e memória no discurso sobre o Hunsrückisch em Ivoti (RS): uma análise textual discursiva de fragmentos memorialísticos locais

Luciana Sanguiné¹
Vera Lucia Felicetti²

Resumo: A presente pesquisa parte da observação do progressivo afastamento do Hunsrückisch da oralidade cotidiana em Ivoti (RS) e da carência de estudos que explorem os sentidos atribuídos à língua por seus falantes. O artigo investiga como os moradores da cidade se relacionam com essa herança linguística, considerando seu valor simbólico como expressão de pertencimento e identidade. A análise baseia-se em depoimentos da série Ivoti 70+ e em narrativas do livro *Dramas, comédias e tragédias nas Picadas de Bom Jardim/Ivoti: ecos do passado*, por meio da Análise Textual Discursiva (ATD), com foco na seleção, unitarização e categorização dos dados. Os resultados indicam que, embora o uso ativo da língua seja limitado, ela permanece como traço afetivo e cultural, acionado em memórias que reforçam vínculos familiares e comunitários. O estudo destaca o papel das línguas de imigração na preservação da identidade local e no fortalecimento da memória coletiva em contextos marcados pela diversidade linguística.

Palavras-chave: Hunsrückisch; Ivoti; análise textual discursiva; línguas de imigração; memória cultural.

Zusammenfassung: Die vorliegende Forschung geht von der Beobachtung der fortschreitenden Verdrängung des Hunsrückischen aus dem Alltagsgebrauch in Ivoti sowie vom Mangel an Studien aus, die die von den Sprechern zugeschriebenen Bedeutungen dieser Sprache untersuchen. Der Artikel untersucht, wie sich die Einwohner der Stadt zu diesem sprachlichen Erbe verhalten und betrachtet dessen symbolischen Wert als Ausdruck von Zugehörigkeit und Identität. Die Analyse basiert auf Aussagen aus der Serie Ivoti 70+ sowie auf Erzählungen aus dem Buch *Dramas, comédias e tragédias nas Picadas de Bom Jardim/Ivoti: ecos do passado*, unter Anwendung der diskursiven Textanalyse, mit Schwerpunkt auf der Auswahl, Vereinzelung und Kategorisierung der Daten. Die Ergebnisse zeigen, dass obwohl der aktive Sprachgebrauch begrenzt ist, das Hunsrückische weiterhin als emotionales und kulturelles Merkmal präsent bleibt, das in Erinnerungen aktiviert wird, die familiäre und gemeinschaftliche Bindungen stärken. Die Studie hebt die Rolle der Einwanderungssprachen bei der Bewahrung lokaler Identität und der Stärkung kollektiven Gedächtnisses in sprachlich vielfältigen Kontexten hervor.

Schlüsselwörter: Hunsrückisch; Ivoti; diskursive Textanalyse; Einwanderungssprachen; kulturelles Gedächtnis.

¹ Doutoranda em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: luciana.sanguine@outlook.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8517-7803>.

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com pós-doutorado na University of Maryland – College Park e na American University (Washington, DC), com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Professora e pesquisadora na área da Educação. E-mail: verafelicetti@gmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6156-7121>.

Introdução

Reconhecida por sua forte herança cultural, Ivoti, localizada no Vale do Sinos, no Rio Grande do Sul, desempenha papel central no processo de colonização por imigrantes falantes de línguas de origem germânica, sobretudo a variedade do alemão conhecida como Hunsrückisch, também chamada de hunsriqueano. Esse repertório linguístico, embora não reconhecido oficialmente como idioma nacional, resiste como parte constitutiva da memória social e da identidade cultural da população local. Nesse sentido, a Lei nº 14.061, de 23 de julho de 2012, declara a “Língua Hunsrik”, de origem germânica, como integrante do patrimônio histórico e cultural do estado do Rio Grande do Sul (Rio Grande do Sul, 2012). Conforme Altenhofen (2004), o Hunsrückisch constitui uma das principais variedades do alemão de imigração no Brasil, com grande relevância histórica, especialmente nas regiões de colonização do século XIX.

Em Ivoti, esse legado manifesta-se tanto nas práticas cotidianas quanto nos discursos memorialísticos que resgatam e resignificam o pertencimento étnico-linguístico dos descendentes. Um exemplo disso é a série *Ivoti 70+*, analisada neste artigo, que reúne memórias de idosos que participaram dos primórdios da formação da cidade, com destaque para relatos emblemáticos sobre suas vivências com o idioma. Conforme destaca Meine (2020, p. 68), pode-se

[...] afirmar com tranquilidade que, em Ivoti, são cinco as línguas, ou modalidades linguísticas, que dialogam no processo de comunicação entre os habitantes da localidade: a língua portuguesa popular ou local, a língua portuguesa culta, ou padrão, a língua alemã culta, ou padrão, a língua alemã em sua forma de dialeto característico (o Hunsrückisch de Ivoti) e a língua japonesa, ensinada e praticada essencialmente no espaço da Colônia Japonesa de Ivoti.

Apesar de sua presença histórica no cotidiano de muitas comunidades sul-rio-grandenses, a língua Hunsrückisch enfrenta processos de apagamento, frequentemente impulsionados por uma lógica de substituição linguística associada à falta de políticas públicas voltadas à valorização das línguas de imigração. Conforme aponta Schmitt (2024), a língua sofre hoje um processo de desvalorização e substituição, principalmente nos espaços formais, como a escola, onde o português é a única língua validada institucionalmente. Ainda que o uso cotidiano da língua tenha diminuído, observa-se a persistência de práticas de resistência, especialmente no âmbito familiar e afetivo, em que o Hunsrückisch segue sendo transmitido como marca de pertencimento. Conforme Andritsou e Chatzidimou (2022), esses espaços informais desempenham papel

central na preservação de línguas minoritárias, funcionando como núcleos de resistência frente à pressão hegemônica das línguas dominantes.

É nesse contexto que se insere a presente pesquisa: busca-se compreender como os discursos locais atualizam sentidos de pertencimento vinculados à memória da língua de imigração aqui pesquisada, articulando aspectos afetivos, históricos e políticos. Considerando o arcabouço da Análise Textual Discursiva (ATD), conforme proposto por Moraes e Galiazzi (2011), analisam-se fragmentos memorialísticos produzidos por sujeitos da cidade de Ivoti, com foco na maneira como a língua é evocada, representada e significada nas tramas discursivas da comunidade. Esse método tem sido amplamente empregado em diferentes investigações qualitativas recentes, confirmando sua pertinência para revelar sentidos emergentes nas narrativas (Regis; Felicetti, 2025).

A relevância deste estudo reside na possibilidade de contribuir com o debate sobre as línguas de imigração não apenas como fenômeno linguístico, mas como instrumento simbólico de ancoragem identitária e resistência cultural. Trabalhos como os de Neumann (2008) e Christ, Peres e Rocha (2019) demonstram a força da língua de imigração de base germânica no Brasil como marcador de pertencimento, mesmo em contextos em que seu uso ativo se restringe majoritariamente às gerações mais velhas. Além disso, o presente estudo dialoga com a perspectiva saussuriana da linguagem como forma e valor (Saussure, 2006), compreendendo o discurso sobre a língua como constitutivo da memória e da identidade.

Assim, o objetivo geral deste artigo é analisar como sentidos de pertencimento e memória são mobilizados no discurso de falantes da variedade linguística de origem germânica presente na cidade de Ivoti. Como objetivos específicos, pretende-se: identificar os recursos discursivos que atualizam sentidos de pertencimento; mapear os efeitos de memória associados à língua de imigração; e problematizar as implicações culturais e simbólicas do silenciamento ou resgate desse repertório no espaço social local.

O artigo está estruturado em quatro seções. A primeira apresenta o referencial teórico, com foco nos conceitos de memória discursiva, identidade cultural e nas línguas de imigração como patrimônio imaterial. Na sequência, descreve-se o caminho metodológico adotado, ancorado na ATD, com atenção aos critérios de seleção do *corpus* e às etapas de unitarização e categorização. A terceira parte é dedicada à análise dos resultados, organizados em quatro categorias que evidenciam distintas formas de relação com a língua de imigração no contexto de Ivoti. Por fim, a conclusão

reúne os principais achados e reforça o papel da língua como elemento de pertencimento e identidade, apontando possibilidades para estudos futuros.

Metodologia

O estudo segue uma abordagem qualitativa de orientação interpretativa, tendo como base a ATD, conforme delineada por Moraes e Galiazzi (2007). A escolha desse método se justifica pela sua adequação à investigação dos sentidos atribuídos à língua de imigração, em articulação com processos de identidade e memória. A ATD combina leitura textual e interpretação teórica em um movimento cíclico, no qual os significados emergem a partir das relações construídas nos contextos socioculturais analisados. Essa concepção dialógica e relacional do sentido articula-se com os fundamentos da linguística estrutural propostos por Saussure (2006), para quem a língua é um sistema de signos no qual os significados derivam de diferenças e oposições contextuais.

O *corpus* da pesquisa é composto por fragmentos memorialísticos extraídos de publicações da série *Ivoti 70+*, coordenadas por Belmiro Meine, e do livro *Dramas, comédias e tragédias nas Picadas de Bom Jardim/Ivoti: ecos do passado*, organizado por Kreutz (2014). Foram incluídas as seguintes obras: *Memórias vivas: Norma Finger* (Meine, 2022e); *Memórias vivas: Pronila Krug* (Meine, 2021a); *Memórias vivas: Paulo Gaspar Buchmann* (Meine, 2022d); *Memórias vivas: Luiz Alberto Mário Bencke* (Meine, 2022c); *Memórias vivas: Maria Neuli Robinson* (Meine, 2021b); *Memórias vivas: Maria de Lourdes Bauermann* (Meine, 2022a); e *Memórias vivas: Laerte José Corrêa Silva* (Meine, 2022b).

As personalidades retratadas nesses volumes são figuras de grande relevância no processo de construção social e cultural de Ivoti, desde os primórdios de sua emancipação política até os esforços contemporâneos de manutenção da identidade teuto-brasileira na cidade. Suas trajetórias de vida evidenciam modos de pertencimento, transmissão de valores e ressignificação da herança alemã em diferentes gerações e contextos locais.

As narrativas foram compreendidas como “fragmentos memorialísticos”, nos termos de Nora (1989), por apresentarem relatos individuais que se entrelaçam com memórias coletivas e processos de construção identitária. A seleção do material considerou critérios de relevância temática e circulação pública, com atenção especial a enunciados que mobilizam sentidos de identidade e memória linguística.

A análise foi conduzida em três etapas, conforme delineado na proposta metodológica da ATD: desconstrução dos textos, unitarização dos elementos de sentido e categorização emergente. O recorte sobre a língua de imigração foi orientado pelas

contribuições de Maltzahn (2018), que enfatiza seu papel como marcador identitário, e Von Mühlen (2019), que discute políticas linguísticas e formas de discursivização associadas à manutenção do Hunsrückisch no contexto sul-rio-grandense. Nesse sentido, estudos como o de Robayo e Felicetti (2016) demonstram que a ATD, ao articular-se ao paradigma hermenêutico, amplia a visibilidade das vozes dos sujeitos e possibilita revelar sentidos encobertos nos discursos, reforçando sua pertinência para a análise de narrativas situadas em contextos sociais e históricos. A articulação entre língua, memória e pertencimento será explorada a partir das categorias emergentes, buscando compreender de que modo os discursos analisados operam como dispositivos de afirmação ou negociação identitária no município de Ivoti.

Referencial Teórico

O estudo sobre o pertencimento e a memória associados à língua de imigração em Ivoti articula-se com diferentes campos teóricos, incluindo os estudos da linguagem em contextos minoritários, os debates sobre memória coletiva e os marcos das políticas linguísticas voltadas às línguas de imigração no Brasil. A seguir, serão discutidos os principais aportes conceituais que embasam esta análise.

Identidade linguística e o Hunsrückisch como marcador cultural

A língua Hunsrückisch, presente em comunidades de origem teuto-brasileira, especialmente em regiões como o Vale do Sinos e a cidade de Ivoti, que foi escolhida como recorte espacial nesta pesquisa, transcende sua função meramente comunicativa. Ela configura-se como um emblema identitário que articula pertencimento, memória e resistência cultural. Nesse contexto, o idioma funciona como um marcador simbólico que diferencia o grupo em relação a outros contextos socioculturais, tornando-se elemento fundamental na construção da identidade coletiva. Conforme argumentam estudos sobre línguas de imigração no Brasil, a língua se apresenta como um componente essencial da construção de identidade, evocando laços de pertencimento e continuidade cultural entre gerações (Maltzahn, 2018).

Esse vínculo entre língua e identidade manifesta-se de forma afetiva e histórica. Conforme Payer (1999), a linguagem carrega memórias, modos de ser, visões de mundo e vínculos afetivos e sociais que se expressam na fala cotidiana e na resistência ao apagamento cultural. Dessa maneira, o Hunsrückisch, ainda que muitas vezes restrito às gerações mais velhas, é ressignificado pelas novas gerações como herança cultural, mesmo quando já não é plenamente compreendido ou falado no cotidiano. O simples

ato de nomear a língua ou referir-se a ela em contextos sociais pode representar uma forma de afirmação identitária.

No contexto de Ivoti, município com forte presença da imigração de origem teuto-brasileira, o uso e a memória do Hunsrückisch expressam esforços de afirmação cultural e diferenciação simbólica. A língua é percebida como parte do patrimônio imaterial local, remetendo às histórias dos primeiros colonos e reforçando laços com os antepassados, suas práticas e seus valores. Funciona, assim, como um marcador identitário que vincula os falantes às suas origens e serve como forma de resistência diante de pressões uniformizadoras impostas pelas políticas linguísticas do Estado brasileiro.

Jeffrey Lesser (2015), ao examinar os processos de construção da identidade nacional, aponta que a ideia de “brasilidade” foi moldada por tensões entre assimilação e valorização da diversidade. Grupos étnicos precisaram negociar seus modos de pertencimento e expressão cultural dentro de um discurso oficial que ora exaltava a pluralidade, ora impunha ideais de homogeneização. Nessa dinâmica, a manutenção de línguas de imigração como o Hunsrückisch pode ser vista como forma de resistência cultural, pela qual comunidades reafirmam sua singularidade frente a um modelo nacional unificado.

Nesse sentido, o Hunsrückisch pode ser entendido como parte de uma “tradição inventada”, nos termos de Hobsbawm e Ranger (1997), ou seja, uma prática simbólica que, mesmo modificada ao longo do tempo, adquire função de conexão com um passado coletivo imaginado, fortalecendo os laços identitários e a coesão social. Assim, a língua opera como instrumento de comunicação e, simultaneamente, como lugar de memória, sendo evocada para ressignificar a experiência presente e reafirmar a continuidade de um legado cultural.

Memória e patrimônio linguístico em Ivoti

A relação entre língua, memória e identidade ocupa lugar central nos estudos voltados à preservação do patrimônio imaterial em comunidades marcadas por processos migratórios. No caso de Ivoti, a presença histórica do Hunsrückisch manifesta-se como um elemento constitutivo da memória coletiva local, servindo como fio condutor entre as gerações que compartilham vínculos com a colonização teuto-brasileira. A língua, nesse contexto, ultrapassa sua função comunicativa e assume o papel de marca simbólica de pertencimento e continuidade cultural.

De acordo com Altenhofen (2004), a continuidade das línguas de imigração no Brasil, entre elas o Hunsrückisch, esta relacionada ao grau de reconhecimento e apoio recebido tanto em âmbito social quanto institucional. Em comunidades como Ivoti, onde os moradores associam o idioma herdado à sua história de vida e à configuração da paisagem cultural local, a língua se torna um patrimônio simbólico, mesmo em meio ao seu progressivo abandono no uso cotidiano.

A discussão de Nora (1989) sobre os lugares de memória se faz relevante nesse cenário. Para o autor, a memória coletiva se cristaliza em certos espaços, objetos e práticas que adquirem valor de representação simbólica do passado. Em Ivoti, os registros linguísticos, os relatos biográficos – presentes em publicações como a *Ivoti 70+*, aqui investigada – podem ser compreendidos como autênticos lugares de memória. Eles contribuem para a reconstrução de narrativas sobre a presença alemã e para a reafirmação de uma identidade cultural que se deseja preservar frente às transformações sociais contemporâneas.

Jeffrey Lesser (2015), como já mencionado, ao abordar os processos de construção da brasilidade, argumenta que as identidades étnicas, longe de serem homogêneas, são resultado de negociações permanentes entre o desejo de inserção nacional e a manutenção de traços distintivos. Nesse sentido, o Hunsrückisch representa um traço cultural que, embora marginalizado por políticas educacionais assimilacionistas no século XX, persiste como símbolo de uma resistência identitária. A língua, ainda que restrita a contextos informais ou memoriais, é convocada como marca de autenticidade e diferencial em relação ao todo nacional.

A tradição linguística local também se expressa por meio de eventos e práticas culturais que reforçam a memória coletiva. Festas típicas, cerimônias religiosas e o uso cerimonial da língua em eventos comemorativos funcionam como instâncias de atualização dessa herança. O reconhecimento da língua como patrimônio imaterial, ainda que não formalizado oficialmente em nível estadual ou federal, concretiza-se no plano das práticas sociais e das representações construídas pelos próprios sujeitos.

Dessa forma, a memória linguística em Ivoti não se limita ao passado, constituindo-se como um elemento dinâmico que se articula com as estratégias locais de manutenção de laços comunitários e de distinção simbólica diante do processo de homogeneização cultural. Nesse contexto, o Hunsrückisch deixa de ser apenas um vestígio do passado para assumir o papel de recurso ativo na reconfiguração da identidade no presente.

Políticas linguísticas e a visibilidade das línguas de imigração

É importante destacar que, apesar da ausência generalizada de políticas públicas voltadas à preservação da língua, Ivoti se diferencia por contar com um apoio massivo da própria comunidade. A atuação da Sociedade Ivotiense de Estudos Humanísticos (SIEHU) tem sido fundamental nesse sentido, mobilizando moradores locais em ações voltadas à valorização do Hunsrückisch. Entre os esforços mais notáveis está o trabalho da professora Pronila Krug, figura central nesse movimento, que se dedicou à manutenção da língua por meio de crônicas publicadas em jornais regionais e, posteriormente, reunidas nos dois volumes da obra *Crônicas da Pronila*. Falecida em 2024, a professora deixou um legado importante para a memória linguística e cultural da cidade (Rheinheimer, 2024).

A discussão sobre a vitalidade das línguas de imigração no Brasil exige uma análise crítica das políticas linguísticas historicamente adotadas ou, em muitos casos, negligenciadas. No caso do Hunsrückisch, essa ausência de ações sistemáticas contribuiu para um apagamento simbólico e funcional da língua em diversos contextos sociais. Como apontam Moraes, Loregian-Penkal e Dal Castel (2025), ainda há uma dívida histórica com os falantes de línguas de imigração, herança de períodos como a Era Vargas, cujo nacionalismo linguístico impulsionou o silenciamento de línguas minoritárias. Segundo os autores, as políticas linguísticas voltadas à preservação dessas línguas só começaram a ser estruturadas apenas recentemente no país, refletindo a urgência de ações voltadas à diversidade linguística e à valorização dos saberes locais.

O Brasil, historicamente, adotou uma postura assimilacionista em relação às populações de origem imigrante, especialmente no período pós-Segunda Guerra Mundial, quando o uso de línguas “estrangeiras” foi reprimido em nome da construção de uma identidade nacional homogênea, o que fica evidente em alguns depoimentos da série *Ivoti 70+*. Esse processo afetou de maneira direta as comunidades que preservavam línguas de imigração como o Hunsrückisch, resultando em um silenciamento progressivo de suas práticas linguísticas em espaços públicos.

Em contraposição a esse cenário, esforços pontuais de revitalização têm emergido em âmbito local e comunitário. A elaboração de uma ortografia funcional e a produção de materiais didáticos em Hunsrückisch constituem passos fundamentais nesse processo (Altenhofen *et al.*, 2007) – especialmente em comunidades como Ivoti, onde há desejo social de manutenção da língua. No caso específico do município em questão, o desejo de manutenção da língua se manifesta não apenas em iniciativas institucionais, mas também em práticas culturais e na valorização de narrativas memorialísticas, como

evidenciado nas obras pesquisadas. Os sujeitos dessas narrativas evocam o Hunsrückisch como parte constitutiva de seu pertencimento, demonstrando que a língua não é apenas uma herança passiva, mas um ativo simbólico em constante negociação identitária.

Além disso, como destaca Payer (1999), em contextos minoritários, a linguagem deve ser compreendida como espaço de resistência simbólica. O uso da língua, mesmo quando restrito a ambientes privados ou a eventos culturais pontuais, constitui um gesto de afirmação identitária e de enfrentamento à homogeneização cultural promovida por políticas estatais omissas.

Análise dos discursos memorialísticos

A partir do *corpus* composto por fragmentos da série *Ivoti 70+* e da obra *Dramas, Comédias e Tragédias nas Picadas de Bom Jardim/Ivoti*, procedeu-se à análise dos discursos memorialísticos com base na ATD, conforme proposta por Moraes e Galiuzzi (2011). O objetivo foi compreender como a língua é evocada como marcador simbólico de pertencimento, memória e identidade no contexto da cidade de Ivoti, e como essa evocação opera nos relatos de vida de moradores da região.

A análise foi conduzida conforme a metodologia da ATD, estruturada em três movimentos recursivos e integrados: a desconstrução dos textos, a unitarização dos elementos de sentido e a categorização emergente (Moraes; Galiuzzi, 2011). A primeira etapa consistiu na fragmentação dos textos em unidades de significado relevantes para os objetivos da pesquisa, processo denominado unitarização. Em seguida, essas unidades foram articuladas por aproximação semântica, dando origem a categorias descritivas e interpretativas que expressam diferentes dimensões da experiência linguística com a língua de imigração. O processo foi guiado por uma lógica hermenêutica, mobilizando a intuição, a indução e a dedução do pesquisador em ciclos contínuos de interpretação e reorganização (Moraes, 2003; Torres *et al.*, 2008).

Cada unidade de significado foi identificada por um código, criado com base na fonte e no ano da publicação do material analisado, seguido de uma numeração sequencial. Por exemplo, o código MVB22-U01 indica que o excerto foi retirado de um livro da série *Ivoti 70+* publicado em 2022 (22) e corresponde à primeira unidade de significado extraída (U01). Já o código DCBJ14-U03 refere-se ao terceiro fragmento (U03) identificado na obra *Dramas, Comédias e Tragédias nas Picadas de Bom Jardim*, de 2014 (14). Esse sistema de codificação teve como finalidade garantir a rastreabilidade analítica e organizar os dados de modo a preservar a contextualização de cada excerto no processo interpretativo.

As categorias emergentes foram, por fim, sistematizadas em metatextos interpretativos que comunicam as compreensões alcançadas, revelando a complexidade das relações entre língua, identidade e memória nos discursos analisados. Esse movimento final, correspondente à etapa de comunicação na ATD, evidencia a construção de sentidos mediados entre o *corpus* empírico e os referenciais teóricos mobilizados, conforme proposto por Moraes e Galiuzzi (2011).

Dentre as categorias emergentes, destacam-se:

- Práticas culturais e afetivas no cotidiano familiar, que expressam a centralidade da língua no convívio doméstico e comunitário, associando seu uso a memórias familiares, como nos momentos de socialização em torno do fogão a lenha ou das manifestações musicais em língua alemã (MVB22-U01);
- Interações familiares bilíngues e distribuição geracional do bilinguismo, que revelam a coexistência de códigos linguísticos no ambiente doméstico, marcando um processo de transição entre gerações que ora preserva, ora reduz o repertório de uso do dialeto³ (MVB22-U08, MVB22-U05);
- Inserção social mediada pela língua, em que o domínio do idioma aparece como facilitador de integração comunitária, especialmente em contextos profissionais e institucionais, como na atuação de médicos e farmacêuticos que falavam a variedade regional (MVB22-U02, MVB22-U03, MVB22-U04);
- Dimensão do estigma e conflito linguístico, categorias caracterizadas por experiências de deboche, exclusão e constrangimento social relacionados ao sotaque ou ao uso do dialeto em espaços públicos e educacionais, evidenciando a carga simbólica negativa atribuída à variedade minoritária (MVB21-U02, MVB21-U03);
- Tensão entre língua materna e língua escolar, refletida em memórias de repressão explícita no contexto da alfabetização, como o medo da punição física ou as dificuldades enfrentadas em sala de aula devido à não conformidade com a norma culta (MVB22-U06);
- Memória linguística da comunidade e expressões culturais comunitárias, que evidenciam a presença viva da língua em práticas culturais, sociais e afetivas ainda hoje mobilizadoras de sentidos de pertencimento e continuidade histórica,

³ Neste trabalho, utiliza-se o termo “dialeto” conforme a autodenominação dos falantes da variedade do alemão em Ivoti. Reconhece-se, no entanto, que esse termo é comumente associado a uma ideia de inferioridade linguística. Para uma discussão sobre os sentidos do termo, ver: https://www.ethnologue.com/methodology/?utm_source.

mesmo entre falantes com menor domínio ativo do idioma (MVB22-U09, DCBJ14-U03).

Essas categorias iniciais convergem para evidenciar a função do dialeto como marcador de memória cultural e pertencimento intergeracional, sintetizando os sentidos atribuídos à língua pelos sujeitos. A análise textual, portanto, permitiu mapear como a experiência com o idioma se inscreve simultaneamente em afetos, políticas de exclusão, estratégias de resistência e dinâmicas de transmissão entre gerações.

No Quadro 1, apresentam-se algumas das unidades de significado extraídas do corpus, com seus respectivos códigos, enunciados e categorias analíticas, o que permite visualizar o processo de categorização e os sentidos atribuídos à língua pelos sujeitos entrevistados.

Quadro 1 – Unidades de Significado

Código	Unidades de significado	Categoria inicial	Categoria final
MVB22-U01	“À noite, nos reuníamos em torno do fogão a lenha [...] o pai tocava sua gaita ponto e cantava músicas em alemão.”	Práticas culturais e afetivas no cotidiano familiar	Hunsrückisch como marcador de memória cultural e pertencimento intergeracional
MVB21-U01	“Ela tem sido persistente para a preservação do dialeto Hunsrückisch, escrevendo [...] em um jornal de Ivoti e em outro na região [...] com tradução para o português.”	Práticas de preservação do Hunsrückisch	
MVB22-U02	“Um fator importante para que me firmasse em Ivoti [...] foi o fato de eu falar alemão – o nosso alemão do dia a dia – o Hunsrückisch.”	Inserção social mediada pela língua	
MVB22-U03	“Ali no balcão da farmácia ouvi inúmeras histórias [...] sprechen deutsch in Dialekt [...] prescrevendo e aconselhando.”		
MVB22-U04	“Devido à sua origem do interior [...] isso o favoreceu [...] pois em Ivoti [...] há muitas pessoas que praticamente só dominam a língua alemã [...].”		
MVB22-U05	“Gostava de falar alemão clássico, que ele não dominava, mas fazia questão de se comunicar como podia.”	Distribuição geracional do bilinguismo	
MVB22-U06	“O professor era um coitado! Nem português sabia falar [...]. A maioria dos alunos só falava alemão [...]. Vou ler a leitura anterior, que eu sabia de cor. Não apanhei naquele dia.”	Tensão entre língua materna e língua escolar	
MVB21-U02	“O sotaque alemão estava muito presente. [...] Era muito difícil e as colegas de Novo Hamburgo riam muito. Hoje isso seria bullying, na época era deboche.”	Estigmatização e conflito linguístico	
MVB21-U03	“Entre as lembranças tristes [...] as risadas das colegas pelo meu sotaque alemão.”		

Código	Unidades de significado	Categoria inicial	Categoria final
MVB22-U07	“Eram crianças, jovens e adultos [...] muitas se comunicando com dificuldade só no dialeto alemão [...]. A mistura entre saúde e doença.”	Contato linguístico e diversidade geracional	
MVB22-U08	“Desde cedo aprendi a entender o idioma alemão, o Hunsrückisch [...] minha mãe falava muito em alemão comigo, mas eu sempre respondia em português.”	Interações familiares bilíngues	
MVB22-U09	“Eu gostava demais de conversar com ele, que não falava português, apenas o dialeto alemão.”	Memória linguística da comunidade	
DCBJ14-U01	“Olho para trás e tenho saudades daqueles tempos [...]. A maioria dos jovens era bilíngue: alemão e português [...]. Todos se conheciam.”		
DCBJ14-U02	“Na década de sessenta, todos falavam o alemão em Ivoti [...]. A confusão linguística era entre o alemão oficial e o dialeto. [...] ‘Jung Licht’ era Lua Nova.”	Convivência entre normas linguísticas	
DCBJ14-U03	“Com saudade, [...] das peças teatrais em alemão que ele e seus colegas ensaiavam e apresentavam em toda a região, uma vez por semana.”	Expressões culturais comunitárias	

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Discussão da categoria final: o Hunsrückisch como marcador de pertencimento e memória

A resistência linguística emerge como um elemento central na afirmação da identidade cultural teuto-brasileira, enraizada no cotidiano dos falantes de Hunsrückisch. Os relatos analisados evidenciam que, mesmo diante de contextos adversos, essa expressão é sustentada como referência simbólica de pertencimento e de afirmação do orgulho identitário. Esse fenômeno está bem descrito por Altenhofen *et al.* (2018), ao destacarem como o alemão é muitas vezes a “língua de casa”. Essa relação afetiva com o idioma aparece em diversos excertos que remetem a usos cotidianos da língua no ambiente doméstico, como nos momentos de convivência ao redor do fogão a lenha, onde o canto em alemão se mesclava à rotina familiar (MVB22-U01). Trata-se de práticas que mobilizam uma memória viva e incorporada, sustentando a língua como lugar de enraizamento identitário.

Essa resistência pode ser compreendida, à luz de Payer (1999), como uma “atitude de manutenção” característica de comunidades bilíngues. Essa atitude aparece de forma marcante nos relatos em que a língua é aprendida ainda na infância, transmitida de modo afetivo no seio da família. Em um dos excertos analisados, o uso recorrente do dialeto no ambiente doméstico é narrado como algo espontâneo, embora

coexistisse com respostas em português (MVB22-U08), revelando uma convivência linguística marcada pela afetividade, mas também por assimetrias.

Por outro lado, essa experiência de pertencimento é tensionada pela percepção generalizada de desvalorização institucional da língua. Conforme Von Mühlen (2019), os próprios falantes expressam o sentimento de invisibilidade perante o poder público e a ausência de ações sistemáticas de valorização. Essa percepção é recorrente nos relatos que indicam a ausência de apoio político e educacional limitando o uso à esfera privada, desvinculada de políticas de promoção ou reconhecimento. Em uma das passagens, o narrador relata que, apesar de a língua ser preservada no cotidiano de famílias do interior, sua legitimidade não é reconhecida socialmente (MVB22-U04). Essa ausência de valorização formal contribui para o esvaziamento simbólico do idioma nos espaços públicos.

A escola, nesse contexto, é frequentemente mencionada como um espaço de silenciamento e repressão linguística. Diversos relatos evidenciam experiências de constrangimento associadas ao uso do dialeto no ambiente escolar. Como sintetiza Bourdieu (1991), a imposição da “língua legítima” nos espaços de socialização opera como forma de violência simbólica. Isso se manifesta, por exemplo, nos relatos de situações em que alunos foram alvos de deboche devido ao sotaque (MVB21-U03) ou à dificuldade de leitura em português (MVB22-U06).

Nesse conjunto de narrativas, observa-se um campo de disputa entre a permanência afetiva da língua e sua repressão institucional. A manutenção do Hunsrückisch, mesmo diante de políticas de silenciamento, emerge como prática de resistência simbólica, enquanto a lembrança de episódios de exclusão revela as marcas da hierarquização linguística. A análise evidencia como a experiência linguística está entrelaçada a sentimentos de pertencimento, exclusão e luta por reconhecimento, compondo um retrato denso das dinâmicas identitárias no município de Ivoti.

Considerações finais

A análise dos discursos memorialísticos coletados em Ivoti revelou a centralidade simbólica da língua Hunsrückisch como marcador de pertencimento, memória e identidade. Ainda que o uso cotidiano do Hunsrückisch, chamado de dialeto pelos moradores locais, tenha se reduzido consideravelmente nas últimas décadas, ele persiste como um traço cultural importante, evocado em narrativas que resgatam vivências, afetos e vínculos intergeracionais. Por meio da ATD, foi possível identificar categorias que refletem diferentes formas de relação com a língua: resistência e orgulho

identitário; desvalorização institucional; transmissão familiar e afetiva da língua; e escola como espaço de apagamento.

O estudo evidencia que o Hunsrückisch, longe de ser apenas um resquício linguístico do passado, permanece ativo como componente simbólico da memória coletiva local. Ele é mobilizado como instrumento de resistência cultural, especialmente em contextos familiares e comunitários, onde sua presença reforça laços de pertencimento e diferenciação simbólica. Ao mesmo tempo, os relatos revelam tensões marcantes entre a valorização afetiva da língua e a ausência de reconhecimento formal por parte das instituições, sobretudo no sistema educacional, em que a repressão ao uso do dialeto marcou negativamente a experiência de muitos falantes. Nesse contexto, o uso do dialeto emerge como uma prática de disputa simbólica, atravessada por emoções de orgulho, dor, silenciamento e afirmação identitária, hora afetiva, hora política, que visa a defender o direito à pluralidade linguística.

Por fim, cabe afirmar que este trabalho contribui para a valorização das línguas de imigração como patrimônio imaterial, destacando a importância de políticas públicas sensíveis à pluralidade cultural brasileira. O presente artigo também oferece subsídios para futuras investigações sobre práticas de resistência linguística, transmissão geracional e revitalização em contextos minoritários. A permanência do Hunsrückisch, ainda que fragilizada, aponta para a potência simbólica da linguagem como elemento estruturante da identidade coletiva e das narrativas sobre o pertencimento.

Referências

ANDRITSOU, Maria; CHATZIDIMOU, Konstantinos. Family Language Policy and Childhood Bilingualism: a multidimensional theoretical analysis. **European Journal of Language and Literature Studies**, Londres, v. 8, n. 1, p. 100-109, 2022. Disponível em: https://revistia.com/files/articles/ejls_v8_i1_22/Andritsou.pdf. Acesso em: 29 jun. 2025.

ALTENHOFEN, Cléo V. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. **Revista Internacional de Linguística Iberoamericana**, Madri, v. 2, n. 1(3), p. 83-93, 2004. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41678200>. Acesso em: 21 maio 2025.

ALTENHOFEN, Cléo V. *et al.* Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil. **Contingentia**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, 2008.

ALTENHOFEN, Cléo V. *et al.* (org.). **Hunsrückisch em prosa & verso: textos do Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2018**. Porto Alegre: Instituto de Letras – UFRGS, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **Language and Symbolic Power**. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

CHRIST, Aparecida da Penha Krohling; PERES, Edenize Ponzo; ROCHA, Lucia Helena Peyroton da. A história social dos contatos entre o Hunsrückisch e o português em Domingos Martins – Espírito Santo. **Revista Sociodialeto**, Campo Grande, v. 10, n. 28, p. 66-80, jul. 2019. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/sociodialeto/article/view/7963>. Acesso em: 29 jun. 2025.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcanti. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

KREUTZ, Roque Amadeu (org.). **Dramas, comédias e tragédias nas Picadas de Bom Jardim/Ivoti: ecos do passado**. Ivoti: Feevale, 2014.

LESSER, Jeffrey. **A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

MALTAZHANN, Paulo. A língua alemã como marcador de identidade étnica em Pomerode. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, v. 21, n. 33, p. 113-135, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/1982-88372133113>. Acesso em: 29 jun. 2025.

MEINE, Belmiro. As línguas que dialogam em Ivoti. In: SCHNECK, Andréa Cristina Baum et al. (org.). **Mosaicos de então: pessoas, fatos, lugares de memória, crônicas de Ivoti**. Ivoti: Sociedade Ivotiense de Estudos Humanísticos, 2020. p. 67-71.

MEINE, Belmiro (coord.). **Memórias vivas: Laerte José Corrêa Silva**. Estância Velha: Z Multi, 2022b. (Série Ivoti 70+, 5).

MEINE, Belmiro (coord.). **Memórias vivas: Luiz Alberto Mário Bencke**. Estância Velha: Z Multi, 2022c. (Série Ivoti 70+, 7).

MEINE, Belmiro (coord.). **Memórias vivas: Maria de Lourdes Bauermann**. Estância Velha: Z Multi, 2022a. (Série Ivoti 70+, 3).

MEINE, Belmiro (coord.). **Memórias vivas: Maria Neuli Robinson**. Estância Velha: Z Multi, 2021b. (Série Ivoti 70+, 2).

MEINE, Belmiro (coord.). **Memórias vivas: Norma Finger**. Estância Velha: Z Multi, 2022e. (Série Ivoti 70+, 9).

MEINE, Belmiro (coord.). **Memórias vivas: Paulo Gaspar Buchmann**. Estância Velha: Z Multi, 2022d. (Série Ivoti 70+, 8).

MEINE, Belmiro (coord.). **Memórias vivas: Pronila Krug**. Estância Velha: Z Multi, 2021a. (Série Ivoti 70+, 1).

MORAIS, Mauri da Cruz de; LOREGIAN-PENKAL, Loremi; DAL CASTEL, Juvenal. Políticas linguísticas para as línguas de imigração: uma mudança sólida em andamento? **Revista Linguagem**, São Carlos, v. 48, n. 1, p. 325–342, 2025. Disponível em:

<https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/download/1707/1058>. Acesso em: 28 jun. 2025.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/SJKF5m97DHykhL5pM5tXzdj/?lang=pt>. Acesso em: 28 jun. 2025.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

NEUMANN, Gerson Roberto. A tradição escrita do Hunsrückisch e a produção literária. In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO, 17., 2008, São Leopoldo. **Anais [...]**. São Leopoldo: Oikos, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/184139>. Acesso em: 29 jun. 2025.

NORA, Pierre. Between memory and history: les lieux de mémoire. **Representations**, Oakland, n. 26, p. 7-24, 1989. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2928520>. Acesso em: 29 jun. 2025.

PAYER, Gisela. **Imigração e identidade: os descendentes de imigrantes alemães e a preservação do idioma como manifestação cultural**. 1999. 147 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.1999.175382>. Acesso em: 29 jun. 2025.

REGIS, Mayra Guterres; FELICETTI, Vera Lucia. Bolsistas egressos de Iniciação Científica Júnior: oportunidades e desafios. **Educação: teoria e prática**, Rio Claro, v. 35, n. 69, p. 1–26, 2025. DOI: <https://doi.org/10.18675/1981-8106.v35.n.69.s17890>.

RHEINHEIMER, Isaias. Morre Pronila Krug, professora, líder comunitária e escritora de Ivoti. **ABC+**, [s. l.], 15 abr. 2024. Disponível em: <https://www.abcm.com.br/brasil/rio-grande-do-sul/morre-pronila-krug-professora-lider-comunitaria-e-escritora-de-ivoti/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

RIO GRANDE DO SUL. Lei nº 14.061, de 23 de julho de 2012. Declara integrante do patrimônio histórico e cultural do Estado do Rio Grande do Sul a “Língua Hunsrückisch”, de origem germânica. **Diário Oficial do Estado**, n. 142, 24 jul. 2012. Disponível em: <https://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/14.061.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2025.

ROBAYO, Adriana Pineda; FELICETTI, Vera Lucia. El análisis textual discursivo en la investigación educativa. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE ESTUDIOS, 34. 2016, New York. **Anais [...]**. New York: ALAE, 2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHMITT, Tafarel. “Das Deitsch hot noch viel Weat”: o que dizem falantes de Hunsrückisch de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul sobre a língua. **Contingentia**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, 45-68, 2024. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/143761>.

TORRES, Juliana Rezende *et al.* Resignificação curricular: contribuições da investigação temática e da análise textual discursiva. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, 2008.

VON MÜHLEN, Fernanda. **Políticas linguísticas relacionadas à(s) escrita(s) e à(s) ortografia(s) do hunsriqueano e as percepções dos falantes**. 2019. 166 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8201>. Acesso em: 29 jun. 2025.

O tempo e a sala, de Botho Strauss

Francisco Cenci Dal Ponte¹
Gerson Roberto Neumann²

STRAUSS, Botho. **O tempo e a sala**. Tradução de Fernanda Boarin Boechat. Curitiba: Editora UFPR, 2024.

Botho Strauss, nascido em 1944, é um escritor alemão que atua como dramaturgo, romancista e ensaísta, tendo se destacado especialmente no teatro de língua alemã a partir da década de 1970. Sua obra alcançou ampla circulação e numerosas encenações sobretudo entre os anos 1970 e 1990, período em que se consolidou como uma presença central na cena teatral alemã contemporânea. Durante muito tempo, o autor figurou entre os cinco mais encenados na Alemanha, perdendo somente para Shakespeare, Goethe e Brecht.

Strauss estudou Germanística, História do Teatro e Sociologia nas universidades de Colônia e Munique, mas não concluiu a formação acadêmica. Entre 1967 e 1970, trabalhou como jornalista e crítico teatral da revista *Theater heute*. Em seguida, atuou como dramaturgo na Schaubühne am Halleschen Ufer, em Berlim, função que exerceu até 1975. Após esse período, passou a dedicar-se exclusivamente à escrita como autor independente.

Ao longo de sua carreira, Botho Strauss publicou um grande número de peças teatrais, textos em prosa, romances, narrativas curtas e ensaios. Sua produção abrange diferentes formas literárias e foi amplamente encenada e debatida no contexto cultural alemão. Em 1993, um ensaio publicado na revista *Der Spiegel*, intitulado “*Anschwellender Bocksgesang*”, gerou grande repercussão e controvérsia no debate público devido ao

¹ Bacharelado em Letras (Tradutor Português-Alemão) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: franciscodalponte@gmail.com.

² Professor associado de Língua e Literatura Alemã no Setor de Alemão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do Instituto Histórico de São Leopoldo (IHSL). Pesquisador Fundador do Centro de Estudos Europeus e Alemães (CDEA). Bolsista de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: gerson.neumann@gmail.com. ORCID ID: 0000-0001-5809-6998.

caráter político conservador das críticas do autor à civilização moderna e à sociedade alemã contemporânea.

Strauss recebeu diversos prêmios literários e teatrais importantes, entre eles o Jean-Paul-Preis, em 1987, e o Georg-Büchner-Preis, em 1989. Atualmente, Botho Strauss é considerado o dramaturgo vivo mais importante em língua alemã, ao lado de nomes como Peter Handke, Nobel de Literatura em 2019.

O tempo e a sala foi publicado em 1989 e levado aos palcos pela primeira vez no mesmo ano, com a direção do cineasta suíço Luc Bondy (1948-2015). A presente resenha tem como base a tradução da obra para o português feita pela Prof.^a Dr.^a Fernanda Boarin Boechat, docente da Universidade Federal do Pará (UFPR), e lançada em 2024, pela Editora da UFPR.

Os fantasmas da Segunda Guerra Mundial ainda assombravam o continente, e a agitação social e política aumentava na Alemanha e no resto da Europa. Os sentimentos de incerteza, isolamento e solidão, o medo das rápidas mudanças das grandes metrópoles estão presentes no cerne do texto, evidenciados pela fala da personagem inicialmente chamada de A Menina da Rua, logo no início da peça:

A quem que eu não tive que me adaptar! Me adaptei ao homem complicado, sentimental e ao homem de negócios. Compartilhei os problemas dele. Estudei a maneira de verem o mundo, aceitei, fiz desta a minha. Respondi tanto ao calado como ao falador. Ajudei o infeliz e fui animada com o alegre. Com o esportista fui correr, com o que gostava de beber fui beber. Não sobrou nada. De nenhum. Rastro algum. Foi saudável. Aquilo que lá segurei com força lá deixei: aquilo que eu sou (Strauss, 2024, p. 28-29).

Podemos, então, já ter certa ideia das intenções do autor em retratar a desarmonia de um modelo de sociedade em colapso e registrar a percepção de inadequação perante o tempo e o espaço (como nos informa o título da obra), ajudando a compor o tom e até mesmo o cenário da peça.

Seguindo a marca do autor, *O tempo e a sala* apresenta uma série de encontros e desencontros entre os personagens, ora aparentemente desconexos, ora encaixados de forma estranhamente inquietante, realçando a falta de linearidade narrativa e, ao mesmo tempo, promovendo uma oscilação entre um plano possivelmente real e um de caráter quase onírico. Esse aspecto da obra foi, inclusive, alvo de críticas negativas a certas montagens do texto, visto como um conjunto de acontecimentos sem ou de igual importância para a história que se desenrola à nossa frente.

Essa flutuação permite um exercício de pensar outras formas de encarar o tempo, a história e a memória, conforme ressalta Stephan Baumgärtel:

A partir da convicção de que o mundo midiático capitalista produz um totalitarismo do presente que impossibilita enxergar qualquer contexto diferente do atual e assim fabrica processos de exploração cada vez mais introjetados na consciência humana, o dramaturgo busca maneiras de representar poeticamente uma compreensão da vida que escape dessa teia asfíxiante (Baumgärtel, 2024, p. 99).

A peça, dividida em dois atos e ambientada em um espaço descaracterizado, com exceção de duas poltronas, uma mesa e três janelas, nos apresenta “um entrelaçamento de dois contextos de vida e de duas qualidades de percepção temporal” (Baumgärtel, 2024, p. 103). São então introduzidos Marie Steuber, a figura considerada central na trama, e uma série de outros personagens que parecem transitar entre dois planos de existência intrincados.

No primeiro ato, em um espaço que faz lembrar uma sala de estar, separada do espaço da rua, dois personagens observam o lado externo e comentam sobre as figuras que passam por lá. Diferentes personagens que possuem nomes simbólicos (O Homem sem Relógio, A Mulher Adormecida, O Homem de Casaco de Inverno, A Impaciente) começam, então, a transitar pelo espaço interno, dialogando uns com os outros de maneira desconexa, falando ao mesmo tempo, indo e voltando em assuntos, tratando de eventos cuja veracidade não sabemos. Coexistem diferentes percepções de uma realidade que talvez não seja real.

A estrutura narrativa do primeiro ato coloca todos os personagens em uma existência alegórica e destaca o papel da memória na narrativa, conforme declara A Menina da Rua: “[...] a única coisa que temos são nossas lembranças. O que resta é: ficar olhando pela janela até que se suma de novo da face da terra” (Strauss, 2024, p. 29). A declaração vai ao encontro da visão crítica do autor em relação à maneira de ver, lidar e perceber as coisas na nova ordem social e política que estava sendo estabelecida na época. Ao final do primeiro ato, os personagens, até então nomeados apenas simbolicamente, chamam uns aos outros, no escuro, pelos seus nomes reais.

No segundo ato, temos uma série de cenas entre as diferentes figuras e Marie Steuber, em cenários da vida civil e, ao que tudo indica, do campo do real, ainda que persistam aspectos fantásticos na narrativa, comuns na obra de Strauss. Apesar do segundo ato acontecer em um contexto aparentemente concreto, não temos um desenvolvimento profundo ou complexo da psicologia e das motivações dos personagens que estão presentes na narrativa. O autor não fornece informações que ajudem o leitor a decifrar o contexto das interações, o que aconteceu antes e o que aconteceu depois.

Logo, sem um início, um meio e um fim, a peça do autor estabelece tempos distintos dentro do mesmo espaço. Um tempo que podemos considerar pertencente à ordem do simbólico, outro próprio do plano empírico. Ambos lidando com as mudanças de uma sociedade que se afasta cada vez mais de si própria e que parece se entregar cada vez mais ao desequilíbrio, criando um panorama que é marcado por relações impessoais e por uma falta de um passado vivido.

De modo geral, *O tempo e a sala* explicita as críticas de Botho Strauss à civilização moderna e à sociedade capitalista que estava assumindo uma forma concreta entre as décadas de 1980 e 1990, expõe a incapacidade de adequação social e psicológica dos sujeitos em relação ao tempo e ao espaço e ressalta a necessidade de um envolvimento efetivo com o outro.

De volta à tradução, é necessário fazer um breve comentário: como já mencionado inicialmente, a autoria é de Fernanda Boarin Boechat, docente da UFPR. A obra foi lançada em 2024 pela Editora da UFPR e faz parte da coleção *Dramas & Poéticas*, dedicada a textos teatrais e escritas poéticas de origem estrangeira e brasileira, inéditos ou ainda pouco conhecidos por um grande público. O trabalho, realizado especialmente para a montagem da peça dirigida pelo ator e diretor de teatro Leandro Daniel, em 2023, apresenta grande sensibilidade e inteligência e evidencia as ótimas escolhas tradutórias de Fernanda Boechat, resultando em um texto que consegue captar as intenções, o estilo e o espírito da obra de Botho Strauss.

Referências

BAUMGÄRTEL, Stephan. Posfácio: *O tempo e a sala* – a construção teatral-narrativa de uma percepção temporal não linear. In: STRAUSS, Botho. **O tempo e a sala**. Tradução de Fernanda Boarin Boechat. Curitiba: Editora UFPR, 2024. p. 97-114.

Contingentia